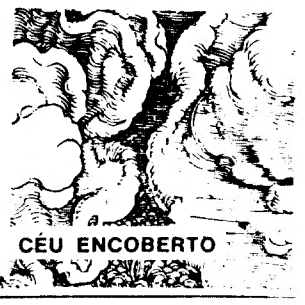
Diário de Lisboa

Fundador: **JOAQUIM MANSO** Director: **A. RUELLA RAMOS** Quarta-feira, 11 de Setembro de 1974 N.º 18559 Ano 54.º Preço 2$50



CONGELADAS AS RENDAS DE CASA

«É estendida a todo o País a suspensão das avaliações fiscais para efeitos de actualização de rendas de prédios destinados a habitação presentemente em vigor para os concelhos de Lisboa e Porto» — segundo determina um decreto-lei do Ministério do Equipamento Social e Anbiente hoje enviado para publicação no «Diário do Governo». O diploma estabelece medidas de emergência relativas ao arrendamento da habitação

Outra das medidas importantes decretadas é a suspensão do exercício do direito de demolição, salvo em casos de controlo muito apertado. Contudo, não fica prejudicada a ampliação de edifícios, a partir do existente, nem a sua alteração, mas neste caso o inquilino desalojado tem direito a realojamento provisório e a renda não pode ser aumentada e ele mantém o direito à indemnização correspondente. O diploma estabelece ainda que «não poderá ser recusada durante mais de 120 dias o arrendamento de qualquer fogo que tivesse sido destinado a habitação no último arrendamento. A função dos prédios destinados a venda fica igualmente sujeita a regime apertado de controlo. Inovação importante é aquela que obriga os proprietários a declarar no prazo de dez dias, os arrendamentos feitos nos termos da presente lei e os prédios devolutos, de modo a que as autarquias possam ter elaborada uma lista actualizada das casas sujeitas à procura, da mesma lista sendo dada clara publicidade. São igualmente fixados prazos para a desocupação de fogos, presumindo-se ainda como sendo de habitação todos os fogos que, à data da publicação do presente diploma, se achem devolutos e não tenham sido nunca objecto de arrendamento, relativamente aos quais não conste expressamente do respectivo projecto ou licença de utilização o fim a que se destinam.

O major Pedro Pires, vice-presidente do Conselho de Estado e vice-ministro da Defesa da República da Guiné-Bissau, recebido esta manhã com a sua comitiva por Álvaro Cunhal, secretário geral do Partido Comunista Português, na sede daquela organização política. As conversações prolongaram-se por mais de duas horas. À tarde, o major Pedro Pires, deverá deslocar-se à sede de outros Partidos.

Em apoio ao povo chileno

Para ajudar a compreender a importância de Salvador Allende e do Governo de Unidade Popular no Chile faremos algumas referências essenciais sobre a linha geral da sua política, em confronto com a situação anterior.

Por BLASCO HUGO FERNANDES

Até fins de 1970, um dos traços característicos da economia do Chile foi o seu baixíssimo ritmo de crescimento. O aumento médio do produto nacional por pessoa nos 10 anos anteriores, isto é, de 1960 a 1970, foi inferior a 1,8 por cento por ano. A partir de 1967 a economia chilena caracterizou-se pela quase completa estagnação.

A estrutura da economia, assim como a própria política económica, posta em prática orientavam-se para uma nítida satisfação dos padrões de consumo dos grupos sociais com rendimentos mais elevados e, em contrapartida, os artigos e bens de consumo populares registavam uma sensível estagnação nos programas de produção. A concentração da propriedade, em todos os sectores da actividade económica, provocava inevitavelmente a concentração do rendimento nacional nas mãos de uma minoria. Na verdade, em 1968, por exemplo, aproximadamente 1 por cento da população possuía 10 por cento do rendimento nacional. Se comparássemos o rendimento por pessoa pertencente à classe mais rica com os rendimentos que, na classe mais pobre da população tinha cada um, as diferenças eram enormes. Para além da injustiça social que tais diferenças denotavam, estas afectavam o próprio aparelho produtivo. Não admira, pois, que o crescimento da economia chilena se apresentasse numa fase de estagnação impedindo sobretudo o bem-estar e a promoção económica de largas camadas da população trabalhadora. (Continua na pág. 12).

Uma centena de mortos em Lourenço Marques

. LOURENÇO MARQUES, 11 — (FP/UPI/ANI) — Segundo anuncia a UPI, citando a rádio de Lourenço Marques, o número de mortos em consequência dos tumúltos ontem registados na cidade, estaria calculado em cerca de uma centena, número ainda não confirmado oficialmente.

Segundo anunciaram residentes, a cidade está relativamente calma, estando alguns habitantes brancos a barricarem-se nas suas residências receando possíveis manifestações.

QUERMESSE

A quermesse do «Moçambique Livre» durou quatro dias e quatro noites.

Alguns polícias que penetraram ao cair da noite no edifício do Rádio Clube expulsaram os últimos irredutíveis que ali se tinham deixado ficar toda a tarde, mesmo depois de Rádio Moçambique haver transmitido apelos à calma — alguns deles da Frelimo — destinados tanto a negros como a brancos.

Diante do edifício que personificou, depois do assalto de surpresa de sexta-feira à noite, as esperanças dos adversários do «poder negro» da Frelimo, restam apenas estilhaços de vidro, cartões meio calcinados, cascas de laranjas e bandeiras meio rotas que os partidários desiludidos do «movimento» vêm buscar para as levar tristemente para casa.

Durante estes dias e estas

Continua na pág. 10

Cumprir o acordo de Lusaka e julgar os rebeldes —programa de Vítor Crespo

O cumprimento efectivo do acordo de Lusaka foi considerado «condição indispensável para o desenvolvimento de laços indispensáveis de amizade e cooperação entre os povos de Moçambique e de Portugal», pelo contra-almirante Vítor Crespo, grande impulsionador do Movimento do 25 de Abril, membro do Conselho de Estado e elemento preponderante da Comissão Coordenadora do Movimento das Forças Armadas, ao ser empossado no cargo de Alto-Comissário no Estado de Moçambique, em representação da soberania portuguesa naquele território.

Ontem mesmo, o almirante Vítor Crespo partiu para Moçambique. No aeroporto o Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves salientou que Vítor Crespo é «um homem cheio de carácter, de coragem moral e física, (...) extremamente dedicado à sua Pátria». A propósito da situação dramática que o Alto-Comissário iria encontrar em Lourenço Marques, o Chefe do Governo afirmou: «É certo que a hora é difícil e mostra bem o que uma minoria de reaccionários irresponsáveis podem fazer de um país neste momento», acabando por considerar esses elementos como uma «minoria de fanáticos desvairados».

Continua na pág. 20

BENFICA : O 1.º GOLO

O golo com que o Benfica abriu a sua marcação perante o Belenenses: no chão, Humberto Coelho «aterra» do golpe de cabeça que Pietra (no ar) tenta «escamotear» das malhas mal defendidas por Melo. Enquanto Eusébio festeja o tento, o seu «delfim» (Jordão) é menos rápido nos reflexos. Ao longe, de braço em riste, o árbitro Américo Barradas aponta para o centro do relvado. Uma grande assistência esteve presente no Estádio da Luz para constatar que o «Benfica de Pavic» não é pura e simples figura de retórica. E, também, que o Belenenses está muito titubeante.

Ler em «Desportos».

A FORÇA DAS COMPA--NHEIRAS QUE SE MANTIVERAM NA SOMBRA

(pág. 7)

20 PÁGINAS

NACIONAL

GENERAL SPÍNOLA AO PAÍS

Distinguir entre a descolonização e a satelização

O Presidente da República, general António de Spínola fez ontem à tarde no Palácio de Belém, a propósito da independência da Guiné-Bissau, a seguinte comunicação ao País:

«Na sequência da minha comunicação ao País, de 27 de Julho passado, foi hoje reconhecida por Portugal a independência política do novo Estado Guiné-Bissau.

Vivemos, pois, uma hora de alto significado: a do cumprimento de uma responsabilidade histórica e, acima de tudo, eminentemente humana, celebrando, na emancipação de uma Pátria, o nascimento de uma Nação em que Portugal se revive.

Neste momento, em que o Mundo se enriquece com o convívio de um novo País de expressão lusa, recordo com emoção todos os Portugueses, e tantos foram, que ao longo de cinco séculos doaram com o seu sangue, o seu amor, e a sua esperança, algo de si próprios às gentes e terras da Guiné. Mas nesta hora voltada ao futuro, o meu pensamento vai para os Guinéus, cujos anseios bem conheço e cujo ideal de participação efectiva na vida política, económica e social da nação multifacetada que ambicionam ser, se radica, profundamente, nessa expressão democrática de um humanismo africano a que Léopold Senghor chamou **negritude.**

O acto hoje firmado traduz, assim, a materialização de um ideário consubstanciado na fórmula «A Guiné para os Guinéus», que o País sabe ter sido inspiradora da acção política do meu Governo naquele território; Governo a que o povo da Guiné aderiu com entusiasmo dada a autenticidade e o firme propósito de ali se construir, pela via democrática, uma nova sociedade africana verdadeiramente livre e justa — única forma de conduzir com seriedade um processo de descolonização. É que sempre defendi inequivocamente que o acesso dos povos ultramarinos à verdadeira independência não consente a sua entrega a formas antidemocráticas de governação. Impõem-se, por isso, a tal respeito, algumas considerações.

Fizemos, em Portugal, uma revolução para acabar com cinquenta anos de regime de partido único; temos pois a plena consciência do que tal regime representa na opressão de um povo. Não se compreendem, por absurdo, regimes de partido único numa estrutura democrática. Temos de excluir tais regimes da arquitectura política portuguesa, e não poderemos coerentemente admiti-los no nosso processo de descolonização. Por isso, ao transmitir a soberania do novo Estado para o PAIGC, fazemo-lo na convicção de que aquele Partido saberá honrar as responsabilidades assumidas ao ser-lhe conferido o reconhecimento da representatividade do Povo guinéu. Confortam-nos, neste aspecto, as afirmações dos responsáveis do novo Estado de que saberão despir-se de ambição própria e não permitirão a alheia. E estou certo de que saberão defender a democracia do país agora nascido contra quaisquer novos colonialismos, preservando e respeitando a pureza de instituições africanas verdadeiramente representativas, e construindo, de facto, uma Guiné eminentemente democrática e progressiva, em clima de perfeita liberdade e justiça social. Porque se assim não for, resultarão não só traídas as esperanças dos Guinéus como ainda frustrados os ideais que presidem à descolonização a que metemos ombros.

IDEOLOGIA DEMOCRÁTICA

Entra assim no contexto das nações um novo Estado de língua portuguesa. Enche-nos de orgulho este renascer de um Povo africano, o qual representa o início de um frutuoso convívio de Portugal no Mundo do século XX, e o prelúdio esperançoso de uma Comunidade de Nações de língua portuguesa em que se consubstancie o mais amplo espírito de portugalidade.

Mas o processo de descolonização não consiste, como alguns levianamente pensam, em transferir pura e simplesmente o poder para as organizações partidárias que sustentaram a luta armada contra o anterior regime português. E é exactamente na autêntica conceptualização daquele processo que tem de centrar-se a nossa atenção, para que esta hora seja efectivamente digna da História. Ao defendermos a liberdade de opção política e a sua consequente afirmação institucionalizada e representativa; ao pretendermos a estruturação de sociedades em moldes que permitam a implantação de sistemas verdadeiramente anticolonialistas; ao lutarmos pela liberdade da democracia pluripartidária, haverá talvez quem considere essa intransigente tomada de posição como embaraço ao processo de descolonização. Penso, porém, que o que está verdadeiramente em causa, para esse sector, não é a descolonização em si mas a oportunidade da apropriação do poder por certas ideologias e os seus correspondentes regimes totalitários. E defender os territórios africanos do risco dessa nova escravidão é uma obrigação de consciência para a qual alerto todos aqueles que militam na ideologia democrática.

Terá assim de distinguir-se entre uma descolonização autêntica e o apressado abandono à satelização por terceiros; isto é, entre uma descolonização autêntica e a entrega das populações dos territórios africanos ao arbítrio de novas ditaduras. E a salvaguarda destes aspectos reclama cuidadosa avaliação dos pressupostos em que se fundamenta o nosso conceito de descolonização, em ordem a que não possamos ser amanhã acusados de haver traído os ideais da autodeterminação, da independência e da democracia.

Ninguém de boa fé poderá, por isso, pensar que a descolonização se consubstancia no facto de a bandeira portuguesa deixar de flutuar em territórios de África. A descolonização só atingirá o seu termo quando estiverem em pleno e eficaz funcionamento instituições democráticas, que salvaguardem os interesses de todos os cidadãos. Cabe aos homens que suportaram a luta armada e vão agora assumir as responsabilidades do poder político não vacilar nesta segunda fase de descolonização, agora que satisfizemos o imperativo de parar o derramamento de sangue e a exaustão de recursos humanos e materiais a que a guerra nos conduzia num caminho sem regresso.

E no momento em que, na Guiné, essa nova fase passa para a responsabilidade do PAIGC, resta-me formular votos para que o seu esforço na descolonização da Guiné seja tão honesto como foi o meu, em ordem a que o lema «A Guiné para os Guinéus», a que os africanos daquelas terras tão claramente aderiram, possa, em breve, ser uma inequívoca realidade, no respeito pela liberdade e pela justiça.

Na época que se avizinha de aliciante construção do novo País, afirmo o inabalável propósito de Portugal, correspondido pela República da Guiné-Bissau, estabelecer e desenvolver relações fraternas de cooperação activa, nos domínios social, cultural e económico, na expansão da língua comum, no contacto entre as nossas culturas e no frutuoso intercâmbio de cidadãos, sempre numa base de igualdade e reciprocidade interesses, e de respeito mútuo e pela soberania de dois Estados livres e independentes.

A DESCOLONIZAÇÃO DE OUTROS TERRITÓRIOS

Voltar-nos-emos, agora, para a descolonização de outros territórios portugueses. Não creio que valha a pena referir as linhas essenciais do pensamento que nos enforma e que o País sobejamente conhece. Um Governo de transição será em breve instituído em Moçambique e foi já divulgado pela Junta de Salvação Nacional o programa de acção sobre Angola, do qual não nos afastaremos pois temos a certeza de ser o que melhor defende a independência e a democracia naquele território.

Julgo ser este o momento para deixar bem claro que o Presidente da República tem plena consciência do que é e do que não é democracia, do que é e do que não é descolonização. E, como tal, não consentirá que, em nome da liberdade e da democracia, o Povo português volte a ser escravizado, ou que, em nome desses mesmos princípios, se abandonem milhões de seres humanos ao risco de uma escravidão semelhante aquela de que nos libertamos. Doutro modo, não cumpriríamos o Programa do Movimento das Forças Armadas.

Por isso mesmo, nesta hora em que Portugal renasce como País e no mesmo passo entram no Mundo novos países de expressão portuguesa, afigura-se-me pertinente transplantar para o quadro interno, onde enfrentamos as mesmas ameaças e os mesmos riscos, as preocupações que nos assistem no processo de descolonização. Não retirámos da era colonial a capacidade para prosperar economicamente, nem os recursos que propiciaram a outras potências o estatuto de nações desenvolvidas e altamente industrializadas. O encontro com a nossa responsabilidade histórica exigirá, assim, enormes sacrifícios em futuro próximo. Haveremos de aguçar o engenho, explorar e multiplicar recursos, e desenvolver amplamente todas as iniciativas. Isto, se quisermos sobreviver como nação livre e construir a nova sociedade que os Portugueses desejam ser.

Herdámos um país doente. E passada a euforia dos primeiros dias da libertação, temos de constatar que continuamos a atravessar uma grave crise que nos torna vulneráveis a aventuras extremistas.

Assiste-se ao assalto sistemático dos centros de decisão, públicos e privados, por grupos à margem de toda a ordem jurídica e até institucional. Os processos democráticos de decidir e votar vêm sendo eliminados ou mistificados no procedimento comum, em ordem a permitir a coacção, a ameaça e até a violência dos oportunistas.

O Programado Movimento das Forças Armadas, por cuja execução o Presidente da República é supremo responsável perante a Nação, é bem claro ao reservar para as instituições democraticamente eleitas a realização das reformas fundamentais da sociedade portuguesa. Mas, apesar disso, encontramo-nos perante um processo de evolução tal que corremos o risco de se criarem situações de facto susceptíveis de radicar futuras situações de direito sem audição do Povo português. Há que reconhecer, sem margem de dúvida, que as sociedades políticas modernas têm evoluído num sentido de raiz socialista; mas o socialismo não pode enternder-se como construido à custa da liberdade e da dignidade humanas. Temos, em todo o Mundo, sobejos exemplos das formulações possíveis desse socialismo para podermos distinguir as que são verdadeiramente democráticas das que são apenas uma forma eufemística da exploração do homem por um Estado totalitário.

Sou dos que aceitam como autenticamente democráticas quaisquer formas de socialismo desde que em liberdade, isto é, desde que enquadradas em regimes de pluralidade de opinião e de responsabilidade do Poder perante a vontade expressa dos cidadãos. O próprio conceito de justiça social que propugno radica-se no respeito pela função social da propriedade e pela justa repartição da riqueza. E essa justiça social jamais será alcançada por outra via que não seja a da intervenção socializante do poder do Estado na distribuição dos rendimentos, segundo um leque de opções onde cabem diversos sistemas executórios e diversas conceptualizações, desde a via orçamentária, à política fiscal e à orientação da economia, sem prejuizo da participação da iniciativa privada no desenvolvimento nacional. E tem de aceitar-se, democraticamente, que possa haver, dentro desse leque, as correspondentes correntes de opinião com os seus aderentes e simpatizantes.

A VONTADE DAS MAIORIAS

Deste modo, a construção de qualquer arquitectura política só será legítima se processada pela via harmoniosa das instituições democráticas, isto é, no respeito pela vontade das maiorias, a quem se assegura plena liberdade de opção. Nas sociedades humanas verdadeiramente democráticas, as transformações devem ocorrer sem saltos bruscos nem convulsões, que contêm em si próprias o germe de novas ditaduras, da direita ou da esquerda. A maioria silenciosa do Povo Português terá pois de despertar e de se defender activamente dos totalitarismos extremistas que se digladiam na sombra, servindo-se das técnicas bem conhecidas de manipulação de massas para conduzir e condicionar a emotividade e o comportamento de um povo perplexo econfuso por meio século de obscurantismo político. Mas a consentir-se em clima anárquico de reivindicação incontrolada, em nítida ultrapassagem das responsabilidades aos diversos níveis e em clara usurpação de direitos alheios, o País mergulhará no caos económico e social, que só a sectores minoritários poderá aproveitar.

A responsabilidade que assumi perante a Nação impõe uma tomada de posição perante o abuso de liberdade de alguns em denegação flagrante da liberdade de todos. Impõe uma tomada de posição perante a perspectiva de uma depressão económica, a despeito da teorização de soluções de cujos efeitos práticos o País começa a descrer face à crescente crise de desemprego, à alta exagerada do custo de vida, à insegurança civil e social, a casos já verificados de negação da liberdade de trabalho, e, de um modo geral, ao descrédito em que começam a cair as instituições. E chegado o momento de o País acordar para a realidade que somos, para o que queremos ser e para o futuro de anarquia a que nos querem conduzir certos inspiradores políticos. Chegou a hora de se assumirem e de se exigirem responsabilidades, saneando por igual o dirigente inepto ou corrupto, o funcionário venal, o trabalhador parasita e improdutivo, e o político oportunista, autocrático ou demagogo.

O Movimento das Forças Armadas orienta-se para uma autêntica devolução de Portugal a instituições representativas do pensar e do querer dos Portugueses. E não tenhamos dúvidas a este respeito: ou o compreendemos e somos capazes de levar a bom termo o processo de democratização do País, ou nos espera um futuro de miséria, de sangue e de escravidão.

Os regimes extremistas só a extremos podem conduzir. E agora que uma revolução triunfante derrubou o regime fascista, convém recordar que o fascismo e uma filosofia política assente na trilogia «um povo, um partido, um chefe», sintetizando toda uma axiomática limitativa da expressão democrática. E se, como tal, a axiomática fascista tem de banir-se definitivamente, bom será que o Povo português seja alertado contra todos os regimes que naquela trilogia se inspirem.

EXIGIR A LIBERDADE DE ESCOLHA

O Povo Português tem o direito de exigir que seja mantida intacta a sua liberdade de escolha do regime político que desejar; e tem o direito de exigir que imperem as leis justas e equitativas que garantam a todos o respeito pelas pessoas, pelos bens, e pelos legítimos direitos consagrados na ordem jurídica prevalecente. É o Presidente da República o supremo fiel do cumprimento do programa de democratização consgrado pelo Movimento das Forças Armadas, responsabilidade da qual não abdicará, usando os meios constitucionais que lhe foram confiados. Para tanto, far-se-ão cumprir as leis já formuladas, não consentido no seu flagrante desrepeito; e acelerar-se-à a promulgação de outras leis fundamentais, cujo retardamento se vem reflectindo tão perniciosamente na situação actual.

Não será consentido que a reacção de uma extrema-direita ou o oportunismo de uma extrema-esquerda impeçam a liberdade pela qual lutámos e cuja salvaguarda foi inequivocamente assumida pelo Presidente da República; mas uma liberdade que o seja de facto, onde a livre expressão e os meios legítimos de solução dos conflitos e de participação política se processem de acordo com as regras do jogo democrático. O Presidnete da República continuaá a ser o intransigente defensor da democracia e da verdadeira democratização. Disso poderão estar certos os que manifestam as suas apreensões quanto à evolução política do País; disso poderá estar certo todo o Povo Português.

E no momento em que se ultima o quadro legal da proclamação da independência de um Povo, independência que eu próprio comecei a preparar em 1968, formulo votos sinceros, com um misto de emoção e de orgulho, de que os Guinéus continuem na construção de uma Guiné eminentemente livre e democrática, tão livre e democrática quanto desejamos seja também o Portugal de amanhã.»

FISCALIZAÇÃO ECONÓMICA EM DEFESA DO CONSUMIDOR

A Direcção-Geral de Fiscalização Económica (D.G.F.E.) existe para combater, designadamente, a especulação e o açambarcamento.

Porém, o consumidor deverá ser o primeiro fiscal em matéria de infracções antieconómicas.

Defenda-se recorrendo aos Serviços da Direcção-Geral de Fiscalização Económica (D.G.F.E.) que funcionam não só em Lisboa, como em todas as capitais de distrito, nas seguintes moradas:

SEDE E SERVIÇOS CENTRAIS

Avenida Duque de Avila, 139, Lisboa. Telefones 560101/7

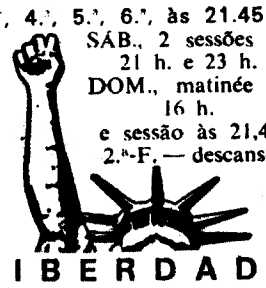
SERVIÇOS DISTRITAIS

AVEIRO — R. José Rabumba, 3, 2.º	(0034) 24294
BEJA — R. Padre António Vieira, 6-A	(0079)22179
BRAGA — R. Abade da Loureira, 198, 1.º.Esq.º	(0023) 23872
BRAGANÇA — R. da Estacada	(00923) 580
CASTELO BRANCO — Av. 28 de Maio, 59, 1.ºDt.º	(00522) 353
COIMBRA — Av. Sá da Bandeira, 91, 1.º	(0039) 24709
ÉVORA — R. Das Amas do Cardeal, 2, 1.º	(0069) 23377
FARO — R. Reitor Teixeira Guedes, 31	(0089) 24001
GUARDA — R. Nuno Álvares, 60	(00512) 219
LEIRIA — Av. Marquês de Pombal, 14	(0044) 23257
PORTALEGRE — L. Cristóvão Falcão, 16, 2.º	(00453) 880
PORTO — R. Fonseca Cardoso, 20, 2.º	(02) 27761/2 e 26942
SANTARÉM — R. Miguel Bombarda, 34, 1.º	(0043) 23101
SETÚBAL — Av. 5 de Outubro, 41 r/c Dt.º	(04) 22303
VIANA DO CASTELO — Av. Comb. G. Guerra, 244, 3.º	(0028) 22284
VILA REAL — R. Gen. Alves Roçadas, 2, r/c Dt.º	(0099) 23093
VISEU — R. Conselheiro de Macedo, 37	(0032) 22676
FUNCHAL — R. Dr. Sidónio Pais, 15-A	(06) 32647
PONTA DELGADA — Quinta de São Gonçalo	(09) 23203

Um espectáculo de
RAUL SOLNADO

TEATRO VILLARET

3.ª, 4.ª, 5.ª, 6.ª, às 21.45
SÁB., 2 sessões às 21 h. e 23 h.
DOM., matinée às 16 h.
e sessão às 21,45
2.ª-F. — descanso



LIBERDADE
LIBERDADE

de **Luis Francisco Rebello, Luís de Lima e Hélder Costa,** baseado no roteiro do espectáculo de **Millôr Fernandes e Flávio Rangel**

LUÍS DE LIMA
CÉU GUERRA
JOÃO PERRY

Encenação: **Luís de Lima**
Música: **José Mário Branco e Fausto**

(Não aconselhável a menores de 13 anos)

PROFESSOR
MANUEL MARIA DE SOUSA CALVET DE MAGALHÃES

MISSA DO 7.º DIA

Sua família, participa que amanhã, quinta-feira, às 11 horas, na Basílica da Estrela, será celebrada missa pelo eterno descanso de sua alma, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignem associar-se a este piedoso acto.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO — Telef. 534167

J SILVA FALCÃO

As Caixas de Previdência e a protecção na morte

A protecção na morte a cargo das Caixas de Previdência é definida pelo Decreto 45266, de 23 de Setembro de 1963 (Regulamento Geral das Caixas Sindicais e Previdência), pelo Decreto 486/73, de 27 de Setembro, pela Portaria 47/74, de 25 de Janeiro.

Conforme o artigo 94.º do Decreto 45266 a protecção na morte realiza-se através da concessão de pensões de sobrevivência e a atribuição de um subsídio pago de uma só vez.

As caixas que hajam estabelecido pensões de sobrevivência poderão continuar a conceder essas pensões. Entretanto, a Caixa Nacional de Pensões poderá estabelecer pensões de sobrevivência, mediante cláusula expressa na convenção colectiva de trabalho.

As pensões são atribuídas aos familiares dos beneficiários que, à data da morte, tenham completado o tempo de inscrição que não poderá ser inferior a um ano. Na Caixa Nacional de Pensões o tempo a considerar como prazo de garantia é de três anos de inscrição.

O direito à pensão define:

a) metade ao cônjuge e metade aos descendentes ou equiparados que confiram jus ao abono de família, se houver simultaneamente um e outros;

b) por inteiro ao cônjuge ou aos descendentes ou equiparados, se não se verificar a simultaneidade mencionada;

c) por inteiro aos descendentes ou equiparados que confiram jus a abono de família nos demais casos.

Na falta das pessoas referidas, a pensão é paga a parentes ou afins do beneficiário até ao terceiro grau de linha colateral que estivessem a seu cargo e com ele vivessem em comunhão de mesa e habitação.

Menciona-se que o cônjuge sobrevivo não tem direito a pensão no caso de separação de facto se tiver abandonado os filhos ou viver com porte escandaloso, bem como no caso de separação judicial de pessoas e bens, se esta tiver sido decretada por culpa própria ou, se decretada por mútuo consentimento, tal direito não tiver sido considerado na declaração sobre os bens anexa ao requerimento em que os cônjuges pediram a separação. No caso de divórcio, o ex-cônjuge considerado inocente com direito a alimentos e que não haja contraído novo casamento tem direito a pensão. Se o divórcio tiver derivado de mútuo consentimento, o direito à reforma depende da forma de consignação referida para a separação.

O cálculo dos valores das pensões anteriores a 1 de Janeiro de 1974 é regulado pelo Decreto n.º 45266, enquanto as pensões posteriores a essa data são calculadas de acordo com os princípios contidos no Decreto n.º 486/73.

Passando por cima da análise dos critérios que determinavam as pensões anteriores a 1 de Janeiro de 1974, por caducos, pode referir-se que o montante das pensões a partir daquela data não serão superiores a 70 por cento, nem inferiores a 30 por cento do salário base. Na Caixa Nacional de Pensões o montante da pensão será de 2 por cento da retribuição média, que é o quociente de **S** por 60, em que **S** representa o total das retribuições dos cinco anos civis a que corresponderam retribuições mais elevadas, compreendidas nos últimos dez anos com entrada de contribuições.

Estas são as disposições básicas que regulam a protecção na morte conferida pelas Caixas de Previdência. Tem maior interesse, no entanto, analisar os números em que se expressa tal protecção. Os familiares não vivem de disposições legais, vivem sim daquilo que lhes proporcionam essas disposições legais, que pouco é, como se verá.

Tomando como base o Relatório da Previdência de 1970, verifica-se que existiam em 31 de Dezembro desse ano, 16704 pensionistas de sobrevivência, assim discriminados:

Cônjuges	10.516
Descendentes e equiparados	6105
Ascendentes e equiparados	83
	16.704

Continua na pág. 14

CARLOS PORTO

214 horas na União Soviética

1.ª JORNADA

Entrámos na União Soviética na manhã de uma sexta-feira. Tínhamos atravessado num autocarro britânico não só a Bélgica, a República Federal da Alemanha, e a Alemanha Democrática, como a Polónia. Na entrada deste país, tivemos um problema que nos fez perder horas, pois fomos obrigados a esperar pela autorização das respectivas entidades sanitárias em virtude de não termos certificados de vacina da cólera que, aliás, não nos fora exigido. Entretanto, o surto daquela epidemia que se registara em Portugal obrigara a maiores precauções junto da fronteira.

O guia que nos acompanhava desde Londres e que usava técnicas de lavagem ao cérebro dignas da guerra fria ou do nosso fascismo, garantia-nos que não conseguiríamos entrar na União Soviética (visava especialmente os turistas portugueses). Na realidade, as únicas dificuldades que encontrámos foram de carácter burocrático e também originadas pela lentidão dos respectivos funcionários, lentidão que não se coadunava com a impaciência e com a sofreguidão sobretudo dos portugueses em viagem de descoberta (velhas tradições!).

O nosso autocarro poderia chamar-se o Autocarro de Babel pois, além de portugueses, havia gente proveniente da Austrália, da Nova Zelância, dos Estados Unidos, do Canadá, da Inglaterra e do País de Gales, da Espanha, do Uruguai.

Lera dias antes, no «Monde», que Portugal e a U.R.S.S. tinham reatado as relações diplomaticas e provavelmente poderíamos considerar-nos os primeiros portugueses a entrar, depois desse acontecimento, na Patria de Lenine.

No posto fronteiriço de Brest, por onde entrámos, tivemos os primeiros contactos com um povo que assumiu a liderança da revolução socialista (para uns, entre os quais nos contamos) ou alimenta torvos desígnios de domínio e tirania (para outros) — esses pólos marcavam o leque de posições relativamente expectantes assumidas pelos excursionistas.

Dois homens jogam xadrez — essa é uma as primeiras imagens que conservo desta viagem. Voltarei a encontrar esse interesse pelo jogo em Leninegrado onde vi nos bancos dos jardins disputarem-se várias partidas, atentamente seguidas, algumas das quais controladas pelos respectivos relógios.

A sala principal do bar fronteiriço está a ser lavada por três mulheres que utilizam baldes cheios de um liquido esfumante e que deita um cheiro intenso. Durante as horas que vamos permanecer aqui, verificaremos que o trabalho é feito sem pressas nem aflições. Outra verificação que posso desde já a notar: também nos hotéis onde estive os respectivos trabalhadores — normalmente mulheres — não me pareceram sujeitos a um trabalho forçado. Vejo-as instaladas em sofás, conversando durante longo tempo, o que não está muito de acordo com a tradição de trabalho escravo proclamado por tanta gente. Encontraremos mulheres a trabalhar ao lado dos homens no calcetamento de estradas e a conduzir autocarros (uma outra imagem: uma linda rapariga, cuidadosamente pintada, a guiar um «trolley» na cidade de Minsk). Este facto, que não constitui propriamente uma novidade, provoca engulhos a algumas senhoras presentes, obviamente habituadas a um outro tipo de trabalho, mais ou menos dactilográfico, mais ou menos caseiro, mais ou menos Bénardiano (de Bénard, pastelaria).

As motivações que aqui nos trazem são inevitavelmente diferenciadas e essa diferenciação condiciona como não podia deixar de ser, a própria maneira de olhar e interpretar o que se vê. Ao contrário do que afirmava um, aliás, simpático, companheiro de excursão, a realidade factual não pode deixar de ser subordinada ao contexto social, político, histórico que a condiciona, ilumina, obscurece. Os factos não são pedras que se agarrem com as mãos, são «icebergs» cuja análise não pode ignorar a parte submersa (quantas vezes a mais importante).

Interrogo-me sobre os vários motivos que me impeliram a esta viagem porque a visão das coisas passa por esses motivos como pela minha própria condição política. Devo esclarecer os leitores, por uma questão de honestidade elementar, que não estou aqui como comunista pois, infelizmente, não posso arrogar-me esse título. Acredito (o que é tão fácil) na inevitabilidade de um futuro socialista para a humanidade, acreditante que a União Soviética já obteve algumas das principais conquistas que levam à meta provisoriamente final; perplexo perante certos acontecimentos que têm balizado essa árdua, quantas vezes heróica, marcha para o comunismo (caso do diferendo com a China, parcialmente caso da gestão de Estaline, para citar dois casos merecedores de uma reflexão que ultrapassa as explicações simplistas), estou aqui mais por uma questão de teimosia e de curiosidade turística do que por razões políticas. Não ignoro que não me é possivel em meia dúzia de dias conhecer a realidade política, social e cultural de um país de 240 milhões de habitantes cuja superfície ocupa 22,3 milhões de quilómetros quadrados, um povo que vive há mais de meio século a mais decisiva revolução da história da humanidade. Aquilo que observar — para bem ou para mal — embora pelo coador da lucidez possível não poderá deixar de ser afectado pelas emoções das primeiras descobertas.

Marcada a viagem antes do 25 de Abril, era afinal minha intenção, mais do que confirmar ou desmentir ideias e opiniões mais ou menos formadas, romper o cerco, negar pessoalmente o fosso, arbitrariamente instituído pelo fascismo, entre dois povos que devem estar e têm que estar próximos pela amizade e pelas relações.

Vencidas as já referidas lentidões burocráticas, começamos a percorrer a Bielo-Rússia, uma das Repúblicas da U.R.S.S.. Passámos um pouco ao lado de Brest, o que lamento pois sei ser Brest um dos símbolos da resistência à invasão nazi, de que é signo certamente impressionante um gigantesco monumento aos resistentes há pouco inaugurado.

Ao longo de toda a viagem, iremos encontrar vários tipos de sinais que representam como que o retrato semiológico da União Soviética. Os sinais da Revolução, como levantamento e como continuidade, através da impressionantemente numerosa iconografia de Lenine patente ao longo das estradas que vamos percorrer e em todas as povoações ou grandes cidades que vamos atravessar. Lenine está presente de forma quase obce-

Continua na pág. 18

JORGE LISTOPAD

Os primeiros passos nos E.U.A.

Hoje é o Primeiro de Maio Americano. Chama-se *Labour-Day* e festeja-se, sem festa, sem exuberância, sem reivindicações, sem política, com algumas bandeiras oficiais desfraldadas das janelas dos antigos veteranos, sempre na primeira segunda-feira do mês de Setembro. O dia é particularmente melancólico: o regresso de férias, as primeiras folhas secas fazendo os tapetes pelos caminhos de Nova Inglaterra, os carros compridos desta vez cheios, deslizando pelas estradas orvalhadas em direcção a Boston, a Chicago, a Nova Iorque, ae rãs finalmente caladas de madrugada... Claro, que são as mesmas rãs que ouvimos no filme sobre a vida dos professores universitários «Quem tem Medo de Virgínia Woolf«.

Estou pois em New-Haven, neesa famosa cidade universitária, e até aqui, mesmo nesta América pouco americana, o consumo dos filmes americanos (quantos, meu Deus, durante uma vida?) ajudam-me francamente na primeira orientação geral. Até na linguística. Até das sereias policiais. Até na decifração dos sons surdos das garagens nocturnas, suspeitas. Até nos grunhidos comunicativos dos drug-stores.

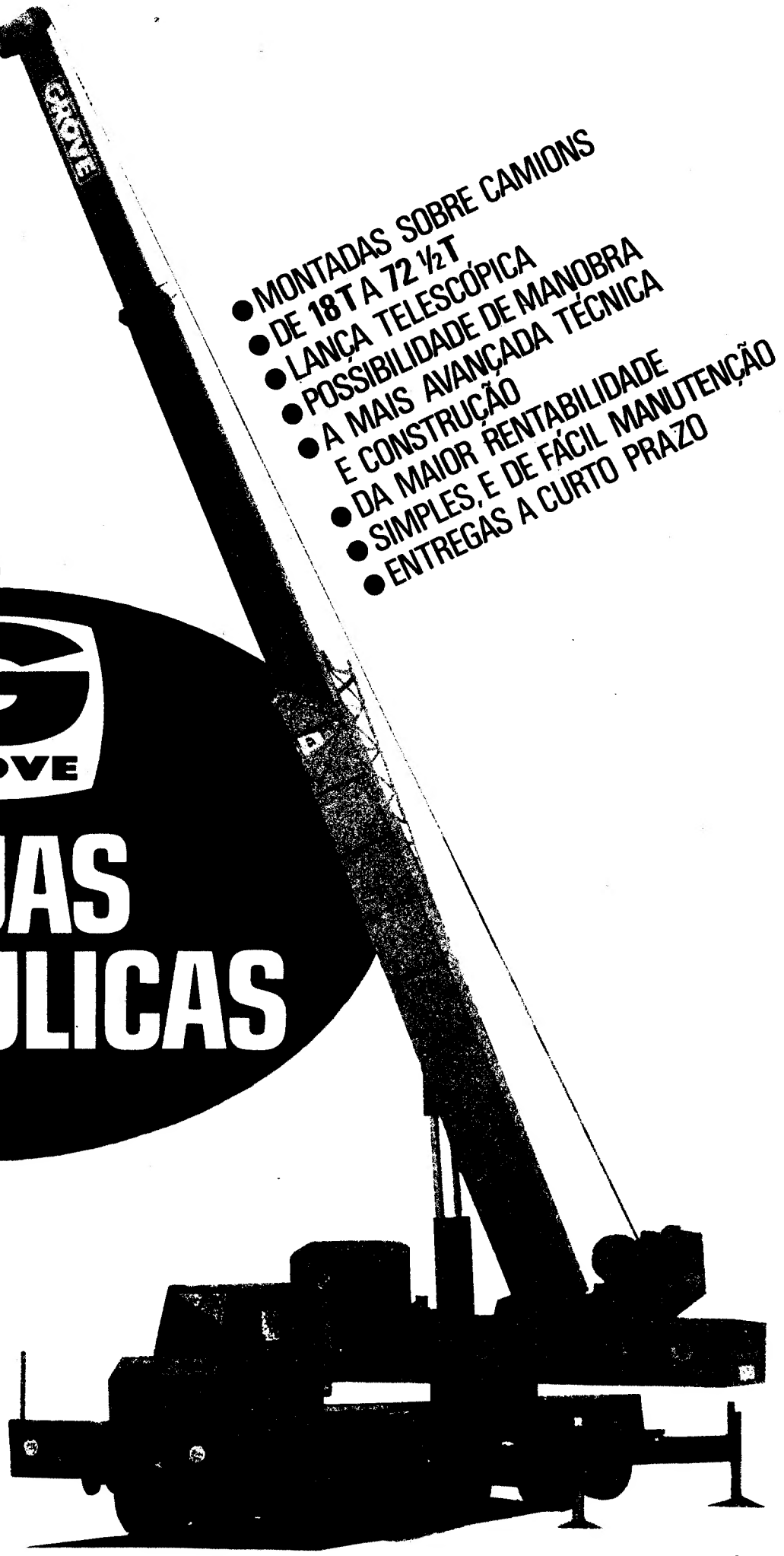
Hoje é o Primeiro de Maio americano. E escrevo o primeiro aerograma. Pelo menos à minha maneira saúdo o trabalho, viajando.

Viajar... andar pelo mundo... antigamente caminhar... Sempre eram e são duas coisas essenciais: procura-se, nessa arte de disponibilidade, a *fidelidade* mais profunda e confirma-se a *relatividade* de tudo, dos acontecimentos, da geopolítica objectiva e particular, a relatividade do mundo. Os dois fenómenos, a fidelidade e a relatividade, em si contraditórias, são aqui complementares: eis a dialéctica das viagens. Viajar é pois ofício «dulce et utile», como a poesia segundo Horácio.

Volto a New-Haven. A Universidade Yale é independente: isto é, não tem qualquer ajuda oficial. Vive num equilíbrio instável da capitalização, dos legados e das caríssimas propinas que no entanto cerca de 60 por cento dos alunos não pagam recebendo as bolsas da propria Universidade. Os alunos, todos internos, são dez mil para quase 4.000 professores. É possível? Perguntei três vezes a três pessoas. E possível. O meu embaraço natural de analisar aqui, perante os alunos interessados, o 25 de Abril português, está algo diminuido. O meu pequeno seminário perde-se dentro dessa inflação pedagógica, Em todo o caso, ainda tenho tempo. Amanhã inicia-se apenas o ano escolar administrativamente: as formalidades burocráticas, a invasão dos «Blue jeans» unissexo nos internatos (alguns edifícios relativamente antigos, segundo modelos ingleses, alemães, belgas, outros ultra-modernos, com piada, do ponto de vista arquitectónico), a repartição de roupas de cama, coloridas, a compra dos blocos e outros utensílios, em geral, engraçados, dos livros necessários, tudo numa enorme loja de cooperativa estudantil, onde também se vendem, nesses dias, centenas de bicicletas, as guitarras edéctricas e os saxofones. Os cabeleireiros já começaram a rapar os cabelos das belas estudantes negras que este ano assim querem manifestar o orgulho do seu *africanismo*. Curioso: falando de burocracia, todos os funcionários que frequentei nos meus três primeiros dias nos Estados Unidos, desde a alfândega até o secretário de Yale, eram canhotos. Escrevem com a esquerda. Pelo menos isso.

Eu, entretanto, vou-me perder a Nova Iorque, por alguns bons dias. Encontrar ou desencontrar algum primo checo se houver, algum primo português que parece que há, com as cartas e outras recomendações para as pessoas ligadas ao teatro e à literatura. Na mala as peúgas, o pequeno dicionário dos americanismos, o plano da cidade velho de 10 anos, o método de *karaté* em três lições teóricas. No bolso os *dimes* (dez centavos), para telefonar. Tudo se faz pelo telefone. O melhor número telefónico é: 800 — 255 — 3050. Responde a tudo em todas as línguas, dizem. Chamada é grátis, excepto do Alasca.

Tudo em todas as línguas. O que é preciso, em Nova Iorque, é a cama. Não em Alasca.

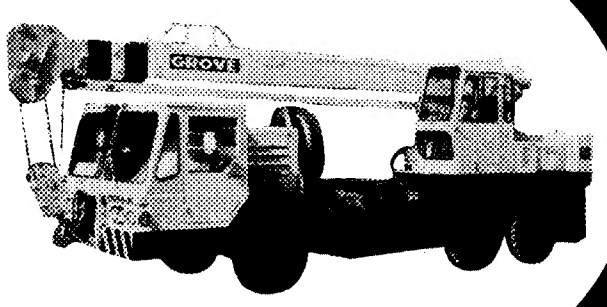


- MONTADAS SOBRE CAMIONS
- DE 18 T A 72 ½ T
- LANÇA TELESCÓPICA
- POSSIBILIDADE DE MANOBRA
- A MAIS AVANÇADA TÉCNICA E CONSTRUÇÃO
- DA MAIOR RENTABILIDADE
- SIMPLES, E DE FÁCIL MANUTENÇÃO
- ENTREGAS A CURTO PRAZO

GROVE

GRUAS HIDRÁULICAS

TMS 375 LP - **40,8 T**

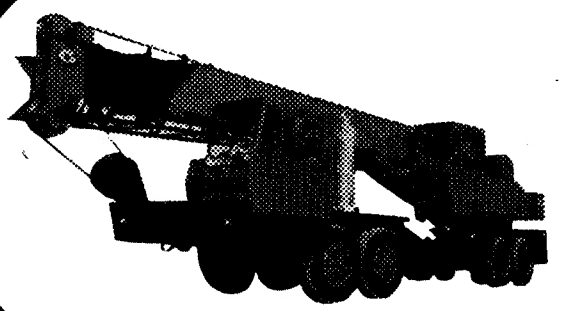


TMS 180 L - **18 T**

GROVE

HYDRAULIC CRANES

O MAIOR PRODUTOR MUNDIAL
DE GRUAS COM LANÇA TELESCÓPICA



TMS 300 LP - **30 T**

REPRESENTANTES EM PORTUGAL

AHLERS LINDLEY LDA.

Sede: Rua do Ferragial, 33, 2º - Tel. 321321 LISBOA
Filial: Rua Sá da Bandeira, 706, 4º - Tel. 37851 PORTO
Assistência Técnica: Cabo Ruivo, Tel. 381779 LISBOA

ESPECTÁCULOS

GUINÉ - BISSAU , BOM DIA !

. ...E assim foi que, após anos e anos de combate e de sofrimento, Guiné-Bissau conquistou a independência. O comandante Pedro Pires abandonou a máscara severa, máscara de inimigo, que sempre ostensivamente exibiu e conhecemos desde os encontros de Londres. Agora, ri. Ri com os dentes e os olhos, ri todo ele. Agora, livre, pode rir sem que o sorriso ou a boa disposição pareçam traições ou concessões. Ri entre amigos e companheiros. Está com a família de hoje, não com os adversários de ontem.

Guiné-Bissau, bom dia!

. Ri o comandante Pedro Pires e todos os que o rodeiam. Há razão para isso. Libertamo-nos todos de um pesadelo. Há outros ainda de que não estamos totalmente acordados? Sem dúvida. Mas os fascistas começam a ser derrotados em Moçambique, sê-lo-ão em Angola. Oxalá, já agora acabem por ser derrotados também em Portugal, aqui, na nossa terra. Mas não precipitemos os acontecimentos. Não estraguemos já este minuto de alegria, tapemos esta brecha onde se infiltram a desconfiança e o receio para gritar bem alto:

. —Guiné-Bissau, bom dia!

. Glória aos teus combatentes, aos teus mártires, glória ao PAIGC que dirigiu a esperança e a luta. Que não foi nada fácil nós sabemos. E se não soubessemos ficariamos a saber um pouco através do documentário sobre o nascimento de uma nação. Documentário ordenado à pressa, sobre o joelho, mas ainda assim revelador da guerra inclemente, da repressão da tortura. Muito ainda se calou. E não sei se foi legítimo calar. Se não seria melhor abrir completamente os cordões à bolsa da verdade para bebermos até ao fim o cálice de fel do tempo fascista?

. Guiné-Bissau, bom dia!

. Agora seguirás o teu caminho. O raminho do teu povo liberto do colonialismo salazarista e marcelista. Terminada a festa da libertação, começará a festa da libertação, porque a libertação está sempre a começar, mal é quando se pensa que a festa da libertação acabou...

Bom dia, Guiné!

PIDE/DGS:
A «RISONHA» PERSPECTIVA

Não foi o dia todo dedicado à festa da libertação da Guiné-Bissau, com a presença do nosso Presidente da República e alguns ministros e representantes das Forças Armadas e do Governo. A partir de certa altura regressámos ao País. Foi então que reparámos quanto estamos longe da nossa própria descolonização. Foi então que demos conta de quanto falta ainda para acabarmos o 25 de Abril. Ou para, avançarmos decididamente no processo.

Tudo aconteceu com a presença do comandante Conceição Silva, a propósito de uma conferência de Imprensa que desejariamos ter visto na integra e não apenas alguns breves trechos. O tema era o desmantelamento da PIDE/DGS.

O comandante Conceição Silva (ai que saudades temos do tempo em que ele presidia à Comissão Administrativa Provisória da R. T. P., numa equipa de que faziam parte o actual ministro Costa Brás e o major Duarte Ferreira!) referiu-se à complexidade da estrutura de uma organização como a PIDE. Mostrou como é ilusório pensar que a força desta meritória instituição derivava dos seus agentes oficiais com nome no «Diário do Governo». Na realidade, ela coordenava milhares e milhares, melhor: de dezenas de milhares de *«colaboradores e agentes policiais objectivos.»*

. Como conseguir identificação destes agentes policiais objectivos? O comandante Conceição Silva aponta o auto

saneamento, ou seja: os trabalhadores de cada empresa devem procurar saber quais eram os agentes policiais objectivos (mais conhecidos por *informadores)* instalados no seio da empresa.

Pessoalmente, não vejo bem como os trabalhadores poderão fazer isso sem o acesso aos processos nem aos interrogatórios dos agentes que controlavam as redes dos *informadores.* De qualquer maneira, os trabalhadores de cada empresa podem e devem desde já começar a estudar os seus processos de investigação e actuação relativamente aos supostos *informadores.* Uma boa notícia pois, apesar de tudo: irão agora começar os já não digo julgamentos, mas os processos populares?

. E depois dos processos feitos?

. Bom, depois acontece como aos processos já concluídos dos pides. Como os processos já estão concluídos e como já não há razão para manter a prisão preventiva e como não se deseja seguir os métodos da PIDE que transformava prisões preventivas em prisões efectivas, como issso é assim, *pides são postos em liberdade e em liberdade esperarão julgamento.*

Não importa agora suspeitar ou imaginar o que esses amáveis cavalheiros farão quando livres. Imagine-se que eles, embora não devendo sair do País, o façam. Que sucederá? O próprio comandante Conceição Silva nos diz como é: *«Mesmo que alguns desses possam ser pronunciados por crime comum, e se possa fazer a prova absoluta de que esse crime foi realmente cometido e que seja possivel fazer o pedido de extradição, depende ainda, em última análise, do Governo do País onde o indivíduo se encontrar, aceitar ou não a extradição».*

Como se vê, uma risonha perspectiva. Os gloriosos agentes da polícia secreta, os altos dignitários do fascismo podem ter esperança em melhores dias. Tenham paciência, com mil diabos, esperam mais algum tempo, Roma e Pavia não se fizeram num dia.

SEM FUNDAMENTO LEGAL...

Com uma sinceridade que raiou as fronteiras do drama, o comandante Conceição Silva fez uma declaração que procuraremos reproduzir, no respeitante ao motim dos *pides* na Penitenciária:

. *«A meu ver, embora tenha havido um inquérito, o assunto ainda não ficou resolvido de maneira satisfatória.*

«Tanto assim que depois do aspecto agudo do caso estar encerrado, continuou a haver determinados incidentes, como inclusivamente há cerca de uma semana houve um princípio de incidente que acabou por ficar sanado, mas verifica-se que o assunto contínua doente, aquilo não está de maneira nenhuma resolvido. Isso levou-nos a estudar e a propôr superiormente a criação de um serviço prisional que pudesse resolver de uma vez todas as situações análogas. Aliás, a presença na rua de piquetes populares para vigilância é uma prova de que o povo não se sente absolutamente tranquilo acerca do que se está a passar e eu diria: «E com toda a razão, e com toda a razão!»

. *«As coisas não estão a correr de forma que seria desejável que corressem. Como resultado de um inquérito mandado levantar pelo sr. General Galvão de Melo, efectuado por oficiais do gabinete dele, chegou-se à identificação dos principais responsáveis do caso da Penitenciária.*

«Foi determinada a transferência desses indivíduos para Caxias e esses indivíduos, neste momento contínuam na Penitenciária. Porquê? ora bem: porque se chegou à conclusão de que o transporte deles para Caixias, sem que se tomassem previamente outras medidas, iria dar origem a um novo motim ou seja: iríamos acender um novo fogo para depois o ir apagar.

Continua na pág. 14

150 ANOS COM A MÚSICA

Fernando Lopes Graça
Canções Heróicas

O que são as «CANÇÕES HERÓICAS»
que pela primeira vez
se oferecem ao público
editadas em disco?
Resumidamente defini-las-emos
como canções
politicamente empenhadas
no sentido em que pretenderam
contribuir para a luta
do Povo Português,
a que foram destinadas,
contra o regime anti-democrático
e violentador de corpos e almas
que durante cerca de 50 anos
lhe foi imposto.

VALENTIM DE CARVALHO

Teatro Maria Matos

HOJE, ÀS 21.45
«Português, Escritor, 45 anos de idade»

COMUNICADO

A RTP informa que o **Teatro Maria Matos** encerrará de 15 a 30 de Setembro para férias do elenco artístico e pessoal técnico da Companhia. Interrompe-se assim a representação da peça **«Português, Escritor, 45 anos de idade»** de Bernardo Santareno, que vem obtendo assinalado êxito desde a sua estreia, há dois meses, tendo sido vista e aplaudida, já por mais de 35 mil pessoas.

O Teatro reabrirá no dia 1 de Outubro, recomeçando nessa data a carreira da Peça **«Português Escritor, 45 anos de idade»**

OU TOMO A PÍLULA OU SAIS DA MINHA CAMA!

Pílula ou não ... eis a questão!

com Hywel Bennett · Nanette Newman
Milo O'Shea

A SEGUNDA ESTRONDOSA «BOMBA» DO CICLO «MANLANDRICE ON ROCK'S»

HOJE ESTREIA NO MUNDIAL

Sporting Clube de Portugal

TAÇA DOS CAMPEÕES EUROPEUS

O SPORTING EM SAINT ETIENNE

16 - Setembro — LISBOA — Partida do Aeroporto da Portela em avião a jacto com destino a St. Etienne via Paris.
PARIS — Chegada — MUDANÇA DE AVIÃO
PARIS — PARTIDA com destino a St. Etienne.
ST. ETIENNE — Chegada — Assistência e transporte em autocarro privativo ao hotel. Refeições livres. Alojamento.

17 - Setembro — ESTADIA LIVRE em regime de alojamento e pequeno almoço.
DE MANHÃ — VISITA DE CIDADE, em auto carro com guia intérprete.
TARDE — LIVRE.
Refeições livres. Alojamento no hotel.

18 - Setembro — ESTADIA LIVRE, em regime de alojamento e pequeno almoço.
DIA LIVRE.
Ao fim da tarde, transporte em autocarro do hotel ao estádio para assistir ao encontro de futebol ST. ETIENNE SPORTING C. PORTUGAL
Regresso ao hotel.

19 - Setembro — ST. ETIENNE — Assistência e transporte do hotel ao aeroporto.
Partida em avião a jacto para Lisboa, via Paris.
PARIS — Chegada — MUDANÇA DE AVIÃO.
PARIS — Partida com destino a Lisboa.
LISBOA — Chegada ao Aeroporto da Portela.
FIM DA VIAGEM

PREÇO POR PESSOA... Esc. 6570$00

ESTE PREÇO COMPREENDE:

— A passagem aérea em classe turística LISBOA/PARIS/ST. ETIENNE PARIS/LISBOA com direito ao transporte gratuito de 20 kg de bagagem;
— A visita de cidade indicada no programa;
— O transporte em autocarro privativo do aeroporto ao hotel e vice-versa;
— Transporte do hotel ao estádio e volta para assistir ao encontro de futebol;
— A estadia em hotel de 1.ª categoria (4 estrelas) em quartos de duas camas com banho (privativo), em regime de alojamento e pequeno almoço;
— Todas as taxas e impostos no hotel;
— Assistência durante toda a viagem por um representante da organização.
— Garantia de bilhete para o futebol (bancada), não incluído no preço da viagem.

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES:

COMISSÃO DE PROPAGANDA E EXPANSÃO DO S. C. P. — PORTA 10-A
ESTÁDIO JOSÉ ALVALADE

Em colaboração com a

AGÊNCIA DE VIAGENS CATUR, Largo da Biblioteca Pública, 17, Telefone 36 79 74, Lisboa 2

MOBILIÁRIO - SÉCULO XVII

Assim como outros estilos. Fabricante executa mobílias completas e móveis soltos. Grande variedade em exposição Artis, Móveis & Decorações, Rua Maria Andrade, 64. Telefone 848719 (Junto igreja dos Anjos).

ASTRÓLOGA ELGA

Trata e resolve todos os problemas e assuntos de sua vida, mesmo sendo os mais difíceis. Só senhoras. Tel. 77 43 43.

NILFISK

GUARDA O SEGREDO DA LONGEVIDADE

A duração e a eficácia são atributos de qualquer dos seus modelos.
Para a limpeza de médias e grandes superfícies — NILFISK INDUSTRIAL.
Com o seu elevado poder de aspiração e os seus diversos acessórios, ele limpa cantos e recantos geralmente inacessíveis.
Torna-se assim, pela eficiência e economia que representa, no mais rentável aspirador de média e grande potência.
NILFISK INDUSTRIAL duramente comprovado em fábricas, armazéns, garagens, oficinas, hotéis, hospitais, cinemas, igrejas, etc.

NILFISK

UM MUNDO DE SOLUÇÕES

NILFISK — ASPIRADORES INDUSTRIAIS E DOMÉSTICOS, LDA.
LISBOA — Rua Félix Correia, 8 — Tels. 78 83 31/78 99 55
PORTO — Rua da Constituição, 2371 — Tel. 69 34 23

MARCA 74

PAULO GUILHERME apresenta

CABARETÍSSIMO

Interdito a menores de 18 anos

UM ESPECTACULO DE MUSIC-HALL

(O SHOW COMEÇA ÀS 23,30)

RESERVAS PELO TELEFONE 28 37 50

PRAÇA DE TOUROS DE CASCAIS PÓRTICO N.º 11

ESPECTÁCULOS

III FESTIVAL INTERNACIONAL DO CINEMA DA FIGUEIRA DA FOZ

1-Bons filmes numa organização contestada

Por Lauro António

FIGUEIRA DA FOZ, 10 — A terceira edição do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz seguiu agora, entre 5 e 12 de Setembro, enriquecido em filmes e empobrecido, de alguma forma, quanto à sua organização e processos de trabalho. Neste aspecto, o festival principiou sob o signo da contestação e, logo na noite da sua inauguração foi distribuído pelo Círculo Juvenil de Cinema da Figueira da Foz um comunicado pondo em causa a organização e seus processos. O comunicado dizia:

«O Círculo Juvenil de Cinema da Figueira da Foz, presentemente em fase de transformação em cineclube, esclarece que, contrariamente ao que sucedeu nos anos anteriores, não faz parte da Organização da «3.ª Semana» ou «Festival de Cinema da Figueira da Foz».

Esta atitude é devida ao facto de não ter sido aceite a sua representação efectiva através de dois elementos escolhidos para o efeito.

Pretendia-se, com o ingresso destes elementos na Comissão Executiva da «Semana» ou «Festival de Cinema», alcançar a necessária representatividade com poderes resolutivos que todo um trabalho anterior do Círculo Juvenil de Cinema nos parece justificar plenamente.

Porém, tal pretensão foi encarada pelos srs. padre José Vieira Marques e eng.º Alves Catarino, «com uma tentativa de bloqueio ideológico comunista».

Segundo os referidos senhores a presença de tais elementos poderia comprometer o carácter independente da «semana» ou «Festival de Cinema».

Deixaríamos passar em claro a recusa da nossa presença se não estivéssemos perante uma lamentável argumentação que já está ultrapassada. Por outro lado, este procedimento faz-nos recordar a denúncia feita no «Cinéfilo» (n.º 2, de 17 de Outubro de 1973), de que estas organizações da Figueira da Foz se enquadravam «numa estratégia eclesiástica para os assuntos de cinema».

Os factos agora passados parecem confirmar, afinal propósitos que nos fazem encarar com certa apreensão a «Semana» ou «Festival de Cinema» presentemente a decorrer na Figueira da Foz, pelo que declinámos o convite que posteriormente nos foi dirigido para participar no júri do referido certame.»

ORGANIZAÇÃO

Entretanto, o Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz foi este ano organizado pelo Centro de Estudos e Animação Cultural e patrocinado e subsidiado pelo Ministério da Comunicação Social e pela Câmara Municipal da Figueira da Foz, contando ainda com a colaboração da Sociedade Figueira Praia.

Fazem parte da «Comissão Executiva» José Manuel dos Reis Alves Catarino, Manuel Carraveira de Campos, Álvaro Cação Biscaia, António Fernando Vitória da Silva e José Vieira Marques, secretário-geral.

É de José Vieira Marques a apresentação do festival, feita nos seguintes termos:

«O objectivo primário e prioritário do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz é a promoção, junto do público espectador de uma tomada de consciência que o arme com critérios de análise, promovendo e desenvolvendo o seu sentido crítico.

Por isso mesmo, esta semana de visão e discussão de filmes de qualidade vale também como sinal, como paradigma de toda uma actividade de dinamização de base, de aculturação a todos os níveis que urge promover junto de todas as camadas de público. Na medida em que tanto a selecção de filmes como a orientação dos debates visam promover o confronto franco dos mais diversos pontos de vista e dar mais diversas opiniões o festival pretende, em última análise ser um ponto de encontro de pessoas empenhadas na melhoria da sociedade em que vivem.

Tudo isto que os responsáveis ambicionavam antes de 25 de Abril, tornou-se agora meta muito mais próxima. A total colaboração encontrada junto de todas as casas distribuidoras contactadas pela comissão executiva com o interesse e colaboração manifestados por numerosos produtores independentes permite augurar para o futuro do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz perspectivas de enorme interesse a bem da cultura do nosso País. Para já, eis a proposta do Festival de 1974.»

A abrir o Festival, «Paisagem Morta» do húngaro Istvan Gaal.

JÚRI

Nem tudo, porém, correu bem no início desta edição. Para além da «contestação» um passo platónico do Círculo Juvenil de Cinema (digo «platónica» porque ao nível das relações humanas tudo se mantém mais ou menos pacífico e as reacções ao «comunicado» até agora têm ficado caladas), a verdade é que reina alguma desorientação entre as fontes orientadoras.

As falhas têm-se multiplicado, sem gravidade é certo (e perante a maior boa vontade de todos quantos acorreram a este certame), mas calá-las não beneficiaria ninguém e muito menos as futuras edições deste festival. O programa inicial só muito raramente tem sido cumprido. Os filmes mudam de horário com certa ligeireza. Alguns, que se anunciaram, não foram até agora projectados e diz-se que dois ou ou três títulos não chegarão a ser vistos. Por outro lado, o festival, que nos anos anteriores não tinha sido competitivo (e ainda bem!), escolheu este ano os prémios, as taças, as menções honrosas... Um júri será constituído para o efeito, com representantes «eleitos» pelo público, representantes das agremiações culturais presentes e representantes da crítica e dos «trabalhadores do filme». Isto «em princípio», porque, até hoje, só se assistiu a uma eleição «fantasma» dos delegados do público.

Multiplicam-se portanto as interrogações quanto à formação do júri que, ao quinto dia do festival, ainda não está constituído. *Suspense*, portanto...

OS FILMES

Todos estes temas serão posteriormente desenvolvidos e aprofundados. Para já, vejamos o que nos tem oferecido este «festival», que decorre com sessões às 11, 15, 18 e 21,45 horas de todos os dias, com colóquios às 16,30 e às 24 horas. O horário, aliás, afigura-se-me demasiado intensivo para uma jornada de estudo. O que parece revelar as intenções de transformar esta semana num autêntico festival, competitivo e intensivo. Das 11 horas da manhã às 2 horas da madrugada (com duas curtas interrupções para breves refeições) é horário incompatível com uma análise serena das obras escritas. Daí a qualidade inferior dos debates que se têm seguido à maior

Continua na pág. 13

A FORÇA IGNORADA DAS COMPANHEIRAS QUE FICARAM NA SOMBRA - 7

Por GINA DE FREITAS

Deolinda Francisca Franco é uma mulher que viveu 17 anos na clandestinidade com a calma, a segurança e a abnegação da verdadeira militante. Trabalhou sempre metodicamente, sem sobressaltos, talvez por não viver na ânsia de vir a ser participante da vitória. Ela haveria de chegar mais tarde ou mais cedo, mesmo que fosse para outros.

Casou em 1955 com Carlos de Brito, membro do Partido Comunista Português, que actualmente faz parte do Comité Central do mesmo.

Deolinda Franco é uma mulher muito ocupada e com uma actividade talvez ainda mais intensa depois do 25 de Abril. Tivemos que a procurar em Almada, em cuja sede do Partido trabalha, e foi com certa dificuldade que conseguiu uma pausa para conversar connosco. Quando começámos por perguntar-lhe se a sua actuação política começara muito cedo, diz-nos que sim, que tinha cerca de vinte anos.

— Era ainda solteira ou já era casada?

— Solteira, pois isso aconteceu em 1947.

— Em que circunstâncias?

— Creio que um pouco por intuição. Nessa altura em 47, fundou-se a secção Juvenil do MUD e aconteceu-me conversar com alguns amigos que estavam ligados ao movimento a que também aderi. Sempre tive umas determinadas tendências em parte por intuição como já disse e também devido à minha própria vida, pois vivia rodeada por operários, trabalhadores, pessoas, portanto, exploradas e isso foi-me dando uma consciência, digamos que mais viva em relação aos problemas da sociedade. Portanto o MUD Juvenil apareceu e eu integrei-me nele.

— E nessa altura trabalhava?

— Sim, eu comecei a trabalhar em costura, aos 14 anos. Sou de Portimão e vivi lá até aos 21 anos. A vida lá era difícil e mais tarde vim para Lisboa, onde resolvi trabalhar, também em costura. Liguei-me ao MUD Juvecl daqui, onde desenvolvi alguma actividade. Pertencia à Comissão Concelhia de Lisboa e foi numa festa que a Comissão Concelhia levou a efeito no Laranjeiro, em 1954, que conheci o meu marido. Começou o namoro, depois casei em 1955, e ele foi preso em Outubro de 56. Já era a sua segunda prisão e ficou preso de Outubro a Maio do ano seguinte, que foi quando fugiu do Aljube. Eu tive uma certa interferência nessa fuga, dado que a preparei em parte. Contactei com certas pessoas para se arranjar o necessário para serrar as grades e depois para pôr as coisas lá dentro.

— Portanto foi ele quem serrou as grades?

— Ele e os outros. Nessa altura sairam três Ao lado do Aljube havia uma casa para alugar, um 3.º andar, o último da casa. Eu fui ver as condições que a casa tinha e vi que passando pelo telhado e entrando por uma janela que estava aberta, eles poderiam descer e sair pela porta. Era a melhor maneira de fugirem. De forma que eu comuniquei tudo isso, dei todas as indicações e na noite de 25 de Maio fugiram três camaradas.

— E entraram logo para a clandestinidade?

— Exacto. De qualquer modo eu estava disposta a passar à clandestinidade na altura em que o meu marido passasse, mas dado que eu tinha participado na fuga, claro que nessa situação tornou-se imperioso, pois no caso de ficar seria presa e nada adiantava. Passei portanto em Maio de 1957 à clandestinidade. E estive até Abril de 1974.

— Quer então dizer que esteve na clandestinidade durante 17 anos. Sempre em Portugal?

— Sim, sempre em Portugal. Mas estive 16 anos sem ver a minha família. Era muito difícil receberem bnotícias porque não tinham contacto com o Partido, e tornava-se muito complicado fazer-lhes chegar a correspondência.

— Nunca duvidaram de que estivesse viva?

— Eles hoje dizem-me que sim. Até me dizem que é muito mais difícil a ausência de uma pessoa que está viva do que a ausência de uma pessoa que morre. Há sempre uma insegurança. Não se sabe como é que a pessoa está, como vive, o que é que lhe aconteceu, se morreu, se não morreu... Não têm nunca contacto.

— A sua vida na clandestinidade foi muito difícil?

— Não, não foi muito difícil. Eu creio que nós, quando passamos à clandestinidade e temos essa disposição, já vamos preparados para as dificuldades que existem. Naturalmente que há uns momentos piores, outros melhores, como em todo o lado, não é? Há momentos em que pensamos mais na família, em que até nos sentimos um bocado deprimidos, a pensar como é que estarão, o que lhes terá acontecido.

— Nunca foi descoberta nem seguida?

— Felizmente não. Nunca dei por isso, nem dei por haver qualquer problema conspirativo comigo. Fui denunciada, que eu saiba, pelo menos uma vez, mas, de qualquer maneira, não me atingiram. Até creio que tive um pouco de sorte nesse aspecto, pois quando se deram as prisões do Secretariado, em 1961, eu estava numa casa muito próxima onde foram feitas prisões, e um camarada que foi preso depois disso, o Octávio Pato, pouco antes tinha tido um contacto com uma pessoa da casa onde eu estava. O que poderia tê-los levado até lá. Claro que é uma vida um pouco difícil, visto que se vive afastado de tudo.

— Não sofreu dificuldades sob o aspecto material?

— Não. As dificuldades são relativas. Não se vive com muita abundância, naturalmente. Há sempre a necessidade de se ser equilibrado na administração do dinheiro.

— E podia sair normalmente?

— Não, não. Nem ao café, nem ao cinema, nem ao teatro, nem nada.

— E esteve 17 anos assim?

— Sim. Estive assim 17 anos.

— Sem ir abaixo moralmente?

— Moralmente aguentei-me sempre.

— Porquê? Tinha esperança que viesse a acontecer qualquer coisa?

— Esperança nós temos sempre. Mas quando uma pessoa passa à clandestinidade, pelo menos comigo aconteceu assim e penso que acontece com a maior parte das pessoas, pois temos camaradas há mais de 30 anos na clandestinidade, é para trabalhar para o Partido e para trabalhar para a Liberdade. Trabalhamos sempre com a esperança de que ela possa vir, mas sem aquela ânsia se virá ou não no nosso tempo. Se não vier no nosso tempo virá para outros.

— Vocês trabalham para o futuro.

— Exacto. E é isso que nos dá essa tranquilidade, essa segurança, relativa bem entendido, mas a segurança em relação a nós próprios, pois temos de estar sempre vigilantes em relação à Polícia, ao inimigo, temos que fazer uma vida equilibrada e o mais normal possível em relação aos vizinhos, para não despertar suspeitas. No nosso caso, para que as pessoas não se apercebessem de que havia qualquer coisa de anormal naquela casa.

— Quanto ao trabalho era sempre orientado pelo Partido, não é verdade?

— Sim, havia reuniões de organismos em que conseguíamos aparecer 3 ou 4, nas quais estava presente um camarada de escalão superior, que controlava o trabalho. Também tínhamos em conta os que trabalhavam na base, com camaradas das fábricas, dos escritórios, das lojas.

— Em que consistia o seu trabalho nesse período de clandestinidade?

— Eu creio que fiz um pouco de tudo. Estive a manter uma casa onde havia camaradas do Comité Central que estavam também na clandestinidade, mais tarde estive num trabalho de organização no Norte, onde controlei os têxteis, depois fui fazer um curso à União Soviética. Estive lá um ano. Fiz um curso de marxismo e de formação política. Portanto quando voltei deram-me trabalho de unidade, já com outro escalão, na tentativa de organizar um movimento que em 65, a partir portanto das eleições, estava um bocado desfeito. Trabalhei nesse sector. Depois o meu marido saiu da cadeia...

— Quer então dizer que ele tinha sido novamente preso?

— Foi apanhado em 59, quando estava na clandestinidade. E saiu em 66.

— Portanto sairam ambos da clandestinidade, em 25 de Abril?

— Saímos ambos da clandestinidade com o 25 de Abril. Nessa altura já eu estava a trabalhar na organização aqui em Almada.

— Voltemos ainda à sua prolongada clandestinidade. Durante esse tempo nunca teve uma época de maior sobressalto?

— Bem, de quando em quando podia aparecer uma ou outra coisa que nos pusesse mais alerta em relação à Polícia, mas procurávamos indagar e chegar ao fundo de situações para nós pouco claras e felizmente cheguei sempre a conclusões que me tranquilizaram.

— Procurou transformar-se fisicamente, como sei que fizeram muitas pessoas nas mesmas circunstâncias?

— Sim, também fiz o mesmo. Mas isso é uma tendência que todas nós temos da primeira vez, com receio de encontrar pessoas conhecidas. Pintei o cabelo de louro, mas só durante um ano. Pouco depois voltei ao natural, porque habituamo-nos à situação, se é que alguém se pode habituar a uma situação anormal como é a clandestinidade. Mas de qualquer modo começamos a viver mais engrenados naquela vida, que é a vida clandestina e desaparecem os maiores receios de encontrar pessoas conhecidas. Felizmente eu não tinha filhos, porque as pessoas que os têm, normalmente sofrem mais, pois têm que se separar deles desde muito pequenos. Depois é a preocupação de muitas vezes não terem notícias e de não saberem como eles estão.

— A sua calma e a sua determinação talvez tenham facilitado uma série de obstáculos.

— Talvez. Não sei explicar porquê, mas nos momentos mais difíceis pensava sempre: o que é que me pode acontecer de pior, ser presa? Já tinha ido preparada para isso, portanto fazia as coisas com a maior calma possível, sem me deixar levar por nervosismos, mesmo nas tarefas mais difíceis.

— O que representou para si o 25 de Abril?

— Uma grande alegria, decerto, sobretudo pela libertação do Povo Português. Eu continuo a trabalhar no Partido, mas a alegria da libertação não é tanto por mim, mas pelo povo português. A verdade é que a clandestinidade não foi uma coisa muito difícil para mim, pois mentalizei-me para isso. Às vezes até já tenho dito aos camaradas: parece que nasci comunista. O que mais me custou realmente foi a ausência de notícias da família e do meu companheiro quando estava na cadeia. Estive dois anos sem saber dele. Isso foi o mais difícil. Estava muito absorvida pela luta, que foi sempre uma coisa muito importante para mim. Comecei muito cedo a tomar consciência das coisas. É natural que tenha sido por isso.

ALVOR
o conjunto vocal
TOUCH OF VELVET
os espectaculares ilusionistas
ALAIN DENIS & MONICA BELL
ballet
GERRY ATKINS SHOW
e a Orquestra do Casino

VILAMOURA
o extraordinário
TRIO ATHENÉE
a cançonetista inglesa
RITA PHILLIPS
o malabarista alemão
RUDI SCHWEITZER
ballet
THE LEE DELL DANCERS
e a Orquestra do Casino

Sala de máquinas - acesso livre a maiores de 21 anos
Sala de jogos - diariamente das 17 às 3 h
Alvor - telf. (0082) 23141
Vilamoura - telf. (0089) 65319/86
Maiores de 13 anos
CASINOS DO ALGARVE
TEAM

EXTERNATOS

★ LEAL CONSELHEIRO
Rua do Alecrim, 47-2.º — Tel. 326957
★ NOVO RUMO
Praça Luís de Camões, 6-1.º, Esq. — Tel. 361426
★ ACRÓPOLE
Rua das Chagas, 16 — Telefs. 327409-323048
CICLO PREPARATÓRIO
CURSO GERAL DOS LICEUS
E CONTABILIDADE
— ABERTAS AS INSCRIÇÕES —

PERFUMARIA ESPECIALIZADA
Tires Tavares
Rua 1.º de Dezembro, 120-A — Telef. 36 81 67
PERFUMARIAS E PRODUTOS DE BELEZA
PARQUE DOS RESTAURADORES A 40 METROS

GERAL

Os sindicatos da panificação defendem as regras do jogo democrático

Numa reunião de trabalhos efectuada na sede da Intersindical Nacional, os sindicatos da Panificação dos distritos de Évora, Setúbal, Guarda, Viana do Castelo, Braga, Covilhã e Castelo Branco, Santarém, Vila Real e Bragança, Leiria, Porto, Lisboa e Aveiro, deliberaram, por unanimidade e aclamação, enviar à União Sub-Regional dos sindicatos de Faro um desmentido, relativamente às afirmações feitas por um dirigente da secção de Faro do Sindicato dos Empregados e Operários da Indústria de Panificação de Évora, num colóquio sobre sindicalismo efectuado em Faro no dia 14 de Agosto. Esse desmentido é do seguinte teor:

«1. Os delegados da secção de Faro, foram convocados para as reuniões de trabalho conjuntas de todos os Sindicatos da Panificação do País, realizadas no dia 18/6 e 27/6 na sede da Intersidncial.

«2. A acção daquela delegação, na primeira daquelas reuniões foi nitidamente sectorista pois, numa reunião em que se iriam tomar importantíssimas decisões para toda a classe dos trabalhadores da panificação e alheando-se completamente dos interesses desta, aquela delegação unicamente insistia no ponto da sua autonomização em relação ao Sindicato de Évora, boicotando nitidamente todas as decisões da assembleia e tentando dividi-la, agindo sistematicamente contra a opinião maioritária dos presentes.

«3. Na segunda daquelas reuniões, cujo ponto de ordem era a definição da acção a tomar por todos os trabalhadores do País, em função da resposta aos cadernos reivindicativos dada pelo sr. ministro do Trabalho, a acção de boicotagem às decisões da maioria da assembleia e de divisão desta mantêm-se, com a agravante, porém, de depois de votadas as decisões tentarem por todos os meios «virar» a opinião unânime da assembleia, expressa pela votação;

«4. Constatando que não tinham o apoio da maioria da assembleia, resolveram aqueles delegados, impugnar a mesa que já havia sido votada e aprovada na 1.ª. Tendo sido posta à votação a intervenção do delegado do Secretariado da Intersindical, ela foi aprovada pela maioria, juntamente com uma proposta de um delegado da Covilhã para que nas futuras reuniões intersindicatos da Panificação estivesse presenteum delegado da Intersindical, também esta proposta foi aprovada por maioria, só tendo votado contra em ambas a delegação da secção de Faro;

«5. Vários delegados tomaram a palavra para protestar contra as intervenções daquela delegação, considerando-as inoportunas, provocatórias e contrárias aos interesses dos trabalhadores, ameaçando mesmo o bom desenvolvimento dos trabalhos, e a tomada de posição que era necessário decidir;

«6. Neste contexto, o presidente da direcção do Sindicato de Lisboa, enviou para a mesa uma proposta, no sentido da expulsão da delegação de Faro, daquela reunião ou das seguintes até apresentação de provas concretas da sua efectiva representatividade dos trabalhadores do distrito de Faro, contra esta proposta só houve 4 votos contra em 33 delegados presentes;

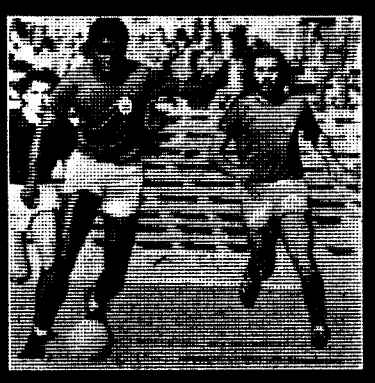
«7. Estes sindicatos estão profundamente empenhados na unidade de todos os trabalhadores, não permitindo e defendendo-se por todos os meios de que dispusserem, das acções inconsequentes e tendentes à divisão da classe que encabeçam, não podendo permitir tomadas de posição, venham elas de onde vierem, contrárias aos ineresses dos trabalhadores da Panificação ou que visem o seu isolamento das outras camadas de trabalhadores. Estes sindicatos estão atentos às manobras do patronato reaccionário e, por isso, não poderão permitir as atitudes que nascidas embora no seu seio, visem de algum modo criar condições favoráveis ao avanço da reacção;

«8. Estamos prontos a receber todos aqueles que nos dêm provas de connosco desejarem trabalhar em prol da nossa classe, mesmo aqueles que, em determinado momento e mais ou menos inconscientemente, tomaram posições avessas aos nossos interesses. Impomos, no entanto, uma condição:

«a submissão estrita das opiniões da minoria aos interesses da maioria, como mandam as boas regras democráticas:

«9. Não podemos deixar de ser implacáveis, excluindo mesmo do nosso trabalho todos aqueles que queiram, através das atitudes que assumem, quebrar as regras do jogo democrático em que nos integramos;

«10. Repudiamos veementemente as afirmações, feitas por um representante da secção de Faro do Sindicato da Panificação de Évora no colóquio sobre sindicalismo efectuado no dia 14 de Agosto em Faro, e que estão perfeitamente inseridas na linha de actuação mentirosa e provocatória bem característica de todos aqueles que em nome da «sua» pseudo-revolução, pretendem a todo o transe conduzir o País para o abismo em que se encontrava há menos de 6 meses atrás».



O mundo em sua casa

SIEMENS

... é a sensação que produz a qualidade de imagem dos televisores Siemens nas transmissões de competições desportivas, de actividades culturais ou de acontecimentos actuais, etc.
Não apenas a técnica esmerada destes receptores tem confirmado a sua aceitação nos mercados mundiais, como também a variedade no design dos seus modelos é uma característica aliciante que permite uma escolha adequada ao gosto individual. Dê mais conforto às suas horas livres com

televisores Siemens

Tentaram proibir a "Grândola"

. Esta canção fraternal, hoje um hino, ouvida em cada boca dentro dos muros de Caxias antes do 25 de Abril, era já odiada pelos fascistas, que a proibiam aos presos até quando a assobiavam.

Depois do 25 de Abril continuou a ser perseguida. Aqui está uma prova, entre tantas, numa pequena entrevista feita a um trabalhador de Trás-os-Montes, Artur Palmeirão.

Navarro — Artur, vamos falar da questão da «Grândola» que se levantou aqui na Vila.

Artur — O que hei-de dizer da «Grândola»?

. N. — Conta lá o que se passa.

A. — Grândola Vila Morena. Terra da fraternidade. O povo é quem mais ordena. Dentro de ti ó Cidade.

N. — Mas houve uma vez um tipo que disse que tu não podias cantar isso, não foi?

. A. — Foi um fascista!...

N. — Disse-te que era proibido?

. A. — Disse para mim que qualquer dia, por cantar a Grândola Vila Morena, havia de ser castigado.

N. — Mas há um outro indivíduo que te disse também que era poibido cantar essa canção. Foi verdade?

. A. — Que eu ainda havia de sofrer por cantar a «Grândola Vila Morena».

N. — E tu «arrumas-lhes» com a «Grândola», não é?

. A. — E eu a cada passo canto-a, é diariamente. Quando posso, dentro de horas, canto Grândola Vila Morena!

. N. — E os tipos ficam aflitos, os patrões?

. A. — Começam aos suspiros, começam a bufar forte. Parecem cobras.

N. — E tu como é que dizes? Fizeste uma adaptação à canção, não foi?

. A. — A adaptação?

. N. — Sim. É que tu mudaste um bocado a letra...

A. — Não mudei não!...

N. — Como é que tu dizes?

. A. — Em cada esquina um amigo...

N. — Mas tu dizias «em cada esquina um bandido», não era?

. A. — E digo-o mais alto! Em cada esquina um bandido!... Grândola Vila Morena!

ANTÓNIO MODESTO NAVARRO

BATAS ESCOLARES

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS

TINTURARIA GUANABARA

Av. João XXI, 5-D — R. Infantaria 16, 55-C — Lisboa

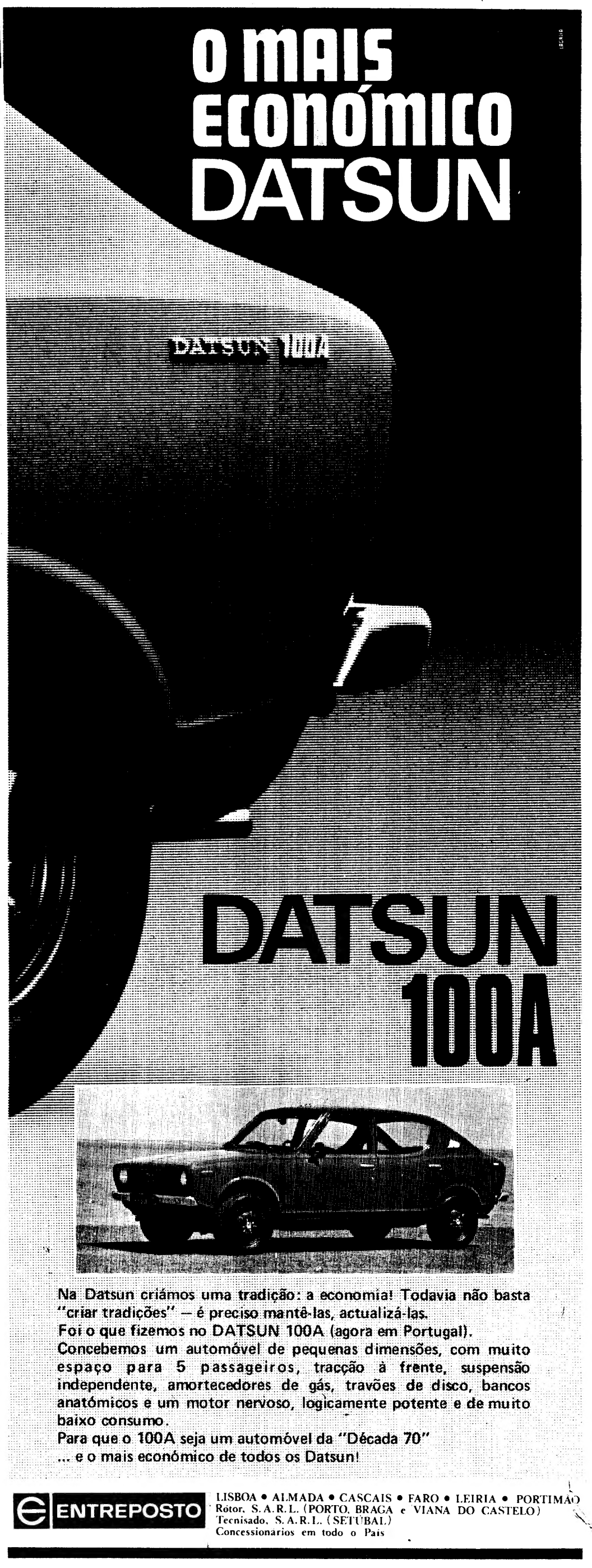
Artigos de alta qualidade para o estudante pintar, desenhar, escrever e colar

Comprovados e da máxima confiança os artigos PELIKAN são estudados para o uso diário

Pelikan

DIST. CANAL 1

O MAIS ECONÓMICO DATSUN



Na Datsun criámos uma tradição: a economia! Todavia não basta "criar tradições" — é preciso mantê-las, actualizá-las.
Foi o que fizemos no DATSUN 100A (agora em Portugal).
Concebemos um automóvel de pequenas dimensões, com muito espaço para 5 passageiros, tracção à frente, suspensão independente, amortecedores de gás, travões de disco, bancos anatómicos e um motor nervoso, logicamente potente e de muito baixo consumo.
Para que o 100A seja um automóvel da "Década 70"
... e o mais económico de todos os Datsun!

ENTREPOSTO

LISBOA • ALMADA • CASCAIS • FARO • LEIRIA • PORTIMÃO
Rótor, S.A.R.L. (PORTO, BRAGA e VIANA DO CASTELO)
Tecnisado, S.A.R.L. (SETÚBAL)
Concessionarios em todo o País

NACIONAL

Uma centena de mortos em Lourenço Marques

Continuação da pág. 1

noites era difícil para um observador francês não se sentir voltar atrás 15 anos.

Em pleno drama argelino era o mesmo ambiente tragicómico, o mesmo folclore, com a sua mistura de esperanças loucas e vãs tentativas para fazer recuar o exército e, em pano de fundo, a mesma obcessão: as massas negras (substituindo aqui as tropas da FNL) espraiando-se pela cidade para se lançarem numa «chacina» geral.

E foi realmente este risco, evidenciado por recontros bem reais e sangrentos, que levou os responsáveis obscuros do «Movimento» a resignarem-se ao fim da manhã a evacuar o edifício e a abandonar o único instrumento que lhes deu uma efémera realidade política.

SAÍDAS FECHADAS

Estes incidentes foram, aliás, suficientemente sérios para levar durante a tarde as tropas a fechar todas as saídas da cidade, em particular as que conduzem ao aeroporto.

Mas o aferrolhamento funcionava nos dois sentidos: pelo seu lado, a Frelimo, impedindo os camponeses e os comerciantes negros de penetrar nos bairros «brancos», impediu, na prática, todos os abastecimentos e tornou, deste modo, premente uma solução.

No plano político, o balanço, para os investigadores deste desafio desesperado, parece ser nitidamente negatvo. Excepto na tarde de segunda-feira, por ocasião da vinda à capital de Moçambique dos emissários de Lisboa, não conseguiram mobilizar sequer verdadeiramente o conjunto dos seus próprios partidários.

Em momento algum foram aceites, nem por Lisboa e ainda menos pela Frelimo, como interlocutores válidos, e os representantes do general Spínola recusaram-se a encontrarem-se com eles na sua fortaleza.

A multidão dos que os apoiavam era apenas constituída pela «miuçalha branca», pois os homens de negócios e a quase totalidade das patentes do exército não tomaram a sério o «movimento».

Mas aqueles centos de homens e mulheres que passaram horas e horas a gritar de entusiasmo e depois de decepção, lembravam flagrantemente os «pieds noirs» de Bab El Ued. Muitos choravam ao compreenderam que a aventura terminava lamentavelmente e consideravam-se «traídos». Viu-se até uma jovem entrar à força no edifício, com um bebé nos braços e arrastando pela mão outro pouco maior, antes do assalto final, para «morrer ali com seu marido».

Os nomes dos organizadores do «golpe» não chegaram a entrar na história.

Havia entre eles, parece alguns militantes de grupos de «ultras», como Gomes dos Santos, um negociante de automóveis, ex-animador do «FICO», e também uma mulher preta, que teria sido avistada no domingo e seria uma transfuga do Coremo.

MINA

BEIRA, 11 — (F.P.) — Uma mina fez ir pelos ares um comboio e foi atacado outro na via férrea que liga a Beira ao Malawy, no Norte do Moçambique.

Estes actos de sabotagem, que não causaram vítimas, são os primeiros desde a tentativa do golpe de Estado.

O primeiro comboio chocou com a mina a 10 quilómetros a Norte de Inhamina, a 150 quilómetros da Beira. Quanto ao segundo comboio, foi atacado a tiro ao entrar na estação de Sena, 44 quilómetros ao Sul da fronteira com o Malawy.

COMUNICAÇÕES CORTADAS

JOANESBURGO, 11 — (F.P.) — Todas as comunicações telefónicas e telegráficas entre a capital de Moçambique, Lourenço Marques, e o resto do País, assim como com o exterior, estão cortadas desde ontem à noite, isto é, desde algumas horas depois do «Putsch» efémero de «Moçambique Livre» ter sido dominado num princípio de tumulto popular negro que causou cerca de dez mortos e um número indeterminado de feridos.

Soube-se ontem à noite que boa parte dos chefes dissidentes autores do golpe de Lourenço Marques conseguiram sair da capital e até de Moçambique.

Poucas horas depois da rendição dos dissidentes alguns jornalistas reconheceram, com efeito diversos dos chefes do «Movimento» quando fugiam disfarçados de um hotel da cidade.

Os fugitivos teriam pedido aos jornalistas que não dessem alarme antes de duas horas a fim de lhes dar tempo «de se porem ao fresco».

Entretanto, ambulâncias recolhiam muitos feridos nos arrabaldes negros da capital. Em Xipamanine, na estrada do aeroporto, os recontros teriam sido particularmente violentos, segundo o depoimento de um jornalista africano. Teria havido vários mortos e feridos segundo esse jornalista, que não pode, todavia fornecer um balanço concreto.

Cinco horas depois do fim do dissídio, o centro da cidade estava deserto.

OS MOTORISTAS IMPEDEM A GREVE DOS PATRÕES

. . Até agora o GITA não deu qualquer sinal. Portanto todos os transportes estão a operar normalmente — declarou-nos esta manhã um elemento do Sindicato dos Motoristas. **Estamos na situação de espectadores. A situação está controlada e com a vontade que os trabalhdores têm neste momento não há qualquer problema no nosso país em relação aos transportes.**

Estas declarações, que traduzem o elevado sentido de responsabilidades de uma das classes mais exploradas pelo fascismo, seguem-se ao plenário que ontem reuniu mais de um milhar de motoristas no Pavilhão dos Desportos, os quais manifestaram a sua firme determinação de impedir a paralisação dos transportes decidida pelo Grémio dos Industriais dos Transportes Automóveis (GITA), caso o Governo não autorizasse os aumentos de tarifas pretendidos.

O golpe à chilena preparado por estes industriais, com os objectivos que facilmente se adivinham, encontra, assim, pela frente, a oposição firme dos trabalhadores.

No plenário foi denunciada a manobra do Grémio que diz não poder cumprir o Contrato Colectivo de Trabalho que assinou, de acordo com os sindicatos, para lançar os motoristas contra o sindicato e criar a desunião estabelecendo assim condições favoráveis para o «lock out».

Foi decidido neste plenário que, no caso de ser decretada a greve dos patrões, os motoristas tentem apoderar-se das viaturas que conduzem e continuem a prestar os serviços normais. Nos casos em que isso não for possível, devem dirigir-se ao sindicato para aporem nos seus carros particulares o dístico «Táxi Provisório», ou conduzirem um dos trezentos carros de que o sindicato dispõe, oferecidos por particulares. Estas decisões foram tomadas por unamidade.

Foi também aprovada uma proposta para a entrada do Sindicato dos Motoristas na Intersindical e outra para que hoje, às 11 horas, todos os motoristas parem cinco minutos em solidariedade com o povo do Chile.

Apesar de várias tentativas não nos foi possível contactar nenhum dirigente do Grémio pois, segundo dali nos informaram «estavam quase todos de férias». Soubémos no entanto que ontem os representantes do GITA tiveram uma entrevista com o ministro sem pasta Alvaro Cunhal, que já havia recebido também os dirigentes do Sindicato dos Motoristas e a denuncia de que os patrões se recusavam a cumprir os Contratos Colectivos de Trabalho.

Continua a greve no "Jornal do Comércio"

Dada a intransigência de ambas as partes em relação ao saneamento do director-administrador Carlos Machado, não se chegaram a iniciar as negociações entre a entidade patronal e os delegados da empresa do «Jornal do Comércio», na reunião que ontem se efectuou no Ministério do Trabalho.

Verificada a impossibilidade de diálogo sobre o caderno reivindicativo, passou-se a apreciar as mais recentes fases do processo, em esperial, o significado da esmagadora maioria de votos (146 contra 19) a favor da continuação da greve.

SOLIDARIEDADE NO PORTO

Em qualquer caso, as formas de luta a levar a cabo pelos trabalhadores devem ser obrigatoriamente discutidas pela classe, de modo a estarem de acordo com os seus interesses e as suas responsabilidades no processo de democratização do País» — salienta o comunicado do Sindicato dos Profissionais das Artes Gráficas do distrito do Porto.

Entretanto, reuniu-se uma comissão técnica de trabalhadores do **«Jornal do Comércio»** com a finalidade de perspertivar formas de actuação para esclarecimento público, as quais seriam: publicação de um jornal dos trabalhadores, espectáculo de variedades numa sala de Lisboa, com entradas gratuitas e em que o público pode contribuir com a quantia que desejar. Esta comissão decidiu pedir à Radiotelevisão a cedência de tempo para uma mesa-redonda para a qual os trabalhadores do «Jornal do Comércio» convidam desde já a administração da empresa e o respectivo director-administrador Carlos Machado.

Intensificação da fiscalização de preços

. Vamos intensificar imediatamente a fiscalização de preços — declarou-nos esta manhã o dr. Macaísta Malheiros, que acaba de ser nomeado para o cargo de director-geral da Fiscalização Económica.

Relativamente a este assunto, vai ser publicada brevemente, precedida de uma ampla campanha de publicidade, a lista dos novos preços praticados no mercado retalhista em termos de os organismos oficiais e o próprio público poderem colaborar na fiscalização à vaga especulativa que ameaça generalizar-se.

O anúncio desta medida tomada em reunião conjunta das Direcções-Gerais de Preços e das Contribuições, consta de uma informação transmitida à Imprensa pela Secretaria de Estado de Abastecimento e Preços.

Nessa nota, declara-se a certo passo:

. Admite-se que venham a adoptar-se providências fiscais suplementares ou medidas penalizadoras que incidirão sobre os lucros obtidos através da especulação, independentemente da acção judicial a que houver lugar.

Assim se procurará combater não só a prática de açambarcamentos que feitos na expectativa de próximo aumento de preços, criam escassez no mercado, mas também a desenfreada procura do lucro excessivo através da incidência de exageradas taxas de comercialização.

A tendência especulativa herdada do antigo regime, conheceu uma certa travagem com o congelamento de preços durante os dois meses que se seguiram ao 25 de Abril. Posteriores levantamentos desse congelamento, ainda que condicionados, e o anúncio da fixação dos nossos impostos, nomeadamente de quantitativos diferentes do imposto de transacções, levaram muitos retalhistas a carregar a fundo na especulação, com prejuízos que o público sente e que os organismos governamentais se mostram dispostos a combater.

É o que se pode ler no número dois da informação da Secretaria de Estado de Abastecimento e Preços:

. «Tendo entrado em vigor somente no passado dia 29 de Agosto o Decreto-Lei n.º 375/74 que estabelece as novas taxas do imposto de transacções assim como as listas dos produtos a ele sujeitos o «stock» de muitos retalhistas ainda é composto por produtos onerados com o anterior IT. No entanto, aproveitando-se do conhecimento público da alteração do imposto que provoca no consumidor uma predisposição à sujeição ao aumento de preços, detectou-se já que alguns retalhistas subiram abusivamente os preços.

«Este facto é ilegal e é considerado crime de especulação.»

. Mais ainda: «O retalhista, na formação dos seus preços unicamente pode acrescer ao preço do grossista — que já inclui o IT — a margem de comercialização que a lei lhe atribui.»

. No âmbito das providências a tomar apela-se para que não haja hesitações em domínios tão delicados como este, já que as novas liberdades conquistadas tendem a ser aproveitadas por alguns para manobras especulativas politicamente muito perigosas, na medida em que são susceptíveis de lançar o descontentamento entre largas massas de consumidores.

O NOVO DIRECTOR-GERAL

O novo director-geral da Fiscalização Económica, dr. Manuel Luís Macaísta Malheiros, advogado prestigiado nos meios políticos de oposição ao regime marcelista e com numerosas intervenções na defesa de presos políticos, foi também um dos mais activos dirigentes estudantis até 1963.

O dr. Macaísta Malheiros, natural de Alcácer do Sal e com 34 anos de idade foi igualmente revisor oficial de contas.

Licenciou-se em Direito em 1962 tendo feito a sua carreira profissional principalmente no campo do Direito Económico e do Direito do Trabalho. É dirigente da Liga Portuguesa dos Direitos do Homem.

Foi também técnico do Serviço de Apoio ao Investidor, e após o 25 de Abril, presidente da Comissão Administrativa da Câmara de Alcácer do Sal. Presentemente, desempenhava as funções de chefe de Gabinete do Secretário de Estado do Comércio Externo e do Turismo.

Segundo nos disse, a sua entrada para aquela Direcção-Geral, antiga Inspecção das Actividades Económicas, vai coincidir com um reforço substancial de quadros, em termos de poder prosseguir uma efectiva fiscalização. Para tanto, vão ser integrados na Direcção-Geral os funcionários dos extintos organismos corporativos e dos organismos de Coordenação Económica.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Concurso para o 4.º trimestre de 1974

FORNECIMENTO DURANTE O 4.º TRIMESTRE DE 1974

Concurso Público n.º 3-0070/74 — Batatas
Concurso Público n.º 3-0071/74 — Hortaliças
Concurso Público n.º 3-0072/74 — Frutas
Concurso Público n.º 3-0073/74 — Carnes diversas, miudezas e seus derivados
Concurso Público n.º 3-0074/74 — Peixe Congelado
Concurso limitado n.º 2-1774/74 — Batata Desideratada

Recebem-se as propostas até às 9,45 horas do dia 16 do corrente mês para os mencionados concursos.

Os interessados poderão consultar os cadernos de encargos no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa (Hospital de S. José) em qualquer dia útil, das 9 às 11.30 das 14 às 16 e ao sábado das 9 às 12 até à hora e data marcada para o recebimento das propostas.

Serviço de Aquisições dos dos Hospitais Civis de Lisboa, em 6 de Setembro de 1974.

Pelo Chefe do Serviço de Aquisições
a) **Ilídio de Sousa**

MANIFESTAÇÃO DE AGRICULTORES NO TERREIRO DO PAÇO

Lisboa vai ser invadida a meio da tarde por milhares de agricultores, pequenos e médios produtores de leite da zona de influência da U. C. A. L. (União de Cooperativas Abastecedoras de Lisboa) e das regiões do Centro e Norte do País, que marcaram encontro no Terreiro do Paço para manifestarem o seu desacordo face ao recente despacho que fixou novos preços do leite à produção e ao consumo e a sua insatisfação pela maneira como são conduzidos os departamentos governativos que lhes dizem respeito.

A sua situação não melhorou, antes pelo contrário. Consideram os interessados que o diploma do secretário de Estado de Abastecimento e Preços constitui uma nítida protecção à indústria privada, mais uma vez à custa dos trabalhadores do campo, a exemplo do que sempre aconteceu antes do 25 de Abril. Também os dirigentes cooperativos por nós contactados consideram o despacho um grave atentado às cooperativas de produção, numa altura em que, precisamente, deveria basear-se nelas o fomento da produção pecuária e a melhoria social da vida dos agricultores.

Serviço de Ambulâncias

. Por decisão do Conselho de ministros, transitaram para o Ministério de Defesa todas as responsabilidades e competências que eram atribuidas ao ministro do Interior em relação ao Serviço Nacional de Ambulâncias.

Temporáriamente, o comando geral da PSP funcionará como órgão administrativo deste concelho coordenador.

ESTRANGEIRO

Fórmulas decalcadas do franquismo surgem no Chile de Pinochet

SANTIAGO DO CHILE, 11 (F.P. e A.N.I.) — A ideia de reagrupar os chilenos favoraveis às forças armadas através de fórmulas à semelhança do Governo franquista parece ter tomado ultimamente amplitude, nalguns círculos próximos da Junta Militar.

Toda a actividade política é proibida no Chile, desde que o general Pinochet assumiu o poder, faz hoje um ano. Mas alguns dirigentes, segundo indicou à «France Press» um alto funcionário chileno, veriam com bons modos a criação de um «movimento de apoio» ao Governo.

O influente jornal conservador «El Mercurio» fez-se por duas vezes eco dessas preocupações, ao afirmar a necessidade de evitar a formação de um regime exclusivamente militar que se veja rodeado de adversários civis de todas as tendências ideológicas.

As Forças Armadas — considerou o jornal — têm necessidade de que a população civil lhes signifique o seu apoio de maneira duradoura através de organizações que não sejam partidos. Segundo «El Mercurio», a «velha democracia chilena» poderia reviver graças a acção de grupos apolíticos encarregados de canalizar a participação da população na vida do país.

O principal teórico deste novo estilo de «democracia» é o dr. Pablo Rodriguez, «leader» do Movimento da Extrema Direita «Pátria y Libertad» que se pronunciou recentemente a favor da instauração de um estado «orgânico, corporativo e funcional» em que opoder político seja exercido pelos trabalhadores, por intermédio dos seus representantes.

APOIO AO POVO CHILENO

CARACAS — O «slogan» «No Chile está a resistência da América Latina» é mais relevante do que nunca, declarou a comissão venezuelana de solidariedade com o Chile, por ocasião do primeiro aniversário do golpe fascista naquele país.

O Movimento Eleitoral do Povo (MEP) e o Movimento da Esquerda Revolucionária (MIR) denunciaram também a Junta Militar chilena e manifestaram o seu apoio à resistência popular no Chile. O apoio do MEP à solidariedade para o Chile foi aprovado pelo executivo deste partido, na sua última reunião, e o MIR mostrou-se a favor da reunião de solidariedade internacional para com oChile, que se inicia hoje em Caracas.

Num comunicado, oMIR salienta que hoje em dia o Chile é «o reino da barbaridade e o campode luta da liberdade».

Por seu turno, a organização Continental Latino-Americana de Estudantes, (OCLAE), pediu a todos os seus membros que apoiem a realização de «uma reunião internacional de solidariedade com o Chile contra o fascismo, em prol das liberdades democráticas e respeito pelos direitos humanos na América Latina».

O acontecimento será realizado de hoje a 13 deste mês, em Caracas — anunciou a OCLAE numa mensagem para marcar a semana de solidariedade com o povo do Chile.

O documento da OCLAE acrescenta que, desde o golpe fascista de onze de Setembro de 1973, que derrubou o Governo de Unidade Popular e assassinou o heróico presidente Salvador Allende, o povo do Chile tem sofrido na sua própria carne uma das mais brutais ditaduras que jamais se estabeleceram na América Latina,

Todos os dias centenas de operários, estudantes e camponeses são torturados e assassinados. A Junta fascista edificou mais de cem campos de concentração através de todo o país, utilizados para a detenção de mais de 30.000 prisioneiros políticos — continua o documento da OCLAE.

A mensagem fala do sinistro ódio da Junta para com as personalidades proeminentes do Governo de Unidade Popular, entre as quais Luís Corvalan, Clodomiro Almeyda e Bautista Van Schowen, alguns dos quais foram exilados para a Ilha de Dawson um centro de tortura e morte, na parte sul do país.

Em nome do corpo estudantil da América Latina, a OCLAE exige a libertação de todos os patriotas chilenos presos pela Junta fascista e exprime una vez mais a sua solidariedade com os estudantes e o povo do Chile.

«A unidade anti-imperialista é a táctica e a estratégia da vitória» — conclui o documento.

O PRINCIPAL ERRO DOS ALTOS JUÍZES

LONDRES — O tribunal supremo chileno poderia desempenhar um papel muito importante para o restabelecimento dos direitos civis dos seus cidadãos, se cumprisse com as suas funções constitucionais — criticou, ontem à noite, o antigo deputado trabalhista, John Platts-Mill, que acaba de efectuar, uma visita a esse país como representante do Sindicato Britânico dos Estudantes.

«O principal erro dos altos juízes chilenos — acrescentou — foi o de negarem-se a tomar o controle dos tribunais militares como a constituição prevê».

O advogado britânico criticou também a ordem chilena dos advogados. «Apesar de, segundo círculos bem informados, no ano passado terem sido assassinados nove advogados e de se encontrarem presos outros 35, o seu colégio profissional é um corpo débil, que nem sequer protesta contra os maus tratos que os seus membros sofrem» — conluíu Platts-Mill.

Palmela Haebich, operária australiana, foi sujeita, após um acidente de trabalho a uma transplantação do couro cabeludo. Os cirurgiões mostram-se confiantes no êxito da melindrosa operação. O optimismo dos médicos parece ter-se transmitido à doente. Tentativas anteriores de transplantações deste tipo têm fracassado. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

INGLATERRA

Os conservadores convidam a um Governo de coligação

LONDRES, 11 (ANI) — O Partido Conservador britânico anunciou que participará nas próximas eleições gerais e fez uma proposta a todos os outros partidos para que se lhe juntassem na luta contra a crescente inflação.

Um manifesto do Partido deve ser lançado ogo que o primeiro-ministro Harold Wilson anuncie a data das eleições, dizendo que «a crise nacional deve ultrapassar as diferenças entre os partidos».

«Depois das eleições consultaremos e conferenciaremos com os chefes de outros partidos e com os dirigentes dos grandes interesses nacionais, para assegurar para a política governamental o apoio de todos os homens e mulheres de boa vontade.

«Convidaremos o povo fora das fileiras do nosso partido para que nos ajude a vencer as dificuldades que se deparam à Grã-Bretanha.»

Comentadores políticos declaram que esta declaração tem todo o aspecto de ser um convite aberto aos partidos Trabalhista e Liberal, para que formem juntamente com os conservadores, um partido de coligação se os resultados das eleições derem um novo impasse, tal como sucedeu nas eleições de 28 de Fevereiro, em que nenhum partido conseguiu uma grande maioria.

O manifesto afirma que, se os conservadores ganharem e formarem Governo, poderão recorrer à força da lei para fazer valer a sua política.

«Se, depois de todos os nossos esforços, não conseguirmos atingir uma política voluntária, teremos de basear essa política na lei» — declara o manifesto.

Wilson ainda não anunciou a data das eleições. No entanto, a maior parte dos jornais britânicos e informadores políticos predizem que será a 10 de Outubro.

O anúncio oficial será feito na próxima semana.

Os delegados já começaram a reunir-se para a convenção anual do Partido Liberal, que se inicia hoje em Brighton.

Esta poderá ser a única convenção de qualquer partido a realizar este ano, já que as do Partido Trabalhista e a do Partido Conservador, marcadas para princípios de Outubro, poderão não se realizar, se as eleições forem efectivamente a 10 de Outubro.

Na convenção dos liberais, o assunto dominante deve ser a possível participação do partido num governo de coligação com os conservadores, o que não é de forma alguma rejeitado pelo líder liberal, Jeremy Thorpe. No entanto, a ala jovem, do partido é de opinião completamente oposta, e apelidou mesmo Thorpe de «traidor», só por ele considerar essa possibilidade.

Agrava-se a crise do capitalismo

— afirmam técnicos soviéticos de Economia

MOSCOVO, 11 (Por Michel Garin, da Agência France Press) — As crises monetária e energética e a inflação que abalam os países capitalistas provocaram «um agravamento da crise geral do capitalismo », declaram os técnicos do «IMEMO» (Instituto de Economia Mundial e das Relações Internacionais).

O «IMEMO» publica na sua revista de Setembro um longo artigo não assinado, analisando a situação da economia capitalista em 1974. Este estudo, menos crítico e menos virulento do que o publicado o mês passado na «Pravda» órgão do Partido Comunista Soviético, retoma nas suas grandes linhas os mesmos temas e os mesmos argumentos.

«O socialismo reforçou a sua posição na arena internacional, na competição que o opõe ao capitalismo», considera a revista.

«Os países socialistas, escreve, forneceram em 1973 cerca de 39 por cento da produção industrial mundial... A crise dos países capitalistas agravou-se à escala internacional com acontecimentos tais como a crise monetária e a crise energética».

Os peritos do «IMEMO» salientam por outro lado, que os Estados Unidos, os países da Europa Ocidental e o Japão não conseguiram jugular a inflação. A sua política anti-inflacionista, escrevem eles reflete claramente os plenos e os programas de uma política de classe que tende a fazer suportar pelos trabalhadores as consequências da inflação. O ritmo da inflação aumentou muito fortemente até 1974 e as medidas anti-inflacionistas constituíram um golpe sério no nível de vida dos trabalhadores.

Evocando a crise monetária os especialistas soviéticos constatam que ela resulta de um «longo processo de erosão do sistema de Bettton-Woods», criado no final da Segunda Guerra Mundial e baseado no domínio do dólar.

«A baixa do poder de concorrência das mercadorias americanas, assim como as despesas militares gigantescas no estrangeiro, conduziram ao «deficit» da balança dos pagamentos dos Estados Unidos que se traduziu, no fim de contas, por uma falsa paridade do dólar no mercado monetário dos países capitalistas».

O «IMEMO» considera que as dificuldades eronómicas dos países capitalistas seguir-se-á um reforço da tensão no domínio social e um aumento das tensões entre esses países e os Estados em vias de desenvolvimento.

O estudo do Instituto é provavelmente destinado aos especialistas e aos professores soviéticos de economia. Insiste menos do que o artigo do académico Inozemstev no papel do dólar na crise monetária e na crise da energia e na alta dos preços das matérias-primas.

O Instituto acentou porém o reforço do papel das sociedades multinacionais na vida política e económica dos países capitalistas. Estas, conclui, aceleram o processo inflacionista.

Os economistas soviéticos prevêem ainda uma diminuição dos ritmos de crescimento do comércio capitalista mundial este ano prevêem também um aumento do valor das trocas comerciais da U.R.S.S. com os Estados capitalistas, devido ao aumento dos preços das matérias-primas fornecidas a esses países.

O ano passado, o comércio externo da União Soviética a 31 000 milhões de rublos e a balança comercial soviética registou um saldo positivo de 300 milhões de rublos (cerca de 10 000 contos).

O Kremlin não deseja, parece, uma crise catastrófica do sistema capitalista que poderia comprometer, o desenvolvimento da U.R.S.S. Neste momento, os soviéticos esforçam-se por aproveitar ao máximos as contradições do sistema capitalista e acelerar o equipamento do seu país em material ocidental tecnicamente avançado, para preencher os atrasos acumulados pela indústria soviética em certos sectores.

PASSAPORTES
INDIVIDUAIS FAMILIARES COLECTIVOS
NORTUR PM TURISMO

"Grecia Nova" passa a diário

ATENAS, 11 (F.P.) — O semanário «Grécia Nova», órgão do Partido Comunista Grego, de tendência dita do exterior tornou-se a partir de ontem diário.

Num editorial, o novo diário da esquerda, o segundo que aparece em Atenas, (o primeiro sendo o «Avgni», órgão do Partido Comunista Grego, de tendência dita do interior) salienta que «se o Governo civil transitório adoptou até agora algumas medidas políticas, está todavia muito longe de satisfazer as aspirações populares, como sejam: política externa independente a propósito do caso de Chipre e outras questões nacionais, depuração do país de tudo o que diz respeito a Junta Militar, castigo dos responsáveis da ditadura militar, democratização da vida interior do país garantindo a soberania popular».

NOVA LEI DA CAÇA

É adiada para o dia 19 a reunião anteriormente marcada para o dia 12.

Convidam-se, portanto, os caçadores, proprietários ou arrendatários de Coutos e aramados, guardas florestais, guardas de caça e bicheiros, para uma reunião no dia 19, 5.ª-feira, da próxima semana, às 21,30 horas, no Pavilhão do Estádio da Luz, do Sport Lisboa e Benfica, para um debate sobre a nova Lei e apresentação de uma exposição ao Governo.

Entende-se, com efeito, que as disposições recentemente promulgadas são altamente lesivas do Património Cinegético Nacional, quer relativamente à caça menor quer maior, cujas últimas reservas colocam em riscos de destruição, assim como do interesse bem entendido dos caçadores, da Lavoura e dos milhares de guardas e trabalhadores rurais que a nova Lei, a manter-se, vai lançar no desemprego.

A COMISSÃO PROMOTORA

GERAL

Em apoio ao povo chileno

. . A remuneração dos trabalhadores era insuficiente para satisfazer as suas principais necessidades. Em 1960 e 1970, a parte que coube aos salários dos trabalhadores nacionais diminuiu de 18,5 por cento, para 16 por cento, do produto total.

Para além destas características da economia do CHile, que o governo de Allende herdou, o país sofria de uma inflação aguda, ou seja, um aumento generalizado e muito acentuado dos preços. O aumento anual de preços foi perto de 28 por cento entre 1960 e 1970.

Independentemente destes traços fundamentais, que resultavam do elevado grau de concentração da riqueza e da propriedade no Chile, há ainda que notar a crescente kependência da economia do país em relação aos capitais estrangeiros. O domínio deste sobre as riquezas básicas do Chile era relativamente expressivo. O cobre em primeiro lugar é pouco a pouco, nos ramos mais importantes do sector das indústrias transformadoras, achavam-se praticamente sob o domínio do capital estrangeiro. Em 100 grandes empresas chilenas, mais de 60 tinham participação estrangeira com peso suficiente para que a maior parte delas fosse controlada por esse calital exterior.

O sistema de propriedade e uso da terra era igualmente inaceitável, levantando não só problemas de justiça social, para a maioria dos camponeses como também sérias dificuldades económicas. Entre 1965 e 1970, por exemplo, o crescimento tanto da produção agrícola como da produção pecuária ficaram abaixo do crescimento da população. A importância do latifúndio, em constraste comas explorações muito pequenas — os minifúndios — estava na origem da estagnação e das dificuldades de desenvolvimento da agricultura do Chile. De facto, por volta do ano de 1960, mais de 50 por cento da superfície agrícola total estava ocupada para explorações com área superior a 5000 hectares que, no seu conjunto, perfaziam menos de 1 por cento das explorações agrícolas existentes no Chile. Tal estrutura agrária manteve-se praticamente inalterada ao longo dos anos, nos seus aspectos fundamentais. As modificações que se fizeram durante o período de Eduardo Frei, presidente que antecedeu Salvador Allende, foram de modo geral pouco significativas, desenrolando-se essencialmente num sentido neocapitalista. Aquelas modificações procuraram sobretudo iludir as massas camponesas com concessões de pequeno significado, visando realmente encorajar determinada capacidade empresarial de tipo capitalista, de forma a que esta se tornasse cada vez mais poderosa e dominante no sector.

As características essenciais acima referidas colocavam a economia chilena numa situação de incapacidade de absorver a mão de obra disponível. Desemprego e sub-emprego eram dois outros aspectos do Chile anterior a Salvador Allende.

O governo de Unidade Popular de Salvador Allende, cuja subida ao poder resultou da vontade depressa pelo povo chileno e da sua maturidade política, procurou transformar o curso da economia do Chile, colocando-a ao serviço do povo, para a sua efectiva promoção económica e social. A política de Salvador Allende desenvolveu-se no sentido não só de uma adequada redistribuição de rendimentos, de forma a satisfazer as necessidades da grande maioria da população do Chile como também da construção de uma economia verdadeiramente nacional e independente. O programa do Governo de Unidade Popular incluia, por isso, a nacionalização das principais riquezas básicas, a nacionalização dos bancos privados e dos monopólios da produção e distribuição mais importantes, a aceleração, aprofundamento e ampliação do processo de reforma agrária, com a constituição de cooperativas de camponeses e, finalmente, ampliação da área estatal do comércio externo. Tais eram os traços essenciais da política da Unidade Popular — uma política voltada para o povo do Chile. Uma política que resultava permanentemente da vontade expressa pelo povo chileno.

Como Salvador Allende afirmou, num dos seus discursos: «As nossas necessidades não se alcançarão enquanto não se abandonar a actual estrutura de relações entre aprodução e o trabalho, enquanto na5o se abandonar a actual estrutura da concentração do poder económico e do poder político. Só com modificações estruturais de fundo, como a reforma agrária, a nacionalização das riquezas básicas e dos bancos, reforma das instituições políticas e a reestruturação industrial se conseguirá mobilizar os excedentes económicos, orientando-os para o desenvolvimento planificado. Um desenvolvimento para satisfazer as necessidades básicas de toda a população. É com medidas desta magnitude que poderemos terminar com a estagnação, com a miséria e com a dura dependência.»

. . Por se tratar de um presidente — Salvador Allende —, de um Governo — a Unidade Popular — e de uma política ao serviço de um povo para o seu progresso económico e bem-estar social, o fascismo abateu-se sobre eles, a fim de pôr termo ao processo de desenvolvimento que visava eliminar definitivamente a divisão entre ricos e pobres, a concorrência económica e a estagnação. O dascismo abateu-se sobre eles a fim de impedir que se constituísse um país onde todas as famílias tivessem casa decente, condições higiénicas, possibilidades de educação dos filhos, alimentação suficiente e segurança social. O fascismo abateu-se sobre eles para não permitir que, com a promoção económica e social, da população inteira e de todos os trabalhadores, os homens, sem distinção de classes, desenvolvessem toda a sua capacidade criadora, ocupando na sociedade o lugar a que têm direito.

. . É por isso mesmo, porque o povo chileno se encontra hoje sob o jugo do fascismo, devem os povos de todo o mundo, e portanto o povo português, manifestar de todas as maneiras a sua ampla solidariedade para com o povo do Chile, para com a luta heróica pela sua completa libertação.

Um ano de repressão

. SANTIAGO DO CHILE, 11 — (R) — O general Augusto Pinochet comemora hoje o primeiro aniversário do sangrento golpe de Estado que o colocou no poder, autorizando, pela primeira vez manifestações de rua organizadas pelos seus partidários.

Devido à vigência do estado de guerra interna que a Junta Militar proclamou ao derrubar o Governo Constitucional de Unidade Popular, todas as manifestações têm estado proíbidas, bem como as actividades dos partidos políticos.

As manifestações de apoio ao regime estão a ser organizadas em Santiago e nas várias capitais de província pela Associação dos Proprietários de Camiões (os mesmos que com o seu «lock-out» ajudaram a derrubar Allende), pelas câmaras de comércio, por grupos de estudantes das direitas e outras entidades que se sentiam ameaçadas pelas reformas populares levadas a cabo pelo falecido presidente Allende.

Oficialmente a Igreja Chilena não se associa às comemorações do primeiro aniversário do regime, tendo a hierarquia católica recusado autorização para a celebração de missas de acção de graças.

Por seu turno, o cardeal Silva Henriquez, primaz do Chile, tem feito apelos ao Governo para que modifique a sua política repressiva, adoptando uma orientação de clemência e paz entre os chilenos.

. Cedendo visivelmente à vasta campanha de pressão internacional, o regime chileno prepara-se para libertar hoje alguns dos milhares de presos políticos que detém.

Fontes bem informadas dizem que o general Pinochet anunciará as libertações quando falar hoje pela televisão, às 16 TMG, para fazer o balanço do primeiro ano de Governo.

Segundo as mesmas fontes, teriam sido já libertados e expulsos do País o antigo ministro da Defesa, Orlando Letelier e o antigo conselheiro jurídico de Allende, Oswalcho Puccio, os quais partiram de avião com destino a Caracas.

Julga-se que o general anunciará igualmente a libertação de Clodomiro Almeyda, o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, que foi preso no palácio La Moneda, onde se manteve até ao fim junto do presidente Allende.

Segundo estatísticas oficiais, o número total de presos políticos é actualmente de 2200, mais informações recolhidas através de advogados e organizações de auxílio aos presos levam a crer que o número real é três ou quatro vezes superior.

Elementos da Comissão Nacional dos refugiados, uma organização católica, disseram que um dos seus dirigentes esteve ontem no Ministério do Interior e no Ministério dos Negócios Estrangeiros a discutir a possível libertação de 500 pessoas.

Essas pessoas poderiam ser libertadas em grupos de 40 a 50 por semana, abandonando imediatamente o Chile.

No seu discurso de hoje pela televisão, o general Pinochet deverá ocupar-se principalmente da grave situação económica em que o país se encontra. Devido à inflação galopante, calcula-se que o poder de compra do trabalhador chileno sofreu em média uma redução de cinquenta por cento desde o golpe militar.

Na realidade, a preocupação da Junta em anular a orientação socialista que o presidente Allende estava a dar à economia levou-a a descongelar os preços dos artigos de primeira necessidade, os quais subiram vertiginosamente sem que os aumentos de salários tenham acompanhado essa subida. Assim, entre as camadas mais desfavorecidas da população, sobretudo nos bairros da lata suburbanos, reina a fome, e o desemprego atinge agora 11 por cento da mão-de-obra nacional.

Apesar deste panorama, de fome, prisões em massa e tortura a burguesia chilena contínua a apoiar o regime e os observadores pensam que aproveitará as comemorações de hoje para vir em massa para as ruas, manifestar o seu agradecimento a Pinochet por ter salvo o País da ameaça comunista.

Cinco minutos por Salvador Allende

. Às 11 horas de hoje, foram respeitados em todo o País os cinco minutos de paralisação nas mais diversas empresas, em homenagem à memória de Salvador Allende, assassinado há um ano pelos fascistas que, através de um golpe militar, derrubaram o regime socialista do Chile.

A mais importante sessão de solidariedade com o povo chileno realiza-se esta noite, no Coliseu dos Recreios, com a participação de artistas nacionais e do grupo chileno Itti-Illiman, usando da palavra José Oyarce. Em Sacavém, às 20 horas, será dado o nome de Salvador Allende a uma rua, seguindo-se um comício, na Praça 1.° de Maio, em que falará Sérgio Valdez. Em Évora, num outro comício, às 21 e 30 discursará Eduardo Rojas.

Haverá ainda sessões em Aveiro, no ginásio do liceu, com Luís Padilla; no Grupo Dramático da Póvoa de Santa Iria; na Casa dos Pescadores do Seixal; na sede do M.D.P./C.D.E. em Odivelas; na Sociedade Recreativa de Santa Iria de Azoia; em A da Beja (Belas); e dois colóquios, um na Casa do Pessoal da Gazcidla, às 18.30, e outro no Grupo Excursionista do Castelo, em Lisboa, às 21 horas.

Esta manhã, Eduardo Rojas e Luís Vadilla visitaram a Sorefame, e ao princípio da tarde a Cometna, onde confraternizaram com os trabalhadores. Sérgio Valdez e José Oyarce, deslocaram-se com o mesmo propósito à Covina.

«SALVADOR ALLENDE» NOME DE RUA EM ALGÉS

Integrada na Semana de Apoio ao Povo Chileno, foi descerrada esta manhã, junto ao Aquário Vasco da Gama, em Algés, a lápida provisória que dá o nome de Salvador Allende à antiga Alameda Marechal Carmona.

Do teor da deliberação tomada pela Comissão Administrativa da Câmara Mnunicipal de Oeiras consta, ainda, a substituição dos nomes de Avenida Oliveira Salazar, em Oeiras, Avenida O. Salazar, em Paço de Arcos e Estrada do Alto do Maduro, na Amadora, pelo nome do malogrado presidente chileno.

MANIFESTAÇÃO NA PRAÇA DO CHILE

. Está convocado para o fim da tarde, na Praça do Chile, uma manifestação de apoio ao povo chileno, promovida pela Liga Comunista Internacionalista, pelo Grupo Marxista Revolucionário e pelo Grupo Autónomo do Partido Socialista.

ALLENDE RECUSOU-SE A SAIR DO CHILE — afirma um jornal

. SANTIAGO, 11 (R) — O presidente Salvador Allende recusou-se a abandonar o palácio La Moneda e a render-se, apesar dos militares lhe terem prometido que seria poupado e autorizado a sair do Chile, segundo revela agora um jornal de Santiago, ao publicar a transcrição de uma conversa entre o general Pinochet e o almirante Carvajal, gravada na manhã do dia 11 de Setembro do ano passado.

Essa conversa registou-se três horas antes de Allende ser morto durante o ataque ao palácio. O almirante Carvajal, comandante da Marinha, informou Pinochet de que Allende se recusara a aceitar a oferta de um avião para sair do país.

O presidente também não concordou em deslocar-se ao ministério da Defesa para falar com os chefes militares, exigindo que fossem eles ao Palácio Presidencial.

O número de vítimas não tem precedentes na América Latina

. **PARIS, 11 (FP) — Há um ano o presidente Salvador Allende encontrava a morte no palácio de La Moneda. Era uma das vítimas do golpe de Estado que entregava o Poder a uma Junta Militar chefiada pelo general Pinochet.**

Diversas associações internacionais manifestam agora a sua oposição ao regime de Pinochet. A organização humanitária Amnistia Internacional publicou um relatório em que afirma que o número de vítimas da repressão da Junta «não tem precedentes na América Latina». Segundo o mesmo relatório, há no Chile seis a 10 mil pessoas presas por motivos políticos, sem qualquer julgamento prévio.

A «Comissão Internacional de Inquérito aos Crimes da Junta» — em que participam o ministro dos Negócios Estrangeiros português, Mário Soares, e o professor soviético Pavel Tcherenkov, entre outros — julga, por seu turno, que 30 000 cidadãos chilenos foram assassinados durante o primeiro ano em que a Junta Militar exerceu o Poder. Desde meados de Julho até agora foram presas 20 000 pessoas — acrescenta. Segundo a Comissão o regime de Pinochet é o responsável pela grave deterioração da economia chilena. No México, um ministro do Governo de Allende, Armando Calderon, considerou «desastroso a todos os níveis» o primeiro ano do Governo de Pinochet. Avançou aliás, um balanço desse ano que a Junta agora «comemora»: «30 000 mortos, 60 000 feridos, 25 000 presos, 100 000 exilados, 600 000 desempregados, 40 por cento de desvaloraização do escudo chileno e 3000 por cento nos aumentos dos preços».

Em Bruxelas, a Associação Internacional dos Juristas Democrtas, a Federação Internacional dos Direitos do Homem e o Movimento Internacional dos Juristas Católicos lançaram um apelo comum a todos os juristas para que pressionem as autoridades de Santiago no sentido de «acabar» com a repressão autoritária, as violações do direito e das regras elementares de humanidade».

A Confederação Mundial do Trabalho anunciou, por seu turno, «o apoio concedido pelas sociedades multinacionais e por um certo número de Governos ditos «democráticos» à Junta Militar».

A responsabilidade americana: Segundo uma deposição do director da C.I.A., William Colby, perante uma subcomissão da Câmara dos Representantes, Henry Kissinger teria aprovado o financiamento de actividades clandestinas no Chile de 1969 até ao Verão de 1973. A C.I.A. teria então gasto pelo menos, 8 milhões de dólares, primeiro para impedir a tomada do Poder pelo presidente Allende e, depois, para criar uma situação caótica no país.

Kissinger não reagiu até agora às revelações de Colby que o «New York Times» e o «Washington Post» publicaram no domingo.

O APOIO A PINOCHET

. Parece ter surgido em certos círculos ligados à Junta a ideia de juntar os chilenos favoráveis às Forças Armadas, graças a fórmulas que lembram o movimento franquista. A primeira manifestação concreta deste movimento organizado deverá ser a comemoração do primeiro aniversário do golpe de Estado a que aderiu a maior parte das organizações profissionais autorizadas pela Junta de Pinochet. O recolher obrigatório começará uma hora mais tarde: às duas horas da manhã.

Entretanto em Paris, cerca de cem militantes socialistas franceses, chefiados pelo secretário do P.S.F., Claude Estier, ocuparam, durante a tarde de terça-feira, o edifício da Câmara de Comércio franco-chileno, em sinal de protesto contra a tomada do Poder pela Junta chilena. O jornal «L'Humanité», órgão do P.C.F. publicou, no seu último número, um manifesto redigido em Santiago do Chile pelos partidos da Unida Popular que apela para a criação de uma larga frente antifascista no Chile.

GERAL

AVISOS... COM VÁRIAS DIRECÇÕES

Parece haver quem apareça nalgumas localidades de Portugal apresentando-se como Sérgio Ribeiro e do «Diário de Lisboa». A forma é pouco convincente e de tal modo que pessoas abordadas têm procurado confirmação, quer junto do «Diário de Lisboa», quer onde eu — o propriamente dito! — sou conhecido. O que leva o tal «entreposto» a desaparecer com a possível discrição. E tem-lhe sido possível...

Venho, portanto, avisar quem o quiser ser que não sou nem baixo, nem um pouco gorducho, nem careca. Tenho barba (que não cortarei tão depressa), 1,73 e á volta de 65 quilos. E que, apesar de magro e mesmo sem cabelos por onde puxar, sou capaz de me zangar com quem me usurpa a identidade. Este é outro aviso!

Entre mais coisas, estou pessoalmente a interpretar o que se passa como um aproveitamento político, e — último aviso! — a política que faço é a mesma de antes do 25 de Abril com todas as consequências de então e de agora. Ela tem a ver, em meu critério, com o povo português, razão de sobra para denunciar «manobras» destas, que se podem fazer com o meu e outros nomes.

SÉRGIO RIBEIRO

III FESTIVAL INTERNACIONAL DO CINEMA DA FIGUEIRA DA FOZ

Continuação da pág. 6

parte dos filmes. Mas isto é igualmente um tema a desenvolver de futuro.

O festival está dividido em três tipos de sessões, como já havia dito em notícia anterior. Todos os filmes das sessões das 11 horas são portugueses, de entre 1930 e 1950 e parecem destinar-se a dar uma visão rápida do cinema português sob o fascismo. Os títulos seleccionados: *A Severa*, de Leitão de Barros, 1931; *A Canção de Lisboa*, de Cotinelli Telmo, 1933; *A Revolução de Maio*, de António Lopes Ribeiro, 1936; *A Aldeia da Roupa Branca*, de Chianca de Garcia, 1938; *João Ratão*, de Jorge Brum do Canto, 1940; *Chaimite*, de Jorge Brum do Canto, 1953 e *Rapsódia Portuguesa*, de João Mendes, 1959.

Entretanto, nas sessões com filmes vindos directamente para serem projectados neste festival ou com filmes já contratados para serem distribuidos comercialmente em Portugal, viu-se, até hoje (dia 10), o seguinte:

Paisagem Morta, de Istvan Gaal (Hungria); *Reconstituição*, de Theo Angelopoulos (Grécia), *Regeanne Padovanni*, de Denys Arcand (Canadá); *A Audiência*, de Marco Ferreri (Itália); *Esta Noite ou Nunca*, de Daniel Schmid (Suiça), *O Espírito da Colmeia*, de Victor Erice (Espanha), *Valéria*, de Jaromil Jires (Checoslováquia); *Os Donos da Terra*, de Michel Soutter (Suiça); *Week-end*, de Jean-Luc Godard (França); *A Prima Angélica*, de Carlos Saura (Espanha); *Home, Sweet Home*, de Benoit Lamy (Bélgica); *Casamento em Branco*, de William Fruest (Canadá) e *Adolescente Perversa*, de Jerzi Skolimowski (Alemanha Federal).

A estes seguir-se-ão: *A Morte do Director do Circo das Pulgas*, de Thomas Koeifer (Suiça); *Sorriso Vertical*, de Robert Laponjade (França); *Um Verão em Okinawa*, de Nagisa Oshima (Japão); *A Salamandra*, de Alain Tanner (Suiça); *O Barão Aventureiro*, de Karel Zeman (Checoslováquia); *O Recruta*, de Roland Verhavert (Bélgica); *A Mãe e a Puta*, de Jean Eustache (França), *Os Últimos Teares Caseiros*, de Yves Yersin (Suiça), *Pouco a Pouco*, de Jean Ronch (França); *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha (Brasil) e *Sofia e a Educação Sexual*

VENDA DE VEÍCULOS AUTOMÓVEIS

A Comissão Administrativa do Concelho de Cascais anuncia que no próximo dia 25 de Setembro, pelas 10 horas, junto ao Armazém Municipal, procederá à venda, em hasta pública, dos seguintes veículos:

MERCEDES — CE-36-30 — Ano 1964 — Modelo 190 DC — 2.700 — Cilindrada 1987 c. c. Motor 130154 — Quadro 125833.

MERCEDES — 240 D — CS-71-92 — Ano 1974.

LAND ROVER — FG-74-13 — Ano 1966 — Modelo regular — 88-2.235 — Cilindrada 2285 c. c. Motor 27291276 — Quadro 2740134.

Cascais, 30 de Agosto de 1974.

O Presidente da Comissão,
Eduardo Mesquita de Abreu
Engenheiro

LAVAGEM DE ALCATIFAS

EM SUA CASA **T. 714642**

S. MARCOS

PRAÇA DE LONDRES, 4-F — LISBOA

ÚLTIMOS DIAS

PREÇOS MAIS BARATOS

ESPIRAL

Renault 4 Liberdade às quatro rodas

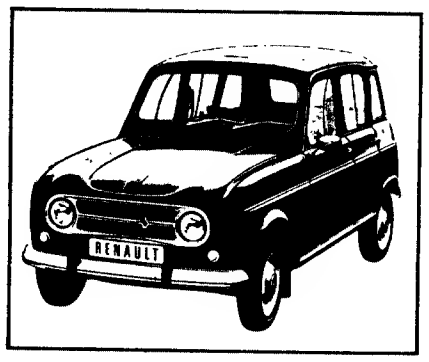
Renault 4 – Um carro simples, funcional, multi utilitário.
Um carro familiar. Quer dizer: um carro que o transporta a si e aos seus com conforto, segurança e economia. Um carro sem problemas, cheio de personalidade, tão à vontade na estrada como em caminhos difíceis.

Um carro de trabalho. Resistência excepcional. Com 5.ª porta que facilita a operação de carga e descarga, com espaço útil que vai de 295 dm³ a 1.185 dm³ conforme se manejar o banco traseiro rebatível. A sua suspensão é extremamente flexível devido às barras de torsão e amortecedores hidráulicos de duplo efeito.

Motor de 853 cm³, rodas independentes· 4 velocidades sincronizadas; travões hidráulicos de tambor com limitador de travagem para as rodas traseiras.

Renault 4 – Um carro para o seu dia-a-dia vá para onde for, esteja onde estiver.

Transporte nele o que quiser.



O maior fabricante mundial de tracção à frente

RENAULT 4

INDÚSTRIAS LUSITANAS RENAULT, SARL
STAND – Av. de Roma, 25 A/D – Lisboa
e Agentes em todo o País

GERAL

Canal da crítica

Continuação da pág. 5

«Em face disto, resolvemos o seguinte: pois bem, não querem ir para Caxias, deixem-se estar aí e vamos então montar uma estrutura que resolva não só este problema mas todos os problemas inerentes a esta situação.»

. Corajosamente, o comandante Conceição Silva alertou-nos para uma realidade.

Ouve-se e não se acredita! Os agentes da PIDE estão presos preventivamente; aguardam processo; processo feito, serão, pelo menos alguns (ou todos?) postos em liberdade; após o que sairão ou não sairão do País; por causa da lei; porque não há fundamento legal para.

Alguém de bom-senso não deixará de perguntar: mas então porque não se fez a lei? Por que é que não existe fundamento? Não havendo fundamento (para eles) haverá algum fundamento (para nós)?

. Entretanto, mesmo presos, são eles quem deita as regras do jogo...

Amigos, eu não sou nenhum valentaço. Eu sou um pobre homem. Eu, a partir de ontem, fiquei muito confuso. Meus amigos: EU TENHO MEDO!

CARTA ABERTA AO MAJOR SILVA PAIS

Meu muito excelentissimo amigo!

. Juntamente com esta receberá V. Ex.ª uma pequena recordação coisa bem simples e modesta, por sinal, mas apenas para lhe mostrar quanto me penaliza a situação em que se encontra. Trata-se de uma encomenda de uvas moscateis, as primeiras que recolhi na minha quinta e que decerto lhe levarão o gosto, a lembrança desta boa terra que V. Ex.ª sempre teve no coração.

Suponho que a ausência de V. Ex.ª do convivio dos seus amigos acabará em breve, para alegria de nós todos. Voltaremos a reunirmo-nos à mesa da Brasileira, como bons companheiros, que sempre fomos. Moreira Baptista e Silva Cunha já marcaram mesa à sua espera.

«V. Ex.ª, lá na prisão, que, certamente por engano, lhe impuseram, deverá ter ouvido dizer presumo que participei de comícios e que gritei: «Morte à PIDE!». Dir-lhe-ão, igualmente, que escrevi cousas bastante exaltadas a seu respeito e a respeito dos seus companheiros (aliás nossos companheiros) de infortúnio. É falso. Redondamente falso. Trata-se de manobras nítidas da revolução para me queimarem. Como V. Ex.ª deve saber, os boatos enxameiam por aí e não lhes deve dar crédito.

«Na realidade estive presente nuns comícios mas foi únicamente por curiosidade. Cedi à tentação. Confesso agora que fiz mal, mas sea curiosidade é crime, muito terão de responder.

«Também lhe dirão que fiz comentários apaixonados ao sacrifício e à consciência e ao espírito de resistência de alguns antigos presos comunistas que apareceram na televisão. Nada mais falso. Apenas agi na minha posição de crítico e nada mais. Como sabe, fui sempre imparcial e, em boa consciência, se os comunistas na televisão tinham boa presença, e falavam bem, e eram simpáticos, etc, eu, em obediência à ética, não podia fazer outra coisa se não dizer a verdade. Está claro que não faltou por aí quem insinuasse que eu era do Partido, veja lá V. Ex.ª o que a gente sofre ainda, no sábado passado um comentador da televisão deu a entender isso, sem dizer o meu nome, bem entendido, mas posso garantir a V. Ex.ª que é mentira, eu cá de Partido nem cheirá-lo, aliás V. Ex.ª conhece-me bem, sabe bem que sempre execrei (que sempre execrámos) essa corja que tanto trabalho lhe deu, bem como aos seus mais dilectos colaboradores.

«No caso de V. Ex.ª sair em breve, espero que me dê a honra de uma visita a minha casa, onde terei muito gosto de lhe apresentar minha mulher e meus dois filhinhos, que são duas crianças encantadoras, um deles, que tem quatro anos, conhece uma data de slogans comunistas, mas isso é obra de uns vizinhos a cuja influência não me foi possível subtraí-los. A minha esperança é que os esqueça em breve. Aliás, estou à espera de um terceiro filho e desde já convido V. Ex.ª para padrinho, no que me dará muita honra.

«Particularmente, e sempre que posso (em voz baixa, está claro, mas talvez em breve o possa dizer alto e bom som, não? faço a defesa dos ideais portuguesissimos de V. Ex.ª e de todos os seus companheiros ainda presos, homens dignos do maior respeito e veneração. Acho que a vossa prisão é uma injustiça inqualificável e desde já fico a sonhar com o vosso regresso ao belo sol deste País, para podermos todos gozar da liberdade que, ou é um bem colectivo, ou se nega como liberdade.

«Desejo, por isso, de todo o coração que os processos caminhem o mais depressa possível, a bem da justiça e dos direitos do homem.

Seu admirador e profundamente grato por tudo quanto fez por nós.

MARIO CASTRIM

P. S. *Se lhe disseram que estive algumas vezes de piquete diante da Penitenciária, não dê ouvidos. É uma completa e descarada mentira. Na verdade parei lá umas vezes mas foi à espera do autocarro. M. C.*

As caixas de previdência e a protecção na morte

Continuação da pág 3

Por outro lado, durante o ano de 1970 foram despendidos 89 762 contos com pensões de sobrevivência.

Existe assim a média anual de pensões, de 5 108$00, ou seja a média mensal de 442$00. Tornam-se desnecessários comentários amplos a este montante. Um Estado em que imperava a moral cristã atribuía, sem o menor peso de consciência, pensões à volta dos 442 escudos.

Quanto ao subsídio pago de uma só vez, cifra-se em 600$00, a partir de 1 de Janeiro de 1971. Antes desta data, o subsídio era de 15$00. Brilhante...

Considerando-se os dados apresentados conclui-se que os beneficiários das caixas de previdência estavam amplamente (des)protegidos na morte. Também na morte.

O País é pobre, diziam. Mas sempre ia proporcionando 60 contos de reforma (não por ano, mas sim por mês!) a administradores aposentados da Caixa Geral de Depósitos. Como Portugal estava a saque...

C. M. L.

COVAIS A DESOCUPAR E ANUIDADES EM ATRASO

Avisam-se as famílias dos falecidos inumados em Setembro de 1969, nas sepulturas seguintes, de que devem comparecer na Administração dos Cemitérios respectivos, para conhecimento das exumações a efectuar em Outubro de 1974.

Alto de S. João 13 444 a 13 616 adultos e 10 986 a 11 028 menores.

Prazeres 414 a 416 adultos.

Ajuda 7 250 a 7 385 adultos e 138 a 151 menores.

Benfica 11 951 a 12 169 adultos e 3 955 a 4 026 menores.

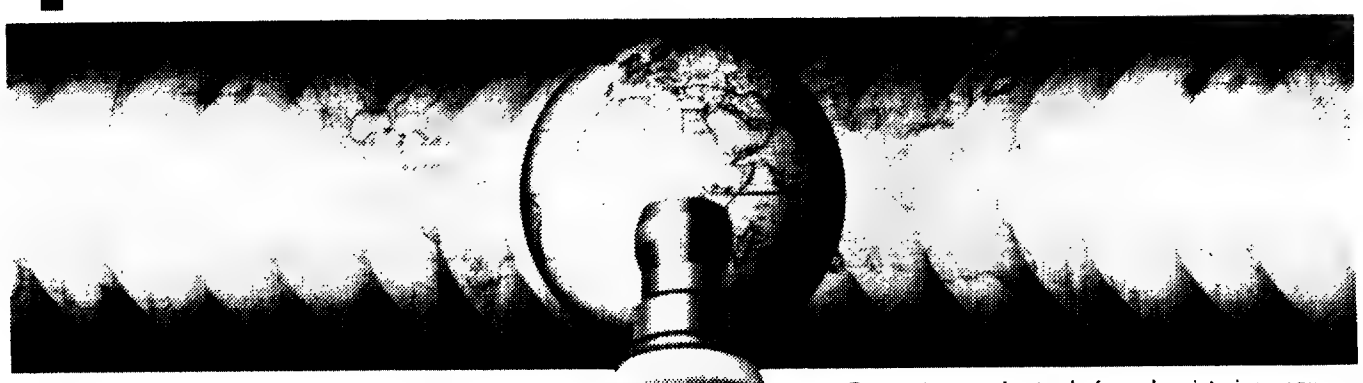
Olivais 334 a 361 adultos e 45 a 46 menores

Lumiar 1 879 a 1 937 adultos e 1 591 a 1 594 menores.

Avisam-se os interessados de que os Serviços Cemiteriais não poderão ser responsabilizados pelo desaparecimento ou descaminho de valores que porventura tenham seguido à terra com os restos mortais a exumar, pelo que terão conveniência, quando assim tenha acontecido, em que por si ou por quem os possa representar, seja presenciada a abertura dos covais para efeito das exumações. Caso pretenda assistir a essa abertura, deverá o interessado nos restos mortais ou quem o possa representar, expressamente declará-lo quando, para tratar da exumação, comparecer na Administração do Cemitério respectivo.

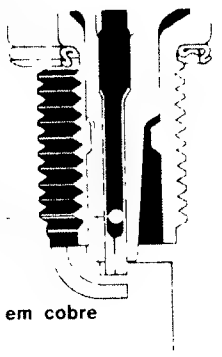
Avisam-se também os interessados nos compartimentos de jazigos e ossários municipais, cujas anuidades estão em atraso, de que devem actualizar o respectivo pagamento.

a economia de gasolina depende em 130 países das velas NGK.



Economize combustivel, fazendo vistorias regulares ao seu motor e utilize velas de qualidade.

Um bom condutor sabe qual a importância das velas para um melhor rendimento do motor. As estatísticas provam que 95% do seu mau funcionamento resulta da sujidade. A extremidade do isolador da vela **NGK**, mais comprida e o electrodo central em cobre extra longo, evitam a formação da sujidade e eliminam a possibilidade do aquecimento excessivo. Daí resulta não se verificar quais quer falhas de ignição a alta ou baixa velocidade



1) Electrodo central em cobre

2) Extremidade em liga especial de Niquel

A gama completa e seleccionada das velas **NGK** permite-lhe uma economia máxima de combustivel. Não é de admirar, por isso, que condutores de 130 países beneficiem de economia de consumo ao utilizarem velas de alta qualidade

Faça o mesmo, acelere com **NGK**.

NGK	Marcas de Automóveis
BP6ES:	Ford, Fiat, Simca, Mazda
BP6HS:	Opel, Renault, Volvo
B5HS:	VW
BP6ES:	Datsun
BP5ES-L:	Toyota

NGK
SPARK PLUG CO., LTD.
NAGOYA JAPAN

auto peninsular
PORTO — R. RAMALHO ORTIGÃO 22 34 — TELS 25701-2 3 4
LISBOA — R. AUGUSTO G L 29-B — TELEFONES 762094 5/6

SOCIEDADE COMERCIAL DO VOUGA, LDA.
APARTADO-7 AGUEDA

NACIONAL

DUZENTOS MIL CONTOS PARA OS C.T.T.

Uma portaria publicada no «Diário do Governo» autoriza a empresa pública «Correios e Telecomunicações de Portugal», a contrair na Caixa Geral de Depósitos um empréstimo até ao montante de 200 000 contos.

Este empréstimo será garantido por consignação das receitas de exploração da referida empresa pública, a qual inscreverá nos seus orçamentos anuais as verbas necessárias ao serviço de empréstimo.

Semana cultural na Marinha Grande

A Comissão Concelhia da Marinha Grande do Partido Comunista Português leva a efeito, na próxima semana, uma série de manifestações culturais, em que se destacam: colóquio e projecção de «slides» sobre «Aspectos da U. R. S. S.», no dia 13, pelas 21 e 30, na sede do Sport Império Marinhense; projecção do filme «A vida de Lenine», no dia 19, pelas 21 e 30, no Teatro Stephens; e «Análise sobre a Economia na U. R. S. S. e em Portugal», no dia 21, pelas 21 e 30, na sede da Ordem.

PRODUTORES DE LEITE MANIFESTAM-SE

Para demonstrar o seu desagrado face aos últimos aumentos aplicados ao leite e respectivos derivados, os produtores de leite do Continente, bem como os trabalhadores de lacticínios, promovem esta tarde, pelas 17 horas, uma concentração no Terreiro do Paço, deslocando-se seguidamente para o Palácio de S. Bento.

Mineiros de Aljustrel

Os componentes da direcção do Sindicato dos Mineiros de Aljustrel avistaram-se com o ministro do Trabalho, a quem expuseram problemas dos trabalhadores da mina.

Aquele membro do Governo informou os dirigentes sindicais de que as reivindicações dos trabalhadores têm sido objecto da maior atenção por parte do Ministério, prevendo-se para elas boa aceitação, através de um acordo com a entidade patronal, designadamente no que respeita a horários de trabalho e condições sanitárias e sociais.

A C. P. INFORMA:

ALTERAÇÃO DE HORÁRIOS

(Linhas do Minho, Guimarães e da Póvoa)

Por motivo dos trabalhos de renovação da via, em curso na Linha do Minho, continuam suspensas, em determinados dias, algumas circulações no troço Porto-Nine e, desde o dia 2 de Setembro, uma circulação entre Póvoa de Varzim e Lousado.

Como estes trabalhos são absolutamente imprescindíveis, para melhoria das condições de circulação naquela Linha, pedimos a melhor compreensão para os inconvenientes que possamos causar.

Para assegurar o serviço de passageiros efectuam-se diariamente os comboios n.os 35123 e 35022, respectivamente, com partida de Nine às 6-25 horas e chegada a Viana do Castelo às 7-46 horas, e partida de Monção às 17-45 e chegada a Porto (Campanhã) às 21-46 horas; e de segunda a quinta-feira o comboio n.º 37521 com partida de Póvoa de Varzim às 20-33 horas e chegada a Lousado às 21-59 horas.

Os horários integrais dos referidos comboios, bem como a indicação pormenorizada das alterações introduzidas, constam do Aviso afixado nas estações, cuja consulta aconselhamos.

A C. P. INFORMA:

FEIRA FRANCA

Serviço Especial para Viseu

Por ocasião da Feira Franca, a realizar em Viseu, nos dias 7 a 29 de Setembro, estão à venda em todas as estações e apeadeiros desde Pampilhosa até Guarda e até Vildemoinhos, desde Espinho e desde Aveiro até Abraveses e nas estações de Lisboa (Santa Apolónia), Santarém, Entroncamento, Pombal, Alfarelos, Coimbra, Gaia, Porto (Campanhã), Porto (São Bento), Figueira da Foz, Tomar, Abrantes, Alferrarede, Castelo Branco, Fundão, Tortosendo e covilhã bilhetes especiais, de IDA e VOLTA, a preços reduzidos, para a estação de VISEU.

SERVIÇO TELEFÓNICO ULTRAMARINO E INTERNACIONAL

NOVOS INDICATIVOS

OS CTT INFORMAM

A partir do dia 11 às 0 horas os indicativos para os Serviços Telefónicos Ultramarino e Internacional (Manuais) são os seguintes:

INTERNACIONAL EUROPEU

Para os assinantes de Lisboa (TLP)
- Pedido de chamadas 17
- Informações 117

Para os assinantes do Porto (TLP)
- Pedido de chamadas 001 40
- Informações 001 42

Para os assinantes dos CTT com acesso ao serviço interurbano automático
- Pedido de chamadas 01 40
- Informações 01 42

ULTRAMARINO

Para os assinantes de Lisboa (TLP)
- Pedido de chamadas e informações 3299

Para os assinantes do Porto (TLP)
- Pedido de chamadas e informações 001 49

Para os assinantes dos CTT com acesso ao serviço interurbano automático
- Pedido de chamadas e informações 01 49

INTERCONTINENTAL

Para os assinantes de Lisboa (TLP)
- Pedido de chamadas e informações 3290

Para os assinantes do Porto (TLP)
- Pedido de chamadas e informações 001 41

Para os assinantes dos CTT com acesso ao serviço interurbano automático
- Pedido de chamadas e informações 01 41

DESPORTOS

Cassius Clay trata da sua publicidade: antes de partir para o Zaire, onde vai defrontar George Foreman para o título mundial dos «pesados», divert-se em Nova Iorque, fazendo «posse» para o fotógrafo ou fingindo que toca (ao piano) um solo pelo «desastre» que vai fazer na «fachada» do concorrente ao torno do boxe

REGISTO

OLIVAIS: Torneio de futebol de salão, no parque de jogos do Clube Desportivo dos Olivais: as inscrições estão abertas aos interessados.

TIRO AOS PRATOS: campeonatos ibéricos de «skeet» e «fosso» olímpicos, de 12 a 15 do corrente, no parque de Monsanto, organizados pelo Clube Português de Tiro a Chumbo.

GOLFE: de 13 a 22 do corrente, «Torneios Abertos de Setembro», promovidos pelo Clube Golfe de Vidago, com provas para senhoras e homens.

NATAÇÃO: «Festival de encerramento» das actividades da Associação lisboeta, na manhã do dia 22, na piscina da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense (Cova da Piedade).

HÓQUEI EM PATINS: «Torneio nacional de infantis», no pavilhão gimnodesportivo do Sport Alenquer e Benfica, com a participação de dois grupos locais e de equipas do Turquel, Física de Torres, Sporting e Benfica. O torneio decorrerá na noite de amanhã (com a atracção da exibição do Rancho Folclórico de Alenquer), 6.ª à noite, sábado (à tarde e à noite) e, finalmente, às 21 horas de domingo próximo.

LISBOA GINÁSIO: ao iniciar mais um ano lectivo, a Direcção deste prestigioso clube comunica-nos que **na última reunião, foi deliberado expressar ao «Diário de Lisboa» o melhor reconhecimento pela valiosíssima cooperação concedida no ano transacto à actividade deste Instituto de Educação Física.** Simultaneamente, o Lisboa Ginásio Clube teve a gentileza de reservar uma inscrição nas classes infantis de Ginástica Formativa para um protegido do nosso jornal, atenção que registamos (também) com desvanecimento.

TOTOBOLA

RESULTADO DO ESCRUTÍNIO

Mais de 250 contos para cada um dos 8 totalistas

. Apostas com «treze», 8 (4 do Continente, 1 da Madeira, 2 de Angola e 1 de Moçambique). Os titulares das matrizes premiadas do Continente todos solicitaram o anonimato.

Valor provisório de cada «treze», **257 064$30;** Apostas com «doze», 227 (152 do Continente, 6 da Madeira, 1 de S. Tomé, 39 de Angola e 29 de Moçambique).

Valor provisório de cada «doze», **9 059$50.**

COMERCIANTES

A fim de tratar do problema do COMÉRCIO NA VIA PÚBLICA, a Comissão nomeada para tal efeito, pede a comparência de todos no dia 13-9-74 às 21,30 horas na Rua Castilho, 14 (Edifício da União de Grémios).

Não faltes – É teu interesse – Zela por Ti

NOTÍCIAS DO SPORTING

SORTE DIFERENTE PARA ARGENTINOS

. Tal como temos vindo a informar, acelerou-se de tal modo o processo de «saneamento» de Alfredo Di Stefano que o famoso ex-jogador e, hoje, um dos mais discutidos e controversos técnicos do futebol mundial, não chegou a aquecer o lugar no Sporting: depois de um período «à experiência» (inacreditável de aceitação por quem tem autêntico valor...), após uma «bela» colecção de desaires e de problemas pessoais com vários dirigentes e jogadores «verdes-brancos», a velha «saeta rubia» diz adeus a Lisboa e vai-se embora. Interinamente, a direcção do futebol sportinguista ficou entregue a Osvaldo Silva, mas ainda durante esta semana é muito provável que o cargo de treinador principal dos «verdes-brancos» seja outorgado a um nome que já passou (com destaque) pelo estádio dos «leões»...

Di Stefano despede-se dos que o não aceitaram

Osvaldo Silva ao trabalho, como «tapa-remendos»

YAZALDE

Entretanto, o argentino Yazalde renovou compromisso por dois anos, em condições superiores às que usufruia. O contrato dá hoje entrada na Federação, para que o jogador já possa actuar perante o Académico de Coimbra, na noite do próximo sábado.

VEDAÇÃO

Por iniciativa do novo director do Estádio de Alvalade (o associado Alberto Lourenço, que já passou por vários cargos de muita responsabilidade, não apenas no clube, mas, igualmente, em Federações e Associações) o campo vai ser circundado por uma vedação metálica, que é inaugurada por ocasião do jogo contra o Saint-Etienne, a 2 de Outubro.

ALTERAÇÕES

Enquanto se aguarda a vinda de Camilo (que se encontra em Angola, na fase final do cumprimento do serviço militar) o departamento de futebol do Sporting (agora dirigido pelo ten. cor. Canais) debruça-se sobre vários casos: os mais notórios dizem respeito a eventuais dispensas (ou cedências temporárias) de Palhares, Valter, Cabral, Manecas, Henrique e Duarte.

ABRAÇO

O jogo com o Académico de Coimbra será pretexto, em Alvalade, para um reatamento de ligações entre os «leões» e os conimbricenses: amizade que ficara abalada quando da transferência de Nené para Alvalade. Uma mudança (afinal) que a infelicidade não deixou que se concretizasse.

A Associação de Setúbal sacode a água do capote

Após ter comparecido no famigerado «congresso do alargamento» a **defender** uma posição de determinados clubes (nomeadamente Vitória de Setúbal e Cuf) que não era a **realmente** pretendida por essas agremiações, a Associação de Futebol de Setúbal ficou colocada em tão melindrosa situação que não lhe restava outro caminho que ceder o mandato a outra representação, como acaba de tornar público através do seguinte comunicado:

. «Consciente das suas indeclináveis responsabilidades e inalienáveis direitos: como força válida e actuante do Futebol a qualquer nível — local e nacional — e atenta a todas vicissitudes deste, a Associação de Futebol de Setúbal, através da sua Direcção, apreciou com a serenidade e liberdade de sempre e com vista a uma tomada de posição, quanto tem acontecido a propósito da questão do alargamento da 1.ª Divisão Nacional.

Entre o mais considerou:

. «Que, em seu entender, o despacho determinativo da disputa do Campeonato por 16 clubes, ao tornar ineficaz uma deliberação livre do orgão competente da hierarquia própria — e a respectiva impugnação — em vez de representar o legítimo exercício de qualquer dos poderes da Administração aí invocada, traduz indevida sobreposição aos poderes do Congresso, com manifesta ofensa da independencia e autoridade deste e do sagrado e livre direito de voto das Associações que o constituem; que enquanto não forem prestadas garantias de que outro tanto não acontecerá, se tem por arriscada, se não inútil, qualquer participação futura das Associações nos trabalhos do Congresso; que, em presença de tal situação, seria legítimo aceitar que as Associações — e porque não a Mesa do Congresso e até os demais orgãos da F.P.F. — devolvessem à Administração Pública, todas as funções que lhe cabem; que esta Direcção só o não fez desde logo e não o faz, porque, acima e para além de tudo se julga obrigada, junto dos seus clubes, na sua área de jurisdição e frente às obrigações que contraiu e interesses que lhe cabe acautelar, a levar até ao fim o seu mandato — que bem perto está — salvo se disso for impedida.

«E esclarece:

. «Que, para tomar posição no caso do alargamento, convocou para uma reunião os clubes das 1.ª, 2.ª e 3.ª Divisões Nacionais, seus filiados; que a essa reunião estiveram presentes **todos os clubes da 1.ª Divisão** e, a quase totalidade dos demais; que o alargamento, nos termos em que foi proposto (e deliberado no Congresso), foi aí votado por unanimidade, apenas com declaração de voto de um clube da 3.ª Divisão; que, para prova do que afirma, conta com o testemunho de todos os delegados presentes e tem uma gravação em fita magnética, cuja audição facultará na sua sede a quem nisso tiver interesse.

«E, em face de tudo, deliberou:

Continua na pág 17

DESPORTOS

A "águia" e o cordeirinho

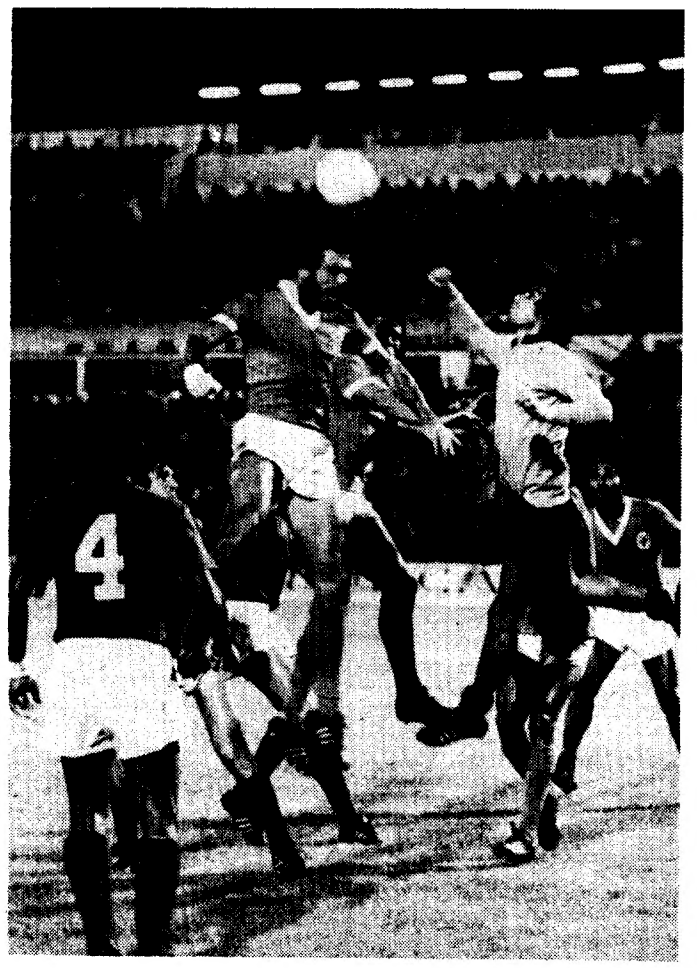
Nada a contestar: para os «papões» da Luz, aquele petisquinho ficou-lhes na cova de um dente. O Belenenses de ontem, talvez um dos mais fracos «teams» de sempre apresentados num «clássico» do futebol português, não conseguiu dar qualquer réplica eficaz a um bloco que parte, com velocidade nas pernas e ciência no trato de bola, para a grande palavra no campeonato. Os «azuis» perderam por 0-4: devem à aparente displicência com que os «vermelhos» levaram a facílima tarefa a cargo o não terem regressado ao Restelo com um saco cheio de golos. Mas, que diabo: valeria a pena amarfanhar desse modo aquele punhado de simpáticos rapazes que até tinham contemporizado em retardar a entrada do Benfica no campeonato?

por NEVES DE SOUSA

As primeiras imagens foram iguais às do meio e, por seu lado, tal e qual como as últimas: o Benfica a jogar com ligação entre todos os sectores e hora e meia bem na caixa de ar; o Belenenses atordoado pelo vendaval, sem defesa que jeito tenha, com uma linha média (apenas) a viver dos esforços e da ciência de Quinito, o homem que está na linha oposta a Ernesto. Quer dizer: o ex-estudante de Coimbra joga como gente grande e o (ocasional) companheiro de profissão é aquilo que se sabe de há muitos e bons anos... Adiante.

Rapidamente o Benfica abriu o marcador: num golpe de cabeça, à vontadinha perante a «caixinha», Humberto Coelho movimenta os aplausos. E, confiantes, sem atropelos nem qualquer problema (por ínfimo que aparecesse) o Benfica por alí andou, a ensaiar «raids» e esquemas, a fazer brilhar Jordão, a manietar completamente qualquer esboço dos tímidos «azuis», com o próprio Gonzalez (a contas com lumbago) e o prometedor Ramalho (em tímida sobrevivência) a procurarem, infrutiferamente, resgatar a apagada e vil tristeza de Ernesto, Cardoso e Melo, incontestavelmente os «três mosqueteiros» da fragilidade dos rapazinhos de Peres Bandeira.

Um só grupo no relvado, como se percebe. Mas, apesar da «boa vontade» colaborante de Melo (o infeliz substituto de Ruas, que largava ou atirava para a frente todas as bolas que lhe passavam ao alcance...) o «placard» apenas voltaria a funcionar na segunda metade, quando Eusébio (num golpe de rapidez) obteve o 2-0, permitido (amplamente) pela passividade dos de Belém. Esse esforço do moçambicano custou-lhe a rendição: Vítor Martins, entrado para o seu lugar, acabaria por encerrar o contador de golos, já depois do explêndido tento de Nené e da troca Vítor Baptista/Moinhos. Esse pontapé final de Vítor Martins ficaria como o lídino retorquir da «gentileza» de Melo (pontapé de fora da área é defesa certa para guarda-redes junior...) e dos obséquios de uma «defesa» que, para além de acertar nas canelas dos companheiros de profissão (Freitas é um caso disciplinar quase constante) pouco mais faz que chutar a bola para onde está virada.



Humberto Coelho vai aproveitar o murro no ar dado por Melo e fazer (de cabeça) o primeiro golo benfiquista.

«AZUIS»

Mesmo com muita simpatia, a verdade terá de ficar escrita: com este amontoado de jogadores, o Belenenses dificilmente escapará a amargos de boca muito duros, iguais aos que já obrigaram o nosso camarada Homero Serpa a ir salvar o emblema de queda no abismo. O guardião Melo e João Cardoso facilitam de tal modo a vida dos contrários na esgrima que mais parecem seus aliados de peito, enquanto Pereira anda por ali à deriva e Pietra só acerta no esférico com brilho quando se encontra em forma: o que, evidentemente, não é o caso presente. Na intermediária, longe também da sua nata condição de lutador (sem folego) e distante da aplicação habitual (destreinado), Quaresma cedeu as rédeas para Quinito que foi, por parte visitante, o lampejo na noite escura, o resistente ao acomodar perante a irreversível situação de vencido sem luta. E a estreia de Isidro compreende-se a partir do instante em que se viu que Peres Bandeira somente apresentou quatro suplentes (desde René a Figueiredo...) e que, mesmo assim, ainda teve de utilizar o timorense Pincho, espécie de Ernesto mas mais novinho...

«VERMELHOS»

O Benfica, alfobre de grandes e categorizados jogadores, tem um «plantel» que dá para fazer experiências em jogos que poderiam criar dores de cabeça: só que este Belenenses de ontem é cordeiro tão mansinho que até permitiu a Bastos Lopes treinar como defesa-direito e Messias divertir-se com a bola perante a plateia que, anteriormente, não lhe perdoava qualquer falha na movimentação da maquinaria.

De resto (e embora o colega de duelo não sirva de pedra de toque eficiente) os discípulos de Pavic mostraram como se joga hoje esse brinquedo que é o futebol: aos arrancos soberbos de Jordão,
ao desconcerto das asas nos pés de Nené, ao magnífico trabalho de Vítor Baptista (excelente a partir do instante em que abdica de picardias em segunda apanha) correspondeu uma belíssima actuação de Humberto Coelho, um perfeito à vontade de Bento, a naturalidade de Adolfo passear pelo seu corredor sem ninguém à vista da muralha. E, também, sucederam os volteiros de Simões e as tabelinhas de Eusébio, os mestres que refinam com o andar do calendário. Mais, ainda: a perícia de Vítor Martins no trato do esférico e a singeleza com que Moinhos aceita ser um menino entre os doutores da Luz.

Da arbitragem, apenas isto: Américo Barradas, tesoureiro da Emissora oficial na vida de todos os dias, apenas uma vez errou nas contas. Referimos o «crescimento» (súbito) da primeira parte para 48 minutos, fruto (provavelmente) do interesse e entusiasmo com que estava a ver o primeiro passo do fulgurante Benfica no rumo das grandes jornadas que promete rubricar.

Classificação

	V.	E.	D.	B.	P.
Guimarães	1	—	—	5-0	2
Benfica	1	—	—	4-0	2
Farense	1	—	—	3-0	2
Olhanense	1	—	—	1-0	2
Oriental	1	—	—	1-0	2
F. C. Porto ...	1	—	—	2-1	2
Setúbal	1	—	—	3-2	2
Atlético	—	1	—	1-1	1
Leixões	—	1	—	1-1	1
Académico	—	—	1	0-1	0
Sporting	—	—	1	0-1	0
CUF	—	—	1	1-2	0
Boavista	—	—	1	2-3	0
U. de Tomar...	—	—	1	0-3	0
Belenenses	—	—	1	0-4	0
Espinho	—	—	1	0-5	0

Os espanhóis do Saragoça no nosso País.

SETÚBAL - SARAGOÇA

Primeiro pontapé da "Taça U.E.F.A."

No Estádio do Bonfim, pelas 21 e 30, o Vitória de Setúbal inicia a sua temporada na «Taça da U.E.F.A.», fazendo espectáculo com o Saragoça, terceiro colocado no derradeiro campeonato espanhol e turma com gabarito neste estilo de provas: um êxito final na «Taça das Feiras», apresentação numa «derradeira» da «Taça dos Vencedores das Taças» e, igualmente, acesso à ú.tima sessão da edição com que a «Taça das Feiras» se despediu da vida, valem como boas credenciais.

Os setubalenses não poderão exibir o melhor escol do «plantel» dirigido por José Augusto: a falta de Jacinto João (a cumprir um jogo de castigo, penalidade aplicada pela U.E.F.A.) é tremendamente preponderante na feitura do jogo vitoriano e a sua substituição (eventualmente por Vicente ou César) não fará esquecer o titular. Com esse contratempo, a turma do Sado deve formar inicialmente com Vaz, Rebelo, Carlos Cardoso, José Mendes, Carriço, Octávio, Matine, Câmpora, Duda, José Torres e César, com hipóteses para Joaquim Torres, João Cardoso, José Maria e Vicente.

Pelo lado espanhol, o grupo parece constituído: Nieves (ou Irasusta), Rico, Ovejero, Violeta, Blanco, Planas, Garcia, Arrúa (ou Ruiz), Rubial, Diarte e Soto.

A arbitragem pertencerá ao juiz Davidson, auxiliado por Mac Nair e Knox. Segundo garantem os dirigentes vitorianos, o jogo não será televisionado.

EXTERNATOS

SÃO VICENTE
Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) · tel. 84 88 64/5

MARQUÊS DE POMBAL
Rua Morais Soares, 93 · tel. 82 02 21/83 46 58

ALVARES CABRAL
Avenida Grão Vasco, 1 · (Benfica) · tel. 70 69 74/5

PREPARATÓRIO · LICEAL · COMERCIAL
4.ª CLASSE
ADM. INSTITUTOS
ADM. UNIVERSIDADE - EXAMES "AD HOC"

Associação de Setúbal

Continuação da pág. 16

8 «1.º — Renunciar, enquanto durar o seu mandato, ao exercício total ou parcial, dos direitos que lhe conferem os números 3.º, 5.º e 6.º do artigo 5.º do Estatuto da F.P.F., salvo se ao Congresso for restituido e assegurado o gozo das suas liberdades e autoridades estatutárias;

. «2.º — Apressar, sem prejuízo dos prazos e formalidades regulamentares, o processo eleitoral desta Associação;

. «3.º — Lamentar o procedimento dos Clubes filiados que, tendo-se pronunciado junto desta Direcção pelo alargamento, vieram a comprometer-se e decidir-se, fora dela, com posição contrária;

. «4.º — Perante os efeitos consumados do despacho em causa, acompanhar na sua mágoa todas as entidades por elas atingidas, especialmente os seus clubes e solidarizar-se com este em todas as atitudes de desagravo, desde que justas e legais.»

José Martins: em segundo na Catalunha

O ciclista espanhol Pesarrodona ganhou a sexta etapa da «Volta à Catalunha» em bicicleya no percurso de 131 quilómetros entre Campdevanal e Andorra La Vieja, com o tempo de 3 horas 43 minutos e 58 segundos. o segundo foi José Martins, com o mesmo tempo do primeiro.

Outros lugares: 3.º, Oliva (Espanha), 3 h 43 m. 59 s.; 4.º, Thevenet (França), m. t., 5.º Kuiper (Alemanha Ocidental), m. t.; 6.º Sahagun (Espanha), m. t. 7.º, Biddle (Nova Zelândia), m. t.; Ocaña (Espanha), 3. 44. 06; 9.º Peruena (Espanha), 3. 45. 31.; 10.º, Vanucchi (Itália), m. t.

Restantes representantes da «Coelima» na etapa: 17.º, Tamames 3. 48. 03; 34.º, Gonçalves, 3. 49. 53; 40.º, Ferreira, 3. 54. 12; 41.º, Vieira, m. t.

Classificação geral: 1.º, Oliva (Espanha), 29 h. 25 m. 44 s.; 2.º, José Martins (Portugal), a 1 m. 10 s.; 3.º, Peruena (Espanha), a 1. 28; 4.º V. Dias (Espanha), a 1. 45; 5.º, Thevenet (França), a 2. 05; 6.º; Kuiper (Alemanha Ocidental), a 2. 22; 7.º Peterson (Suècia), a 3. 18; 8.º, Pesarrodona (Espanha), a 3. 46; 9.º, Vanucchi (Itália), a 3. 55; 10.º, Sahagun (Espanha), a 5. 05.

Os componentes da «Coelima»: 13.º, Tamames, 29 h. 32 m. 53 s.; 39.º, Gonçalves, 29. 47. 54; 43.º, Ferreira, 29. 51. 34; 49.º, Vieira, 29. 56. 48.

214 HORAS NA UNIÃO SOVIÉTICA

Continuação da pág. 3

cante e, embora entendamos os perigos de sacralização que tal representa, não podemos também deixar de ter em conta o que aquele homem representa e representou para o povo soviético. Os sinais da guerra através de variados monumentos alusivos (vêem-se muitos tanques sobre pedestais, o que representa uma homenagem ao Exército soviético). Os sinais simultâneos de gratidão, de lembrança, de homenagem àqueles que tombaram para que a barbárie nazi fosse dominada. Como poderemos comparar, a não ser interesseiramente, o ideal do comunismo e o comunismo com o nazismo ou com o fascismo quando sabemos o que foi e o que signficou o levantamento do povo russo perante o invasor nazi!?

. Confirmo aqui que quando se afirma ser o povo soviético um povo amante da paz, nao se trata de um tropo propagandístico: é uma realidade autêntica patenteada nestas chamas que brilham para a eternidade possível; nestes momentos que glorificam um povo sem nome; nesta profusão de sinais observados e admirados com um respeito e uma devoção que têm muito a ver com as vivências de um povo caldeado em 50 anos de sofrimento necessário e de alegrias justificadas.

Logo a seguir à cidade de Minsk — capital da Bielo Rússia — encontramos sobre uma pequena elevação um desses monumentos motivos que estava a ser visitado por um casal de noivos. A guia explica-nos que é costume na União Soviética os noivos irem aos monumentos dedicados às vítimas da guerra, colocar um ramo de flores, cerimónia bem significativa do que atrás dizia. Pelo que pude observar, diga-se de passagem, o casamento é na União Soviética uma cerimónia verdadeiramente festiva. Cortejos de automóveis, que se distinguem porque um deles leva, geralmente, um grande boneco sobre o «capot», deambulam alegremente pelas ruas da cidade.

Em conversa com a guia que nos mostrou Minsk, e a propósito do 25 de Abril, aquela diz-nos para não sermos impacientes pois apesar de ter mais de 50 anos a Revolução Soviética não resolveu, nem podia resolver, todos os problems do povo russso. Estas palavras acompanharam-nos durante toda a viagem.

Entre os monumentos que visitámos em Minsk, contava-se uma velha casa de madeira onde se reuniram os primeiros revolucionários ainda no século XIX, quando da eclosão do movimento social-democrata. O próprio Lenine lá estivera. Vimos uma maqueta da casa com um corte que nos mostrava como os revolucionários poderiam fugir à polícia, se fosse necessário: desciam por um poço no fim do qual havia um túnel que os levava a uma escada subterrânea. Mas como a casa ficava em frente à esquadra, a polícia foi bem comida.

Desde que entrámos na outrora chamada »cortina de ferro», uma coisa pudemos verificar: embora sem ser requintada, embora abusando do menú turístico, encontramos aqui uma fartura na alimentação que não encontráramos, sobretudo na Alemanha Ocidental. Para os viajantes que não dispensam encher o estômago em todas as oportunidades possíveis, a passagem pela R.F.A. foi uma experiência assaz desagradável. No entanto, verificámos na União Soviética duas ausências graves: a do leite, servido muito parcimoniosamente, e do vinho, substituído por água mineral, ou cerveja (fraca).

Continuamos a viagem agora em direcção a Smolensko, cidade célebre desde as guerras napoleónicas. É preciso não esquecer que a guerra destruiu quase totalmente estas cidades que atravessamos, as quais foram reconstruídas com os sacrifícios que se calcula. Quando a guia de Minsk nos falou nos problemas por resolver na União Soviética, não pudemos deixar de ter presente essa realidade cruel que foram, por um lado, os anos da guerra civil a seguir à Revolução; por outro lado, a guerra de 1939/45, com o seu cortejo de destruição e de morte. Smolensko foi galardoada como uma das cidades que honraram a Pátria pois a resistência aos exércitos de Hitler permitiu a Moscovo a preparação da sua própria defesa.

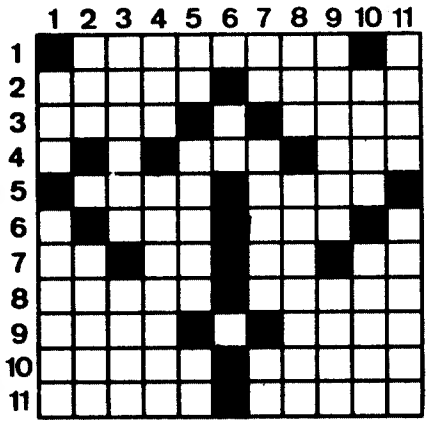
Hoje Smolensko é uma cidade totalmente reconstruída, onde existem uma escola de música, escolas musicais para crianças, uma sociedade filarmónica, uma orquestra sinfónica, uma orquestra popular, dois teatros.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 10883

HORIZONTAIS.

1 Estudar.
2 Despacham. Virgem e mártir, morta em 640.
3 Cordas de reboque. Instrumento músico, usado pelos Hebreus.
4 Tomba. Freguesia do concelho de Alenquer.
5 Limpa com água. Pesquisa.
6 Erudito italiano que publicou fragmentos importantes da República de Cícero. Mau cheiro.
7 Rei de Basã, gigante que se opunha à passagem dos Israelitas, que foi morto por ordem de Moisés. Batráquio. Rádio (s.q). Cobalto (s.q).
8 Considerar. Causar amuo a.
9 A Irlanda. Zombará (inv.).
10 Roer. Rio de Portugal.
11 Freguesia do concelho de Guimarães. Veemência.



VERTICAIS.

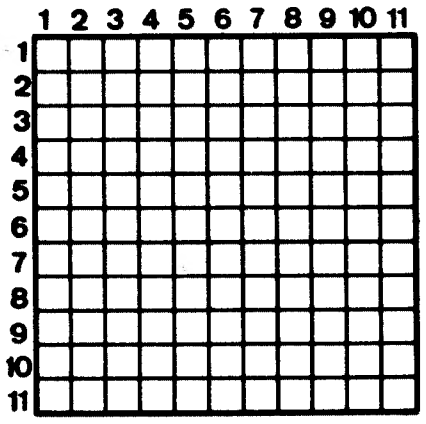
1 Preposição. Gastara.
2 Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital. Causar.
3 Deram pios. Máxima.
4 Chefe etíope. Vareiras.
5 Preposição. Disfarçar (fig). Nome que os Egípcios davam ao sol.
6 Nota musical.
7 Oferece. Levantara. Actínio (s.q).
8 Pronome pessoal. Tombara.
9 Riso escarninho. (pop). Rio da Rússia.
10 Explicação. Vencido.
11 Criança francesa célebre pelo seu heroísmo. Falecer.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7041

HORIZONTAIS

1 Pronome indefinido. Afia.
2 Nome de mulher. Mala. Piedosa.
3 Prender. Mal parecida.
4 Expulsa.
5 Antes do meio dia. Procedera. Cobalto (s.q.).
6 Embacia (os olhos). Tratar por tu.
7 Rei dos Amalecitas vencido por Saul e cortado em pedaços por ordem de Samuel. Cantiga.
8 Natalício. Circulas.
9 Invulgar. Sufixo que designa abundância.
10 Mitologia.
11 Estado independente desde 957, e que faz parte da Comunidade Britânica, situada entre a Costa do Marfim e a antiga Togo alemã. Planta vivaz e medicinal.



VERTICAIS.

1 Cânhamo de Manila. Condado da Irlanda. Pago.
2 Ligue. Partir em migalhas.
3 Pequeno barco de recreio. Punha data em.
4 Dilatar.
5 Obrigação. Sacerdote budista.
6 Nota musical.
7 Colha. Pinga.
8 Cobris de nata.
9 Estrada magnífica que ia de Roma a Brindes. Dera urros.
10 Braço de mar. Disfarças.
11 Autores. Colocarás. Compaixão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10882

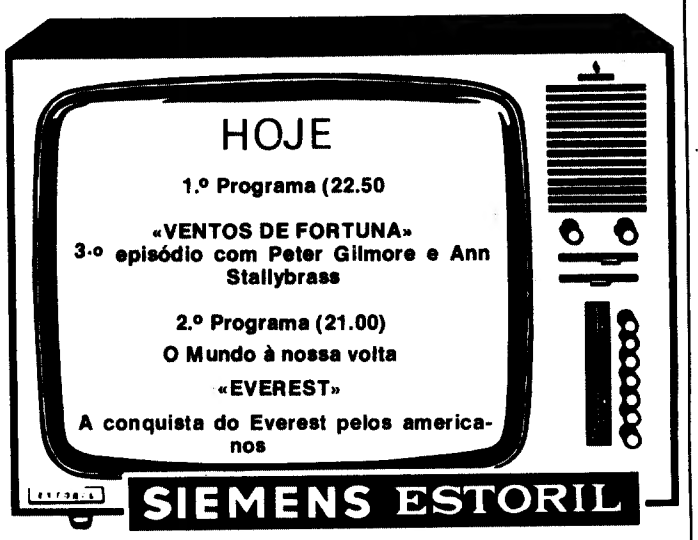
HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 VENTO. E. Adi.	1 VENTURA. MCC.
2 Ela APortar.	2 Elar. Ester.
3 Nata. O. U. MM.	3 Natal. Sadio.
4 Traçou. Aa.	4 Acusarias.
5 Lu. Cana.	5 Ao. Ira.
6 Re. Sioba. Cá.	6 POUCO. DURA.
7 Assar. Rs. Er.	7 Eon. Abrasar.
8 Tarada. Ase.	8 Ruinas. Asa.
9 Medi. Usaram.	9 At. Ar.
10 Cria. Ras. Ro.	10 Dama. Cesar.
11 Os Arão.	11 Irmanemos.

PROVÉRBIO: Vento e ventura pouco dura.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7040

HORIZONTAIS:	verticais.
1 Arredar.	1 Farda. Calim.
2 Am. Jacas. Ca.	2 Miolo. Será.
3 Rir. Mor. Tal.	3 Rival. Nas.
4 Doiro. Atire.	4 Ri. Rebanhos.
5 Alves. Ornas.	5 Ramos. Roa.
6 Bao. Eis.	6 Eco.
7 Lar. Ems	7 Darão. Eta.
8 As. Norte. Pá.	8 As Tremente.
9 Lenha. Anhos.	9 Tinis. Has.
10 Irão. Tais.	10 Caras. Pois.
11 Massa. Cessa.	11 Pales. Passa.

televisão



HOJE	AMANHÃ
1.º Programa	**1.º Programa**
1.º Período	**1.º Período**
12.45 Abertura e desenhos animados «Bozo e Klown»	**12.45** Abertura e desenhos animados «Pica-Pau»
13.00 A Lei e o povo	**13.00** Encontro
13.15 O Mundo secreto de John Monroe	**13.15** Dick Van Dyke
13.45 Telejornal - 1.ª edição	**13.45** Telejornal - 1.ª edição
14.00 Fronteiras do amanhã	**14.00** Da saúde e da vida
14.15 Logo à noite	**14.15** Logo à noite
14.20 Fecho	**14.25** Fecho
2.º Período	**2.º Período**
19.30 Minijornal	**19.30** Minijornal
19.35 TV Infantil	**19.35** TV Infantil
20.00 Vamos jogar no totobola	**19.45** Sonhos e armas
20.15 Perspectivas	**20.30** TV Palco
21.00 Telejornal - 2.ª edição	**21.00** Telejornal - 2.ª edição
21.30 O primeiro ano do Governo de Allende	**21.30** Teatro «A Grande Imprecação diante das Muralhas da cidade»
22.50 «Ventos de Fortuna»	**22.35** Telejornal - 3.ª edição
00.00 Telejornal — 3.ª edição	**23.50** Fecho
00.15 Fecho	**2.º Programa**
2.º Programa	**20.30** Abertura e desenhos animados
20.00 Abertura e desenhos animados	**20.15** Dick Van Dyke
20.15 O Mundo secreto do John Monroe	**20.40** Encontro
20.40 A Lei e o povo	**21.00** Os Clássicos do cinema
21.00 O Mundo á nossa volta «Everest»	**22.30** Telejornal
21.50 A mala de Hamburgo	**23.00** Fecho
22.40 Telejornal	
23.10 Fecho	

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Josè	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral pouco nublado excepto na Faiba Costeira Ocidental a Norte do Tejo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	18°
P. DOURADAS	14°
COIMBRA	17°
PORTALEGRE	18°
LISBOA	19°
FARO	24°
FUNCHAL	21°

TEMPERATURAS EXTREMAS

ELVAS Máxima	*27,8°*
P. DA SAÚDE Mínima	*7,8°*

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	17,7°
Atmosfera	19,8°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
11.41	3,4 m	4.55	1,6 m
		17.46	1,4 m

DIA 12

0.26	3,4 m	6.13	1,4 m
12.54	3,6 m	18.54	1,1 m

DIA 13

1.29	3,6 m	7.14	1,1 m
13.52	3,9 m	19.48	0,8 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

A Norte do Rio Tejo, períodos de céu muito nublado e vento fraco, no mesmo rio, céu pouco nublado e vento fraco, agravamento do estado do tempo a partir da tarde de amanhã com céu muito nuglado vento moderado de Sudoeste e chuva no Norte e Centro.

AMANHÃ

NASCER ÁS 7.15
OCASO ÁS 19.52

DIA 16	DIA 23	DIA 1	DIA 8

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário — música variada
16.05 Economia — música variada
16.45 Sindicalismo
17.20 Formação política — música variada
18.00 Rádio estudantil
19.05 Programa infantil — música variada
20.00 Jornal da noite
21.15 Miniteatro
21.30 Música variada
21.45 Arte poética
22.00 Música variada
23.00 «Trailer» de música erudita — de um dia para o outro
23.30 Terceiro cinema por António Faria — de um dia para o outro
00.00 (entrada do MF 1 de Lisboa) — sinal horário

Programa em MF 1 de Lisboa

00.00 Junção com o 1.º Programa

2.º Programa

16.00 Intercâmnio musical
17.05 Música para piano de Scriabine e Brahms
17.30 Música de câmara
18.30 Temas de história, por Mariam Pereira
19.00 Música concreta
19.10 Suite n.º 3 em ré maior BWV 1068, de Bach, pela Orquestra de Câmara de Jena François Paillard, dir. por Jean François Paillard

rádio

19.29 Concerto n.º 24 em dó menor K. 491, para piano e orquestra de Mozart,
20.00 Jornal da noite
21.30 Música de bailado — suite de bailado de Lully, pela Orquestra Alexandre Scarlatti
22.30 Música de violoncelo
23.55 Canções de Mozart, pelo soprano Teresa Stich-Randall. Ao piano Jacqueline Bonneau
00.20 A sinfonia n.º 2 em ré maior op. 73, de Brahms, pela Orquestra Filarmónica de Viena, dir. por Rafael Kubelik.
01.00 Fecho.

Programa estereofónico — MF 2

21.15 Música ligeira variada
22.00 «Paixão segundo S. João», de Bach
00.00 Imagens de Debussy, pelo pianista Arturo Benedetti Michelangelli
00.30 Quarteto em ré maior op. 45, de Roussel, pelo quarteto Loewenguth
01.00 Fecho.

Rádio Clube
Onda Média

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 Programa movimento
20.40 Programa movimento — rádio teatro
21.03 Rádio «placard»
21.32 Quando o telefone toca
22.05 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Varatojo conta-lhe....
23.30 No mundo aconteceu

rádio

02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Rádio Renascença

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Diálogo
18.22 Palavra do dia — no final terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00 (Jornal do serviço de noticiários e reportagens de Rádio Renascença
19.25 Leitura do programa
19.30 Página 1
21.04 Meditando
21.08 Selector
21.30 Livros e leituras
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.05 A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Graça

Das **06.00** às **11.00** e das **17.00** às **22.00**

Rádio Voz de Lisboa

Das **11.00** às **17.00**

Clube Radiofónico de Portugal

Das **14.30** às **17.00**

Rádio Peninsular

Das **22.00** às **02.00**

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO H 1
(TODA A NOITE)

AJUDA
Lopes, Rua do Cruzeiro 117 (Telef. 633288)
ALFAMA
Arnali, Rua das Escolas Gerais, 56-C (Telef. 863940)
ALTO DE S. JOÃO
Nova Luz, Rua Domingos Jardo, 28-A (à Praça D. Afonso III) (Telef. 843439)
ALVALADE
Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (Telef. 712070); Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 54-A (Telef. 710465); Onilda, Av. João XXI, 13-A (Telef. 726848)
AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (Telef. 40592); Miranda, Campo Pequeno, 36-B (Telef. 770776); Universal, Rua Actor Taborda, 5 (Telef. 44158)
BAIRRO ACTORES
Nobel, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental), Telef. 842152)
BAIRRO DAS COLÓNIAS
Colonial, Rua Forno do Tijolo, 40 (Telef. 841122)
BAIXA
Centro Farmacêutico, Ruas das Portas de Santo Antão, 86 (Telef. 321211)
BENFICA
Sousa, Estrada de Benfica, 429-A (Telef. 780027 e789965)
CAMPO PEQUENO
Miranda, Campo Pequeno, 36-B (à Av. Sacadura Cabral) (Telef. 770776)
CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C (Teled. 650760)
ESTRELA
Paivas e Parente, Rua de Santo António, 98 (Telef 665196)
LAPA
Silva, Rua S. João da Mata, 72 (Telef. 661010)
LUMIAR
Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Telef. 790942)
MARVILA
Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (Telef. 381612)
OLIVAIS
Higiene, Rua Cidade Vila Cabral, lote 43 (Olivais Sul) (Telef. 310026)
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Pichaleira, 140-B/C (Telef. 720703 e 728395)
REGO
Pratas e Mora, Rua da Beneficência, 91 (Tel. 773728)
RESTELO
Tânara, Rua Rodrigo Reinel, 3-A (a Encosta do Restelo) (tlef. 611814)
SANTO AMARO
Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-çB (tlef. 637020)
S. MAMEDE
S. Mamede, Rua da Escola Politécnica, 82-B (Telef 660280)
SOCORRO
Tavares, Rua da Palma 194 (Telef. 863350)

TURNO H 2
(ATÉ ÀS 22 HORAS)

AJUDA
Boa Hora, Rua dos Quartéis, 25 (Telef. 637777)
ALTO DO PINA
Zional, Rua Morais Soares, 56-C (Telef. 847708)
ALVALADE
Neuroterapia, Campo Grande, 138 (Telef 774682); Ideal, Av. Alm. Gago Coutinho, 49-A (Telef. 712803)
ANJOS
S. José, Rua dos Anjos, 41 (Telef. 50730)
AREEIRO
Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Av. João de Deus) (Telef. 724941)
ARROIOS
Oriental de Lisboa, Rua de Arroios, 215 (Telef. 45079)
AVENIDAS NOVAS
Cardeira, Av. Duque de Ávila, 32-C (esquina da Av. da República) (Telef. 43495)
BAIRRO AMÉRICA
Martins, Rua Fernão de Magalhães, 33 (Telef. 849448); Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 (Telef. 310172)
BAIXA
Unite, Rua da Vitória, 21 (Telef. 323793)
BENFICA
Benfica, Estrada de Benfica 678-B (Telef. 702532)
CAMPO DE OURIQUE
Porfírio, Rua Francisco Metrass, 50 (Telef. 663349)
CAMPOLIDE
Central, Rua General Tabordа, 17 (Telef. 680304)
CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa 33 (Telef. 780181)
CONDE REDONDO
Salutar, Rua Conde Redondo, 9-A (à Rua Gomes Freire) (Telef. 533411)
LUMIAR
S. Tomé, Estrada do Desvio, lote 12-C (Telef. 790704)
S. BENTO
S. Bento, Rua dos Poiais de S. Bento, 73 (Telef. 679573)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sagres, Avenida Luís Bivar 69 (Telef. 47213)
XABREGAS
Romana, Rua Actor Augusto de Melo, 7-A (Telef. 383800)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. C. G. Guerra, 166 (T. 213953)
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039)
OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, Lote 10 (T. 2430691)
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (T. 2471204)
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, R. 9 de Abril, 24 (T. 263052)
ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191)
CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (T. 280141); Cascais, R. Conde de Monre.º das Caixas (T. 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (T. 934589); Campos, R. Elias Garcia, 185 (T. 930072); Clabel, R. António Sardinha, 23-D (T. 938551)
DAMAIA
Confiança, E. Militar, Lote D (T. 9710231)
VENDA NOVA
Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161)
QUELUZ
André, av. Elias Garcia, 151 (T. 950043); Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 951841)
CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (T. 2940034)
MEM MARTINS
Química, E. mem Martins, 285 (T. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980456)
SINTRA
Misericórdia, L. Dr. Gregório de Almeida (T. 2930391)
COLARES
Abreja (T. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020)
ALMADA
Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco da Costa, Lote 1 (T. 27197)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E. Nacional, 178-A (T. 2040302)
BARREIRO
Mascarenhas Neto, R. Almeida Garrett, 1 (T. 2072141)
COVA DA PIEDADE
Louro
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029)
MONTIJO
Higiene, R. Joaquim Marques, 142 (T. 230370)
SESIMBRA
Leão, AV: Salazar, 13 (T. 229471)
SETÚBAL
Soromenho, P. Machado Santos (T. 22691); Alice, P. do Quebedo (T. 23743)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560)

PORTO

4.º TURNO

SUB TURNO A

Boavista (da), Rua da Boavista, 601; Cosme, Rua Costa Cabral, 584; S. Diniz, Rua S. Diniz, 428; Soeiro, Rua Santos Pousada, 71; Vitalis, Praça da Liberdade, 34-37.

SUB TURNO B

Alberto Ferreira, Rua da Estação, 100; Antero do Quental, Rua Antero de Quental, 520; Antunes, Rua do Bonjardim, 485; Cardona dos Santos, Rua D. Manuel II, 90; Herculano, Rua Alex. Herculano, 384.

COIMBRA

TURNO C

M. Nazaré, Av. João das Regras, 132 (Tel. 23033; Figueiredo, R. da Sofia, 107-109 (Tel. 22837); S. José, Arcos do Jardim, 41 (Tel. 24697)

Sindicato dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa

SECTOR DE CERÂMICA

Convocam-se todos os trabalhadores deste sector para uma reunião de sócios a realizar no dia 12 de Setembro, pelas 21.30 horas, na Rua do Alecrim, n.º 46-1.º, com a seguinte Ordem de Trabalhos :

I — Delegados Sindicais

II — Contratação

cinemas ● cinemas ● cinemas

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15, 18.30 e 21.45
4.ª Semana!
Para todos - Colorido - Walt Disney apresenta «PATO DONALD E C.ª» A grande parada das férias.

AVIZ (T. 47163)
15.30, 18.30 21.45
Não aconselhável a menores de 13 anos 2.ª Semana!
O novo Trinitá O MEU NOME É NINGUÉM com Terence Hill e Henry Fonda

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 e 21.45
2.ª Semana! Technicolor. Não aconselhável a menores de 18 anos
um filme que as mulheres devem, ver «DIÁRIO ÍNTIMO DE UMA MULHER»

CASINO ESTORIL (T. 264521/234946)
17.00 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Eastmancolor
A PISCINA com Alain Delon e Romy Schneider

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.30, 18.30 e 21.45
Eastmancolor (Grupo D - 18 anos)
3.ª Semana! um novo Truffut «UMA BELA RAPARIGA»

CINEARTE (T. 660446)
15.30 e 21.30
Grupo D (18 anos)
O CLUBE DA ALEGRIA com Eddy Arent e Gunther Philip

CONDES (T. 322523/326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
18.ª e Última Semana! Colorido Julie Christie e Donald Sitherland AQUELE INVERNO EM VENEZA o acto de amor ... como jamais foi visto no écran «The Sun»

ESTÚDIO APOLO (Tel. 763319)
15.15 - 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA! (Grupo D - 18 anos)
Technicolor. A obra prima de Federico Fellini «JULIETA DOS ESPÍRITOS»
24.00
Grupo D (18 anos)
«Acção à Meia-Noite»
O CÍRCULO VERMELHO com Alain Delon

EDEN (T. 320768)
15.30, 18.30 e 21.45
Não aconselhável a menores de 13 anos 2.ª Semana!
O novo Trinitá O MEU NOME É NINGUÉM com Terence Hill e Henry Fonda

ESTÚDIO (T. 55 51 35)
15.30, 18.30 e 21.45
6.ª Semana!
(Interdito a menores de 18 anos
Marcello Mastroianni, Ugo Tognazzi, Philippe Noiret, Michel Piccoli e Andrea Ferrol «LA GRANDE BOUFFE (A GRANDE FARRA), um filme de Marco Ferreri.
Este filme contem cenas eventualmente chocantes.
Direcção dos Serviços de Espectáculos
Metro: Alameda

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30, 18.20 e 21.45
3.ª Semana! Eastmancolor (Grupo D-18 anos) Um novo Truffaut «UMA BELA RAPARIGA»

EUROPA (T. 661016)
15.15 - 21.30
3.ª Semana! Colorido. Não aconselhável a menores de 18 anos
BILLY JACK com Tom Laughlia e Delores Taylor.

IMPÉRIO (Tel. 555134)
15.15 - 18.30 e 21.45
4.ª Semana! Não aconselhável a menores de 18 anos. Um filme de William Wyler com Lee J. Cobb e Lola Falana «O PREÇO DO SILÊNCIO»
18.30
Grupo C (14 anos)
«Sessão Clássica»
KING KONG uma das obras-primas do cinema de todos os tempos (Elliot Stein) com Fay Wray e Robert Armstrong

LONDRES (Tel. 801313)
14.15 - 16.30 - 18.45 e 21.45
Interdito a menores de 18 anos
7.ª Semana! Colorido - o filme de Luis Buñuel finalmente em Portugal «BELLE DE JOUR» - Catharine Denueve.

MONUMENTAL (T. 55 51 31)
15.15 e 21.30
Não aconselhável a menores de 13 anos
4.ª Semana! Colorido
A MULHER DO PADRE, com Sophia Loren e Marcello Mastroianni.

MUNDIAL (T. 538743)
21.45
Grupo D (18 anos)
Noige de estreia. Technicolor
Nanette Newman e Hywel Bennett PÍLULA OU NÃO... EIS A QUESTÃO
15.15 e 18.30
Interdito a menores de 18 anos
BELA, RICA, COM PEQUENO DEFEITO FÍSICO, PROCURA CAVALHEIRO

ODEON (T. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos) 3.ª Semana!
As artes marciais num inferno de crime A MAIS BRAVA VINGANÇA com a rainha do «karate» Ling Feng uma invencível rapariga em alucinantes combates de Kung-Fu (box chinês)

OXFORD (CASCAIS)
16.00 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Sinbad luta pela vida numa aventura espectacular jamais vista A NOVA VIAGEM DE SINBAD com John Phillip Law e Caroline Munro

PATHÉ (T. 821933)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Interdito a menores de 18 anos
2.ª Semana! Colorido
Os desejos eróticos da mulher... MULHERES ACORRENTADAS

POLITEAMA (T. 326305)
15.15, 18.15 e 21.45
Grupo D (18 anos)
7.ª Semana da divertida audácia em «sensualidade»
EMPRESTA-ME O TEU MOTORISTA com Lando Buzzanca num super-macho. Que tinha ele a mais para ser desejado pelas mulheres?

RESTELO (T. 610375)
21.30
Grupo D (18 anos)
Color
Um emplogante filme de acção DILLINGER com Warren Oates e Ben Johns

ROYAL (T. 875037)
15.00 e 21.00
Grupo D (18 anos)
PROJECÇÃO PROVADA em complemento MADEMOISELLE DE MAUDIN

ROMA (T. 727778)
15.30, 18.30 e 21.45
Não acnselhável a menores de 13 anos 2.ª Semana!
O novo Trinita O MEU NOME E NINGUÉM com Terence Hill e Henry Fonda

ROXI (T. 48560)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos) 5.ª Semana!
O célebre filme de Eric Rohmer uma crónica de amor livre! A COLECCIONADORA com Hayde Politoff, Patrick Bauchau e Mijanou
Metro: Intendente

S. JORGE (T. 54154/54153)
15.15, 18.15 e 21.30
Interdito a menores de 18 anos
5.ª Semana!
O ULTIMO TANGO EM PARIS
Aviso ao público: este filme contém cenas eventualmente chocantes
Direcção dos Serviços de Espectáculos

SATÉLITE (T. 56 26 32)
15.30, 18.30 e 21.45
6.ª Semana!
Interdito a menores de 18 anos
Marcello Mastroianni, Ugo Tognazzi Philippe Noiret, Michel Piccoli e Andrea Ferrol «LA GRANDE BOUFFE (A GRANDE FARRA), um filme de Marco Ferreri.
Este filme contém cenas eventualmente chocantes.
Direcção dos Serviços dos Espectáculos

TIVOLI (T. 570595)
15.15 e 21.15
4.ª Semana!
Grupo B (10 anos)
Technicolor 70 m/m
O maior filme de todos os tempos! OS DEZ MANDAMENTOS

VOX (T. 720808)
15.15, 18.30 e 21.45
Interdito a menores de 18 anos
16.ª Semana!
A comédia n.º 1 do ano MALÍCIA com a «boa» Laura Antonelli

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MARIA MATOS
21.45 (13 anos)
«Português, Escritor, 45 Anos de Idade»

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«O Último Fado em Lisboa»

LAURA ALVES
20.45 e 23.00 (18 anos)
«A Pai Adão»

LISBOA/Cinemas

COLISEU
21.30 (18 anos)
«A Beira da Vergonha» (Milagre de Amor)

PARIS
21.00 (13 anos)X
«Curvas nas Férias»

OLÍMPIA
19.00 (14 anos)
«O Regresso de Tarzan»

JARDIM CINEMA
21.00 (18 anos)
«Fim-de-uemana Ilegítimo»

CINE-MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«Para Mim as Mulheres, Nem Fu Nem Fa»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
«Voltando aos Bons Velhos Tempos»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (18 anos)
«Sem Motivo Aparente»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.00 (18 anos)
«Um Homem Livre»

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (10 anos)
«Muito Obrigado sr. Scrooge»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (18 anos)
«A Piscina»

ESTORIL
Esplanada
21.30 (18 anos)
«Um Tipo Duro de Roer»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Big Boss — o Implacável»

CASCAIS
Oxford
16.00 e 21.45 (10 anos)
«A Nova Viagem de Sinbad»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível Almadense
21.15 (18 anos)
«Ligações Amorosas»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (14 anos)
«A Amante de Nelson»

PORTO/Cinemas

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Curvas Nas Férias

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«Uma História Perversa»

CARLOS ALBERTO
21.30 (18 anos)
«A Bela e o Monstro» e «Arabela»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«O Ultimo Tango Em Paris»

JÚLIO DINIS
21.30 (18 anos)
«O Espadachim Sem Braço»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (14 anos)
«A Quadrilha Selvagem»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«A Noite dos Mil Olhos»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Bob e Carol e Ted e Alice»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Os detectives»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Helena a grega»

ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Venha Tomar Café Connosco»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Inquérito a um cidadão acima de qualquer suspeita»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«O justiceiro do TXEXAS»

TERÇO
21.30 (10 anos)
«Os Três Mosquiteiros»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«As Noites do Delicadinho»

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«O Belo Negócio»

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«A Apaixonada»

BARS BOITES restaurantes típicos

DANCINGS

NINA Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.
Zorina, vedeta inglesa de «sexy».

ESPADARTE CLUB — SESIMBRA. Discoteca e acidentalmente fado ou música de folclore interp. por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos. T. 229189.

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Varedades internacionais T. 26461/264526/264896/264621/264946.

HIPOPÓTAMO — Com Mário Simões Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.

CACO — Dancing com música ambiente com sibular quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.

DL
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º E 4.º
TELEF. 65453 1/2/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5 320271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

TOURADA À PORTUGUESA
Organizada por Nuno Salvação Barreto.
Integrada na Campanha "Um Dia de Salário para a Nação"
CAVALEIROS
MANUEL CONDE/DAVID R. TELLES
MALDONADO CORTES/MIGUEL
DA VEIGA/ALFREDO CONDE
JOSÉ JOÃO ZOIO/VARELA CORVO
(amador)
Forcados Amadores de Lisboa capitaneados por Nuno Salvação Barreto
6 — TOIROS — 6 de Ortigão Costa
Grupo A - maiores 6 anos
CAMPO PEQUENO
AMANHÃ, ÀS 22 Horas

EXTERNATO GIL VICENTE
RUA GENERAL GARCIA ROSADO, 10-R/C.
Junto ao Hospital da Estefânia — Telef. 56 27 58.
ADULTOS
AULAS: MANHÃ, TARDE E NOITE
SÁBADOS LIVRES
ABERTAS AS INSCRIÇÕES — PREÇOS ACESSÍVEIS

NACIONAL

Cumprir o acordo de Lusaka

— propósito de Vitor Crespo

Continuação da pág. 1

. O Alto-Comissário em Moçambique que na cerimónia de posse apontava a importânciade apoio, à sua acção, do Governo Provisório, das Forças Armadas, e das forças progressitas de Portugal, recebeu à partida, no aeroporto, cumprimentos do Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, general Costa Gomes, e dos ministros da Defesa Nacional, dos Negócios Estrangeiros e da Coordenação Interterritorial, do brigadeiro Otelo Saraiva de Carvalho, além de outras altas individualidades civis e militares.

Vou para Moçambique com a esperança de que a serenidade volte ao povo moçambicano, declarou-nos o almirante Vítor Crespo, para de seguida expressar a sua preocupação pelo restabelecimento da **ordem e calma na cidade de Lourenço Marques**, e anunciar que os responsáveis pela rebelião dos rascistas brancos seriam **naturalmente julgados**. No mesmo momento, o ex-membro do Conselho de Estado referiu que a sua ida para aquele território implicaria alterações de comandos militares, e que não existia qualquer razão para a agitação social aí observada, já que os acordos de Lusaka asseguravam pessoas e bens. Precisou também que as Forças Armadas restabeleceriam a ordem e a paz **sem derramamento de sangue** com simples operações de policiamento.

Ao anunciar que na próxima semana estaria provavelmente constituido o Governo de transição de Moçambique, previsto no acordo de Lusaka, o almirante Vítor Crespo declarou ainda:

. **O Partido de Moçambique é a Frelimo apoiado pelo povo. Nós não temos dúvidas em Lisboa que o Partido, o grande Partido de Moçambique, é a Frelimo. (...)**

. **Não conheço outros partidos em Moçambique.**

Apraz-nos registar o alto significado político destas declarações, que confirmam a elevada estatura moral de Vítor Crespo, antes salientada emocionadamente pelo Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves.

A poucas horas de partirmos para Lourenço Marques, e com a rebelião dos brancos colonialistas praticamente dominada pelo Exército Português, importa retirar algumas considerações sobre os graves acontecimentos registados na capital moçambicana.

Assim, deve desde já salientar-se a deficiente informação recebida na Metrópole. Se a agência «Lusitânia», de nome a «mais portuguessíma das agências portuguesas de informaçõjes», primou pelo «patriótico dever» de divulgar os comunicados dos rebeldes colonialistas brancos, não é menos verdade que as agências internacionais, dominadas pelo capital internacional e defensoras da generalidade dos seus interesses, não nos transmitiram informações claras, ou que pelo menos nos permitissem uma compreensão eficiente do processo colonialista em curso. Anomalia, de resto, apontada pelo próprio Governo Provisório. Por isso se entende a urgência de proceder ao reconstruir cronológico dos factos descrevendo-se o mais amplamente possível os seus executores, apoios e consequências, para que deles se retirem todas as lições conducentes à impossibilidade do aparecimento de acções opostas ao acordo de Lusaka. Uma das conclusões a anunciar, desde já, é que os grupos políticos fantoches, aderentes à rebelião dos fascistas brancos, os grupos políticos de Joana Simeão, de Uria Simango, de Kavandame, e de outros traidores da Frelimo, não representam senão os seus próprios interesses egoístas, e sa5o autênticos lacaios dos racistas colonialistas brancos, e dos interessee por estes prosseguidos.

Por outro lado, a promolgação pelo Presidente da República acordo de Lusaka, no próprio dia da chegada dos negociadores portugueses, representa, no mínimo um repúdio implícito às manobras das minorias brancas activistas. Esse repúdio foi firmemente reafirmado pelo general Costa Gomes, pelo Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves, e pelo Movimento das Forças Armadas, que demarcaram claramente, neste momento, a sua vocação descolonizadora.

Samora Machel, presidente da Frente de Libertação de Moçambique, e um dos mais lúcios dirigentes do Terceiro Mundo, assumiu nesta crise, que nos primeiros momentos poderia ter sido estendida como uma traição portuguesa, uma atitude a todos os títulos correcta. Ao proclamar o cessar-fogo total entre as Forças Populares de Libertação de Moçambique e as Forças Armadas Portuguesas, Samora Machel defendeu a aliança revolucionária entre ambas as partes, de modo a neutralizar e impedir o avanço do colonialismo. Procurando salvaguardar a paz, que o acordo de Lusaka instituira, o primeiro guerrilheiro da Frelimo fez um amplo apelo às massas no sentido duma efectiva vigilância contra as manobras colonialistas, e exortou os guerrilheiros à disciplina revolucionária capaz de aniquilar as atitudes aventureiristas e reaccionárias, e de excluir qualquer operação militar contra as Forças portuguesas.

Prova desta hipótese é a condenação geral pelos países africanos da tentativa de alguns colonialistas de impedir a independência de Moçambique nos termos acordados em Lusaka. A este propósito, o Ghana advertiu claramente a Africa do Sul e a Rodésia para se não intrometerem no presente processo, e assegurou que defenderá o acordo estabelecido entre Portugal e a Frelimo. Por outro lado, Mobua, dirigente da OUA, em mensagem enviada a Machel, exprimiu a indignação daquela Organização pelos arontecimentos verificados em Lourenço Marques, e garatiu que «os povos de Africa saberão apoiar a Frelimo na sua luta», e a «marcha inexorável para a independência do povo de Moçambique.»

A paz em Moçambique passa necessariamente pelo cumprimento integral do acordo de Lusaka. A paz da Africa Austral passa obrigatoriamente pela paz em Moçambique. Este o corolário histórico e político resultante do feliz fracasso da tentativa colonialista duma minoria activista de brancos racistas. Registe-se, neste sentido, a ausênsia de apoio significativo da população branca, a qual na sua grande maioria aderiu já ao programa da Frelimo. Todavia, este fracasso não pode transformar-se numa tentativa das Caldas da Rainha de sinal cotrário. Para que não hajam mais tentativas impõe-se a nossa vigilância. Defender e exigir o cumprimento efectivo do acordo de Lusaka constitui uma tarefa histórica essencial que pertence também ao povo português. O 25 de Abril foi originado por forma activa das armas dos guerrilheiros de Angola, de Moçambique e da República da Guiné-Bissau. O pulsar da descolonização portuguesa percorre longo caoinho marítimo para a Índia. A defesa e prolongamento do 25 de Abril segue necessariamente a rota de Vasco da Gama. Por isso Vítor Crespo vai no rumo certo. O que se passa em Lourenço Marques é decisivo para Lisboa, mais do que o contrário.

JOSÉ A. SALVADOR

VIAGENS EXCURSÕES CRUZEIROS
paneuropa
Braamcamp, 11/ Telef 563401/ Lisboa
FUNCHAL 5 dias
Partidas às 6.as-feiras — 6 — 13 — 20 de Setembro
Preço por pessoa: Esc. 2.980$00
COMPREENDENDO:
Estadia em Hotel * * * estrelas com Piscina, em quartos duplos com banhos, em regime de meia pensão, traslados de Aeroporto / Hotel / Aeroporto. Meio dia de visita ao Funchal.

SE PROVAR
CASTELÕES
SÓ PEDIRA
CASTELÕES
Castelões é um queijo pasteurizado, amanteigado e de superior qualidade

NOTAS VÁRIAS

REESTRUTURAÇÃO DO TURISMO

O Turismo em Portugal, que no ano passado forneceu ao País mais de doze milhões de contos e que emprega cerca de 75 000 pessoas, foi objecto de uma reunião promovida pelo Conselho Nacional do Turismo, a que presidiu o secretário de Estado do Comércio Externo e Turismo, dr. Vera Jardim. Presentes os representantes ligados aquela actividade, e dos vários departamentos do Estado a ela relacionados. Foram focados vários problemas imediatos da estrutura turística, nomeadamente a criação de verdadeiras infra-estruturas, democratização do turismo e a criação de novas formas de turismo. Aquele Conselho, a quem pertence a iniciativa do programa «Faça Férias Portuguesas», que reduz substancialmente o preço das dormidas nos hóteis, reconhece a necessidade de, futuramente, convocar reuniões regulares.

CAMPANHA ANTI-RUÍDOS

Visando reduzir a poluição sonora, cada vez mais acentuada em Lisboa, a P.S.P. iniciou a noite passada a campanha anti-ruído no tráfego. Actuando com um sonímetro de alta sensibilidade, aparelho usado pela primeira vez no nosso País, os agentes detectaram no cruzamento das Avenidas de Roma e dos Estados Unidos, uma motocicleta, uma motoreta e um automóvel desportivo. A cada um deles foi aplicada a multa de 500 escudos e apreensão do livrete até o veículo estar reparado.

NOVAS NOTAS DE 20 E 50 ESCUDOS

Nas notas de vinte e cinquenta escudos, Santo António e a rainha Isabel vão ceder o lugar a Garcia de Orta e à infanta D. Maria. O cientista de Quinhentos figura nas notas de vinte, representado por um busto enquanto no verso se poderá ver uma vinheta representando o mercado de Goa no século XV, com várias figuras com a indumentária da época.

O verso da nota de cinquenta escudos será uma gravura romântica de Sintra.

MENSAGEM DE BOUMEDIENNE A SPÍNOLA

ARGEL, 11 — (R.) — O acordo assinado em Lusaka entre o Governo português e a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) constituiu a espantosa ilustração da iniciativa portuguesa — declarou o presidente Houari Boumediène, da Argélia, numa mensagem endereçada ao Presidente da República Portuguesa, general António de Spínola.

O dirigente argelino saúda com «grande satisfação» os concretos e louváveis esforços de Portugal e exprime as suas «sinceras felicitações» ao Presidente Spínola, salientando que o acordo de Lusaka confirma a vontade do Povo Português e dos seus governantes de pugnarem pelo estabelecimento de uma nova era nas relações de Portugal com a Africa.

Em mensagem semelhante ao seu colega português, dr. Mário Soares, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Abdelaziz Bouteflika, afirma que a Argélia, associada natural de Portugal no Mediterrâneo, está convencida de que o Governo português prosseguirá os seus esforços para a descolonização de Angola e de S. Tomé e Príncipe.

Peralta ainda não foi libertado

Espera-se a todo o momento a libertação do capitão cubano Pedro Peralta. Efectivamente a sua libertação será concretizada, logo após a troca de prisioneiros entre as Forças Armadas Portuguesas e o PAIGC, que deveria ter realizado, ontem, a partir do momento em que foi reconhecida a independência da República da Guiné-Bissau pelo general Spínola.

A troca de prisioneiros foi atrasada, por motivos técnicos Nessa altura, **«o caso Peralta»** estará terminado.